



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
CAMPUS UNIV. DEP. EST. “RENÊ BARBOUR”
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL - PPGECH**



BENILTON PEREIRA KOGÉBOU

**MEU NOME É *KOGÉBOU*: A NOMINAÇÃO *BOE BORORO* E SEUS
SIGNIFICADOS NO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA**

Barra do Bugres-MT

2025

BENILTON PEREIRA KOGEBOU

**MEU NOME É *KOGEBOU*: A NOMINAÇÃO *BOE BORORO* E SEUS
SIGNIFICADOS NO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA**

Dissertação do Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural (PPGECII) da Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, Campus Universitário Dep. Est. Renê Barbour, comorequisito parcial para obtenção do título de mestre em “Ensino em Contexto Indígena Intercultural”.

Orientadora: Profa Dra. Mônica Cidele da Cruz

Barra do Bugres-MT

2025

Ficha catalográfica elaborada pela Supervisão de Bibliotecas da UNEMATCatalogação de Publicação na Fonte.
UNEMAT - Unidade padrão

K78l Kogebou, Benilton Pereira.

Meu nome é Kogebou: a nomeação Boe Bororo e seus
significados no ensino de língua materna / Benilton Pereira
Kogebou. - Barra do Bugres, 2025.
109f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes
Maldonado", Ensino em Contexto Indígena Intercultural/BBG-
PPGECII - Barra do Bugres - Mestrado Profissional, Campus
Universitário de Barra do Bugres "Deputado Renê Barbour".
Orientadora: Mônica Cidele da Cruz.

1. Educação Escolar Boe Bororo. 2. Nomeação. 3. Cultura. 4.
Língua Materna, Ensino. I. Cruz, Mônica Cidele da. II. Título.

UNEMAT / MT

CDU 37(1-82):811.134.3

BENILTON PEREIRA KOGEBOU

MEU NOME É *KOGEBOU*: A NOMINAÇÃO *BOE BORORO* E SEUS SIGNIFICADOS NO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

Dissertação do Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural (PPGECII) da Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, Campus Universitário Dep. Est. Renê Barbours, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em “Ensino em Contexto Indígena Intercultural”.

Aprovado (a) em 05 de maio de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **MÔNICA CIDELE DA CRUZ**
Data: 08/05/2025 12:59:30-8300
Verifique em <https://validar.br.gov.br>

Profa. Dra. Mônica Cidele da Cruz
Orientadora (UNEMAT/PPGECII)

Documento assinado digitalmente
 **WALDINEIA ANTUNES DE ALCÂNTARA FERREIRA**
Data: 08/05/2025 08:00:37-8300
Verifique em <https://validar.br.gov.br>

Profa. Dra. Waldineia Antunes de Alcântara Ferreira
Examinadora Interna (UNEMAT/PPGECII)

Documento assinado digitalmente
 **ALCEU ZOIA**
Data: 08/05/2025 15:56:09-0300
Verifique em <https://validar.br.gov.br>

Prof. Dr. Alceu Zoia
Examinador Externo ao Programa (UNEMAT)

Documento assinado digitalmente
 **ANA PAULA BARRIOS BRANDÃO**
Data: 06/06/2025 14:37:34-8300
Verifique em <https://validar.br.gov.br>

Profa. Dra. Ana Paula Brandão
Examinadora Externa - Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao *Pao Aroemejera* (Deus), por ele ter sempre me protegido durante a minha jornada de estudo, por ter me dado o dom da sabedoria para concluir o mestrado, pois sei que não fácil, tudo foi plano de Deus. Nunca foi sorte, sempre foi Deus escrevendo minha história do jeito que sempre sonhei.

Agradeço ao meu pai (*iuga*) Benedito Pereira Bakorokaru, e minha mãe (*muga*), Maria Leda Marido, por me incentivarem a estudar desde criança, e pela educação que me deram para seguir o caminho do bem, pois tudo que sou hoje, devo à educação que os meus pais me deram. Agradeço pelo apoio e incentivo que tiveram comigo, me dando forças para eu não desistir do mestrado e, também, por ter acreditado em mim.

Agradeço a minha esposa, Lindianara Koibo Batacreda, por acreditar em mim e por me incentivar a nunca desistir dos meus estudos, pois sem o seu apoio e incentivo, eu não conseguiria concluir o curso. Agradeço por estar comigo neste momento tão especial de conclusão do mestrado.

Agradeço as minhas filhas Pâmela Pereira Butogenaudo, Paola Sibebe Pereira Batare Eiagomea e Poliana Pereira Barubo Ekureudo, pelo apoio e carinho que tiveram por mim, e por sonhar comigo este momento tão especial.

Agradecimento, especial, a minha orientadora, professora Mônica Cidele da Cruz, pela paciência que teve comigo durante a orientação, pois sem a orientação dela não conseguiria concluir. Agradeço por acreditar em mim, dizendo sempre que eu conseguiria terminar o mestrado e, também, por ter aceitado me orientar neste meu trabalho.

Agradeço aos anciãos da minha aldeia que contribuíram muito para que eu conseguisse concluir o meu trabalho. Meu agradecimento especial ao nosso ancião Joaquim Burudui (*in memoriam*) pela paciência e contribuição para o meu trabalho.

Agradeço a todos os meus colegas professores(as) da Escola Estadual Indígena Korogedo Paru, pelo apoio e incentivo, durante a pesquisa, e por ter acreditado em mim.

Agradeço a todos da minha comunidade *Boe Bororo* da aldeia Córrego Grande, pelo apoio e confiança em minha pesquisa.

Agradeço ao programa de pós-graduação, *Ensino em Contexto Indígena Intercultural*, por ter me dado essa oportunidade de concluir o mestrado, pois graças a esse programa, agora posso dizer que sou Mestre Indígena *Boe Bororo*.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho as minhas filhas *Butogoenaudo*, *Batare Eiagomea* e *Barubo Ekureudo*, por ter sonhado comigo esse momento tão especial. E, também, dedico ao meu povo *Boe Bororo* da aldeia Corrego Grande, por eles terem acreditado que eu conseguiria concluir este mestrado.

“Essas manhas, eu acho, não tenho dúvida alguma, de que não seria no meio desses índios que essas manhas não existam. Há 480 anos eles são obrigados a serem manhosos” (Freire, 1982, p. 5).

RESUMO NA LÍNGUA *BOE BORORO*

Awu bapera keje padu mode nuba boe ego kigodure pui tugie boe ewadaru tabo, awu maigodu boe etore etaidukare tumagowo pui tugie boe ewadaru tabo pugeje, dukodire ire awu bapera atugodo, nowu boe etore kugure ekie paduwo keje, imeadare eduwa mode nowu tugie kodure kaoboeji, etaidumode tumagowo pui tugie boe ewadaru tabo, nowu boe ekiedodu paga karegure, kodiboere. Iadukeje kiego, barege, kare, pogubo, Korogedo, boe ekiedodu paga karege, boe ekie nure tuwoboe ekie tabo, ainore ure. Ire awu bapera atugodo nowu boe eduware ji boe rogo boe tabo, nowu boe eimejera ure ioduwado jiboe rogu boere ire bu awu bapera keje, bapera epage, nowuia areme doge, emagore jiboe rogu boere ire bu atugodo awu bapera keje. Awu bapera mode turugadu dukeje, bapera epage boe emarogodu mode tabo. Awu bapera towujedure nowu pagimejera Joaquim Batista Burudui apo (in memoria) emare ure iorduwado nuba boe egore boe eidodu jiboe rogu boeji, itaiwore nowuia bapera ji enciclopédia boe ewadaru tabo ji nowuia bapera dicionário boe ewadaru tabo ji. Imaragodure awu bapera tabo, nowu boe etore mugure bapera kejeuge ebo 1º ano do ensino fundamental nowu 6º ano do ensino fundamental II, imaragodure ebo meri čakuri je, imara godure ebo ekie jiboe rogu tabo. Awu imaragoda e kodi boere awu bapera epage kugure ebo, ia meri keje imaragodure bapera jitu keje, imagore ino baperato ekie boe ewadaru tabo, imagore ei ekie boe ewadaru tabo eduwakare pudui inagoino duji, imagore ewogai ekie boe tabo emago godu kare iwadaru jipagi, dukodire imi bapera epa ire awu bapera atugodo ekie rogu boe tabo, imorora magadure ei erijodu mode eduwa mokare tugie boe ewadaru bogai. Imedare awu escola keje bapera epage emode boe etore eduwa pemegado nowu boe ekiedodu jiboeji, nono jamedu bapera epage mode eduwa pemegado boe ewadaru ji jamedu, awu pabera imeadade umode turugado dukeje ia etaidu mode tuioduwawo tugie jiboeji etaiwo mode awu bapera ji padumode awu bapera keje. Awu padure awu bapera kejeu pemegare rugadu, kodiba aino nowu boe etore bapera epage eduware nowu tugie jiboe ji, itaiwore ei iodure aino eduwagodure rugadu nowu tugiere kaboeji, imaragodure bapera ji ebo dukeje, imeadure emagore pui duji tugie boe ewadaru tabo, emagore pui taobiji, ewia paga kare i pugeje imagowo pudui, tumagowo pui boe ekie tabo, nowu inodu ure iagaredo i eduwagodure tumagowo pui duji, ire nowu bapera towuje dure dutabo eduwa kare tugie boe ewadaru kodi boeji, imaragodure awu bapera jitu tabo, imagore ei ire eduwado, inagore ainore tagie rogu boere dukejere eduwa godure tumagowo pui tugie boe ewadaru tabo, ire ikiri midu mado etae iwo eduwado dukodire eduwagodure, dukodire etaidu godure tumagowo pui tugie boe ewadaru tabo.

Uwo boe Ewadaru Jadou: Boe Eno Bapera. Boe Eiedodu. Boe Ero Kurireu. Joduwado.

RESUMO

Este trabalho trata da importância do nome na língua materna *Boe Bororo*, prática cultural que, atualmente, está desaparecendo entre as crianças e os jovens, pois estão perdendo o costume de chamar o outro pelo nome na língua materna. Por isso, tem como objetivo principal produzir um glossário com o nome e significados dos alunos, pois acredito que depois que as crianças souberem os significados, vão chamar os colegas pelo nome na *língua* materna, pois nossos nomes, em *Boe Bororo*, têm significados que envolvem a natureza, como pássaros, animais, peixes, rios e córregos, conforme o clã e subclã de cada pessoa. O trabalho foi produzido, a partir dos conhecimentos milenares do meu povo, que buscamos repassá-los de geração em geração. Para realizá-lo, pesquisei com um ancião da aldeia, o senhor Joaquim Batista Burudui (*in memorian*), professores da minha escola, e com algumas mulheres. Pesquisei, ainda, em alguns livros, como a enciclopédia e o dicionário da língua materna *Boe Bororo*. Amparado por esse primeiro momento de pesquisa, trabalhei esse tema com a educação infantil e com as turmas do 1º ano (fundamental I) ao 6º ano do ensino fundamental II, período vespertino, partindo do levantamento dos próprios nomes deles. O meu objetivo em trabalhar com essas turmas foi porque observei em uma das minhas aulas, que quando eu fazia a chamada em sala de aula, por meio do nome *Boe Bororo*, eles não respondiam. Isso reforçou em mim, enquanto professor e, também, enquanto *Boe Bororo*, o quanto era importante reavivar esse conhecimento ancestral, tão importante para nossa identidade. Vi, ali, a escola como um instrumento valioso para ajudar na retomada desse saber e, ao mesmo tempo, como um dos caminhos para fortalecimento de nossa língua materna, indispensável em nosso processo de nomeação *Boe*. O resultado foi muito bom, porque agora os alunos sabem o significado dos seus nomes. Pude observar que eles entenderam a importância dos nomes, pois quando estou em sala de aula lecionando, escuto eles chamarem o outro pelo nome em *Boe Bororo*, sem que sejam cobrados. Assim eles foram aprendendo, pois não foi apenas uma vez que conversei com eles, voltei várias vezes nessa turma para falar dos significados dos nomes e, com isso, vamos retomando a prática da nomeação em nossa língua materna. Assim, desejo que o produto educacional produzido, juntamente, com minha pesquisa, sirva de material de apoio pedagógico para todas as escolas *Boe Bororo*.

Palavras-chave: Educação Escolar *Boe Bororo*. Nomeação. Cultura. Ensino.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: <i>Baito</i> (Casa de cultura)	26
Figura 2: <i>Čeno Moto</i> (Protetoras do território).....	28
Figura 3: <i>Boe Eimejera</i> (chefe de cultura).....	31
Figura 4: Cacique Benedito Pereira Bakorokaru.....	32
Figura 5: Dança do <i>toro</i>	38
Figura 6: Baquité grande.....	40
Figura 7: Criança enfeitada para o <i>Boe Eiedodu</i>	46
Figura 8: Padrinho apresentando seu afilhado	48
Figura 9: Avós com seus netos.....	50
Figura 10: Escola Estadual Indígena Korogedo Paru	56
Figura 11: Calendário Escolar Específico.....	58
Figura 12: Recorte da anotação dos nomes	65
Figura 13: Alunos de 6º ano do fundamental II	71
Figura 14: Alunos do 6º ano pesquisando sobre significado do nome	74
Figura 15: Nomes em Bororo no quadro	74
Figura 16: Organização social do povo <i>Boe Bororo</i>	75
Figura 17: Desenho da organização da aldeia feito por uma aluna	76

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Nome dos alunos das turmas de Educação Infantil	62
Tabela 2: Nome dos alunos do 1º ano	64
Tabela 3: Nome dos alunos da turma 2º ano	66
Tabela 4: Nome dos alunos da turma do 3º ano	67
Tabela 5: Nome dos alunos da turma do 4º ano	69
Tabela 6: Nome dos alunos da turma do 5º ano	71
Tabela 7: Nome dos alunos da turma do 6º ano	77
Tabela 8: Nome dos alunos da turma do 7º ano.....	80

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 NÓS SOMOS <i>BOE BORORO</i>	16
1.1 Burudui narra nossa origem	16
1.2 Um pouco da história do meu povo	21
1.3 Nosso território e nossa aldeia	24
1.4 Nossa organização política e sócio-cultural.....	28
1.5 A organização econômica em nossa sociedade <i>Boe Bororo</i>	35
1.6 A nossa cultura <i>Boe Bororo</i>	36
2 <i>BOE EIEDODU</i> - RITUAL DE NOMINAÇÃO ENTRE NÓS, <i>BOE BORORO</i>	42
2.1 Depoimento do ancião(ã) e de professores(as) sobre a importância e significados dos nomes	42
2.2 Sobre o ritual de nomeação <i>Boe Bororo</i>	46
3 A ESCOLA <i>BOE BORORO</i>	53
3.1 História da escola da aldeia Córrego Grande.....	53
3.2 Situação atual da escola	57
4 A PRÁTICA PEDAGÓGICA EM SALA DE AULA	62
4.1 Da prática pedagógica ao produto educacional	62
4.2 Turma da educação infantil.....	63
4.3 Turmas do fundamental I.....	64
4.3.1 Turma do 1º ano	64
4.3.2 Turma do 2º ano	65
4.3.3 Turma do 3º ano	67
4.3.4 Turma do 4º ano	69
4.3.5 Turma do 5º ano	70
4.3.6 Turma do 6º ano do fundamental II.....	72
4.4 A prática pedagógica sob o meu olhar <i>Boe Bororo</i>	78
4.5 Nosso produto educacional	80
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	86
7 CONHECEDORES DA CULTURA <i>BOE BORORO</i>	87
ANEXO.....	88

INTRODUÇÃO

“Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.”(Paulo freire)

“Umode boe eduwadou joduwamode ture boe eduwadou du tabo”

Este trabalho tem como tema a nominação tradicional (*Boe Eiedodu*), conhecimento milenar do meu povo e contou com a colaboração do senhor Joaquim Burudui (*in memorian*), grande conhecedor da cultura, principalmente, dos nomes da língua materna. Ele era considerado um mestre ou doutor da cultura *Boe*, por esse motivo, a maior parte da minha pesquisa foi realizada com ele. Esta dissertação se insere na linha de pesquisa “Ensino e Linguagens em Contexto Intercultural”, em nível de Mestrado Profissional, do Programa de Pós-Graduação em “Ensino em Contexto Indígena Intercultural”, da Universidade do Estado de Mato Grosso.

O objetivo foi desenvolver uma prática pedagógica para trabalhar a nominação *Boe Bororo* no contexto escolar, em diálogo com a educação tradicional.

Metodologicamente, os caminhos trilhados para a realização desse trabalho de ensino e de pesquisa optou pela abordagem qualitativa (André, 2003), porque descrevo tema de minha pesquisa, durante o processo de ensino e aprendizagem de língua materna, na escola em que sou professor. De acordo com Ferreira (2020, p.17), “na pesquisa o pesquisador observa, seleciona, interpreta e registra as informações. Dessa forma, os resultados deste tipo de pesquisa são expressos na forma de transcrição de entrevistas, narrativas, apresentações de fotografias, desenhos, etc.” É, também, do tipo etnográfico, porque descrevo a vida social do meu povo, a cultura, a forma de organização de nossa sociedade, nossos rituais, num diálogo entre educação *Boe* e educação escolar *Boe*.

No caso específico do meu trabalho, sou pesquisador participante, pois sou professor e meu tema de pesquisa, ritual de nominação *Boe*, é desenvolvido em sala de aula, em diálogo com alunos(as) e pessoas da comunidade.

Na pesquisa do tipo etnográfica, também realizamos entrevistas, pesquisa de campo, a exemplo do que fiz, ou seja, entrevista com um ancião da comunidade sobre o tema do meu trabalho e pesquisa de campo na comunidade, sobre os significados dos nomes, juntamente com meus alunos.

A pesquisa envolveu alunos(as) do ensino fundamental I e II, do 1º ao 6º ano, da Escola Estadual Indígena *Korogedo Paru*, localizada na aldeia Córrego Grande, no município de Santo Antônio do Leverger-MT, e foi realizado nos meses de março, abril e maio de 2024. Com foco no ensino e aprendizagem, ele trata da importância do nome próprio na língua materna *Boe* e seus significados que, para nós, é uma atividade cultural milenar, pois faz parte da nossa identidade como *Boe Bororo*, sem contar, que nossos saberes tradicionais estão inseridos no currículo da escola.

A realização da pesquisa é um ato político linguístico e cultural, pois atualmente, as crianças e os jovens estão perdendo o costume de chamar um ao outro pelo nome em *Boe*, prevalecendo a prática de se identificar e chamar os outros pelo nome do *baraedu* (branco). Identificar-se pelo nome tradicional clânico vem perdendo força entre as crianças e os jovens, e isso tem sido motivo de preocupação entre os profissionais da educação escolar, da comunidade, pois as crianças são os futuros do nosso povo, são eles que vão dar continuidade nessa tradição milenar *Boe Bororo*. Então, por este motivo, escolhi este tema para ser trabalhado a partir de uma prática pedagógica na escola e, também, deixar registrado para as futuras gerações.

Nós seguimos a linhagem matrilinear, por isso, meu nome, por exemplo, é do subclã da minha mãe, quem escolheu meu nome foi meu avô materno, junto com meu *iedaga* (padrinho). Meu nome é *Kogebou* que significa peixe dourado, pertencço ao clã *Tugarege* e ao subclã *Iwagudu*.

Eu, particularmente, como professor indígena *Boe Bororo*, sinto-me no dever de ensinar para os alunos a importância do nome na língua materna, pois isso faz parte da nossa identidade. Nesse sentido, como professores, não podemos deixar a nossa cultura milenar se perder, visto que ela vem sendo repassada, através da oralidade de geração em geração, para não ficar no esquecimento. Porém, vejo que atualmente, apenas na oralidade não está dando certo, por isso, compreendo que precisa ser registrado, para que as futuras gerações consigam ter acesso a esse conhecimento, considerando que temos a escrita como mais um instrumento tecnológico que podemos utilizar a nosso favor. Mas, também, quero ressaltar que, embora a escrita seja importante em nossa sociedade, a oralidade é a base de nossos conhecimentos ancestrais e deve ser praticada e fortalecida o tempo todo em nosso cotidiano.

Destaco, ainda, que esse registro é necessário, porque tivemos muitas perdas dos anciãos que são os maiores conhecedores da cultura, por isso, quero deixar essas atividades registradas em forma de glossário, nosso produto educacional, resultado deste trabalho. Para nós, *Boe*

Bororo, principalmente, da aldeia Córrego Grande, é muito importante esta pesquisa, pois até hoje, ninguém havia feito um trabalho como este com os nomes próprios, sem contar que foi desenvolvida por um pesquisador *Boe Bororo*, que convive nessa comunidade, desde o nascimento, e que conhece muito da cultura.

Na realização da pesquisa, primeiramente, selecionei alguns materiais que tratam sobre o tema e que ajudaram a fundamentar a escrita da dissertação, além das entrevistas que realizamos com os anciãos da comunidade, nossos sábios e conhecedores de nossa cultura. Fiz entrevista com o ancião da aldeia, o senhor Joaquim Batista Burudui (*in memorian*), e a maior parte do que está escrito aqui vem do conhecimento milenar do meu povo. Também fiz pesquisa em alguns livros, como na enciclopédia e no dicionário da língua *Boe*, no Referencial Curricular Nacional para as escolas indígenas, Paulo Freire, entre outros autores.

Para atender aos objetivos propostos, quanto à escrita desse texto, esta dissertação está assim organizada: na primeira seção, relato um pouco de nossa história, território e nossa aldeia, lugar onde realizei minha pesquisa; na segunda seção, trato do *Boe Eiedodu*, o ritual de nomeação entre nós, *Boe Bororo*; na terceira seção, apresento nossa escola, e discuto um pouco sobre a nossa educação escolar *Boe*; na quarta seção, descrevo os caminhos da pesquisa, com foco em minha prática pedagógica, desenvolvida com as turmas da educação infantil ao 6º ano. Por fim, trago as considerações finais, em que faço algumas reflexões sobre o processo de pesquisa e de ensino, desenvolvido neste trabalho.

1 NÓS SOMOS *BOE BORORO*

Nessa seção, apresentarei um pouco sobre a história do meu povo, nosso aldeia, nosso território e nossa maneira de viver, destacando-se nossos principais rituais dentro de nossa organização política, social e cultural. Porém, antes, trago nossa narrativa de origem, na voz do ancião Joaquim Burudui (*in memoriam*), porque ela tem uma forte relação com o ritual de nomeação *Boe*, e é muito importante para entendermos sobre nosso modo de vida, nossos clãs, nossa cultura, enfim, quem somos como *Boe Bororo*.

1.1 Burudui narra nossa origem

Quero iniciar esta seção, apresentando a você o nosso mito de origem, narrado pelo ancião Joaquim Batista Burudui. Mas antes quero dizer que as narrativas são as nossas cosmologias, as explicações sobre os acontecimentos, sobre o nosso repovoamento, são histórias sagradas que explicam o surgimento de animais, pessoas e, também, o cruzamento entre humanos e animais. Elas são transmitidas oralmente pelos mais velhos às gerações mais novas. O cruzamento de um humano com um animal veado fêmea significa o repovoamento *Boe-Bororo*, explicando a origem dos clãs e a ligação que existe do mundo humano com o mundo animal, assim, cada subclã pode ter significado de animais específicos.

Desse modo, as narrativas são nossas cosmologias ainda transmitidas na oralidade pelos anciãos, porém, como já disse anteriormente, nem sempre na atualidade os jovens têm tempo de ouvir sobre a sua própria história e identidade. É possível que as narrativas nos trabalhos sejam diferentes, porque cada ancião tem seu jeito de contar o que está na sua memória.

Antes de trazer a narrativa, quero apresentar brevemente o narrador. O senhor Joaquim Batista Burudui nasceu no dia 24 de junho de 1935. Ele pertencia ao clã *Tugarege* e ao subclã *Aroroe*, e era um chefe da cultura, um *Boe Eimejera*. Seu Joaquim faleceu no dia 10 de novembro de 2024, e teve seu funeral Bororo na aldeia Tadarimana, onde os seus familiares moram. O senhor Joaquim deixou orientações e histórias para o povo, registradas nesta dissertação, pois a maior parte da minha pesquisa sobre o *Boe Eiedodu*, foi feita com ele. E, assim, em vida, o ancião Joaquim Burudui nos conta...

Ia meri keje, ime eture tuwoguwo kuro tabo ere kago towuje toro tuwo tugeragu kare ei. Nowu ime ba tadauge erugadu boe eture toro tuwoguwo, ere tudo pui toro bororo keje nowu

boe piji eture toro kaiba tumode kuro bu, ia imedu ure mito tuje iere Meriri Poro emare mugure eiageje . Unure tudugo towuje, onaregedu imedu rogu aidure tuduwo tuwoguwo jamedu, dukodire unarare tuwoji taiduie tuduwo tuwoguwo, umode tududo du bogai, uwo akore boro atu kaba, marae nowu nogedu rogu uture rugadu, nowu nogedu rogu uture tuwo je paga keje, ime eregodaji toro ere kago padureu ka. Meriri Pororo aroredu nure ema .

Nowu nogedu rogu uture toro kago padureu ka, toro ime erugadu boe edure. Kodure kuri kago puredu jodure kare emagare duji, dukejere ia imedu ure tugeragu ia karoji ure nowu nogedu rogu jodudo ji , akore: awu karo ure ainono aêe bakeru magadure Êeture nonowu ime enogarire nogedu rogu ji, iage egore nono nowu tumeduia akomagadure , ainono nowu karo uie uêe bakeru magadure. Nowu nogedu rogu jodu pemega kare ewadaru keadure pudui nowu inodu taboduji, ure tugirimi toro bato, ure nowu karo reko pudabo (nuba êewu akurara rogu jire nowu ime egoino rogu aia godure tuje, dukori egoino uie nono uêe bakeru magaduie).

Nogedu rogu uture bato kodure ji toro tuwai ka, tuwo mugureu ka . Uwo ukimore tudugo pemegado , aregodure toro uture tuwo ae, ure jodudo nowu karoji akurara , akore: nowu ime mugure torouge egore awu karo pureduie muga bakeruji . Uwo boekorire ji tumeduie tonaregedu uradodae jitu keje .

Meriri Poro pagare ime erugadu boe ewo tugirimi tuwogu piji du bogai, erugadu boere tugirimi dukeje, uture toro ere kago towujeu kae . Aregodure toro edureu ka, aiwore poboto jodure aroe ei, ere pobe aroe itobore aroe jakomea. Itogodure ei pobeduji, itojedure ei dukeje pobo kodo dure. Dukejere rekodure toro bato, uture tuwai ka akore: aeto ai, aroiwado akabo aregoduwo , ainore akore torei jeji, ukare bie kodiba tagoino ji . Dukeje nowu pobo aregodure bato, ure boe etagedudo . Meriri Poro rekodure, pobo ure boe eda rugadu boe akedudo, erugadu boe ewogare . Ema rekodure rugadu dukeje jodure ia tori ji , rekodure toro nowu tori ao ka. Mugure toro tori ao geje, taiwo tabo poboji puredugodure pudui du ka . Dukejere meadare tuwo jorugo, ure tugeragu tori dogei pobe ure erego pui ture urugo du ka . Ure jorugo aiwore toro moto kae: dukejere ure tugeragu nowu tori jeture pudaboegai, ure urudo nowu joruto. Ure tugeragu tori urureu ji ure barigu poboto, dukeje nowu pobo ure turawuje gu gu je, ure nowu tori ureu barigu poboto akeduwo, nowu inodu tabo pobo akedure rugadu.

Meri Poro jodure, pobo akedure duji, ure turawuje toro moto kae tuioduwo nuba boere. Jodure pobo kurireu ure boe eda kedodo duji, jodure ture mito tuje duji .Aiwore êeboje, aiwore tuibagi akore ire iwoboe erugadu boe eda kedodo, rakojere nono tuginai godu. Dukejere meadure iaboe ewure akoji, iaboe merure boe kao duji, i parugajeje , uture toro tuioduwo kaboba roino , jodukare boeji. Nowu uredu bure ako mugure aino toro pugeje, uture toro pugeje,

dukejere jodure ji pobogo rabodu , dukeje Meriri Poro unarare ji igiduba nure aki ; nowu barogo mako godure pobogo nure imi, imire ire mitotu je , imire iere tuje nowu pobo kurireu akedu keje. Dukejere emagore pui , erebarire pui.

Ia meri keje pobogo kuiaure Meriri Poro onaregedu apo, mare nowu kuiaure boe tojiu keje, kuributure ia barogo apo rugadu ure nono tuje magadure. Ere turokagado pugeje kuiaure pugeje, kuri buture dukeje ure boiadada barogo aora jagai ure nono boe emagadure, ere turokagado pugeje kuiaure pugeje kuributure ukare nono barogo magadure, ure boe eroere nono tuwo magadure. Dukodire nowu kuiaure rekodaji boe etaregodure. Dukejere Meriri Poro ure boe eda towuje pugeje, ure boe ewai rogu boe mugu pemegado tumuga boe ji, ure boe edu pemegado tumuga boeji, akore akire amugu mode woe, awu woe nure aki , akire amode aboe eidodudo, ainore roro tuwo boe eidudo pugeje , tuwo boe etarego pugeje bakaru jire boe egoino , boe emago paga paga karegure. Ainore ure pagaregodure Meriri poro jerebarire pobogo jitu piji emagere ere parugadu boe padowuje, nowu pobo kurireure boe eda kedododu reko daji, dukodire boe kigodu kare pobogo bito, pijire pagaregodure kodi.

Ainore boe eimejera Joaquim Batista Burudui akore , awu bakaru ikuia pa keje nowu imedu roino, Kujibo po keje. Nowu pobo toie ere kago towuje . Meriri Poro rutuie ao kao tori muguie Santo Antonio do Leverger Keje , nono boe emeru kigodure kodi, boe ekoda reno, nono boe eda kurireu mugure. Dukodire boe eno bakaru mugure woe Mato Grosso keje, woe Ikua pa keje boe eno moto reno. Ĉa nowu inodure ime ewogure kuro tabo dukeje, nowu pobo kurireu ure boe eda kedodo ime ewadaru keadure nogedu rogu jitu kodi .

Nowu pobo kurireu ure boe eda kedodo rekoda ji, Meriri Poro ure boe edo tumugaji pugeje, jerebarire pobo ji du rekodaji. Ainore bakarure boe etaregodure pijiboe dure, bakaru nure ema.

(Em um certo dia, os homens foram pescar com *Kuro* (timbó) e fizeram *Kago* (armadilha para pegar peixe). Todos os homens da aldeia foram pescar, se reuniram todos no pátio da aldeia e foram até o local onde vai fazer o timbó, apenas um homem que chamava *Meriri Poro* ficou para traz. Ele estava fazendo sua flecha, e seu filho queria ir na pescaria também, então, perguntou ao pai se ele poderia ir pescar, o pai respondeu não, mas mesmo assim, o menino foi escondido atrás dos homens onde colocaram o *Kago*. *Meriri Poro* pertence ao subclã *Aroroe*.

O menino foi até o local onde estava o *Kago* (armadilha de pegar peixe), onde os homens estava todos reunidos. Ele encostou perto do *Kago* e viu que tinha muito peixe, e tinha

um homem que pegou um peixe e mostrou para o menino, falando: “esse peixe parece com órgão genital de sua mãe”. Todos os homens que ali estava começaram a rir do menino, alguns até repetiram a mesma coisa, que o peixe parecia com o órgão genital da mãe dele. O menino não gostou da brincadeira e voltou para aldeia, levando o peixe com ele (esse peixe era o pacu peva que tem um formato redondo, por isso os homens comparam com órgão genital da mãe do menino).

O menino voltou para aldeia e foi direto para casa, onde o pai dele estava. O pai continuava arrumando sua flecha, o menino chegou, se aproximou do pai, mostrou o peixe pacu peva para ele, dizendo: “os homens que estava lá disseram que este peixe parece com órgão genital da minha mãe”. O pai perguntou para o menino: “o que eles disseram?” “Falaram que o peixe parece com órgão genital da minha mãe.” O pai ficou nervoso ao ouvir o que o filho contou.

Meriri Poro esperou todos os homens voltar da pescaria e, assim que todos voltaram, ele foi até o local onde fizeram o *kago* (armadilha de pegar peixe). Ao chegar no local, ele olhou na água e se deparou com dois *aroe*, *aroe jakomea* (espíritos do mal). Ele flechou nos dois, e ao acertar eles, a água começou encher. Então, ele correu até a aldeia, foi na casa dele e falou: “Se cuida, dá um jeito de correr!” Foi isso que ele falou com a esposa dele, sem dar nenhuma explicação sobre o acontecido. E água chegou muito rápido, começou inundar tudo. *Meriri Poro* começou correr e a água inundou toda a aldeia, ninguém conseguiu sobreviver. Ele continuava correndo até avistar um morro, e ele subiu o morro até em cima. Ele ficou parado lá em cima, olhando água que estava quase chegando aonde ele estava. Foi aí que ele teve ideia de fazer fogo, e pegou duas pedras começou esfregar no outro até acender. Ele conseguiu acender o fogo, ficou olhando para baixo; foi então que ele começou catar as pedras que estava lá em cima, começou esquentar no fogo. Ele pegava a pedra quente e jogava na água, e água começava baixar, ele ficou impressionado com isso, ele continuava jogando as pedras na água, até água baixar, pois fazendo isso água abaixou.

Meriri Poro, ao ver que a água baixou tudo, já não tinha mais, ele desceu até em baixo para ver como estava. Ele viu que a água inundou tudo, só tinha ele que sobreviveu. Ele olhou para cima, depois para baixo e disse: “acabei matando todo meu povo!” e continuava ali parado. Foi então que ele viu um vulto, alguma coisa andando no mato entre as árvores, e foi até lá pra ver e não viu nada. O vulto estava do outro lado, ele foi até lá, viu que era um animal chamado *pobogo* (veado), então, *Meriri Pororo* perguntou: “quem é você?” E o animal respondeu: “eu

sou *pobogo*, único animal que sobreviveu a inundação. Foi então que começaram a conversar, e até namorar com outro.

Um certo dia, *pobogo* engravidou do *Meriri Poro*, mas da primeira gravidez nasceu um animal parecido com a mãe. Na segunda gravidez, nasceu metade homem e metade animal; na terceira gravidez nasceu uma pessoa perfeito, não tinha nenhum traço de animal, nasceu bem parecido com o pai. Assim, a partir dessa gravidez, foi nascendo mais pessoa. Foi, então, que *Meriri Poro* fez a aldeia no formato tradicional, com as casas disposta cada um no seu lugar, e foi dividindo as pessoas, deixando cada um em uma casa, dizendo assim: “você vai ser desse clã e você tem a obrigação de aumentar as pessoas do seu clã, e assim repovoou os *Boe Bororo* novamente, conforme a nossa tradição. Então nos viemos dessa cruzada do *Meriri Poro* com *Pobogo* (veado). Por isso, nós, povo *Boe Bororo* temos a origem com esse animal, porque foi da cruzada dos dois, após a inundação que meu povo surgiu novamente, por este motivo nos temos um respeito muito grande por este animal, que faz parte da nossa origem).

Segundo o ancião Joaquim Batista Burudui, toda essa história ocorreu em Cuiabá (*Ikua pa*) mais precisamente no rio Coxipó, conhecido na língua materna como *Kujibo po*. Foi nesse rio que fizeram o *kago* (armadilha para pegar peixe). E o morro onde *Meriri Poro* subiu para sobreviver era o morro de Santo Antônio do Leverger, pois todo esse lugar é onde nosso povo mais andou, onde já teve a grande aldeia do povo *Boe*. Por isso, nosso povo tem sua história no estado de Mato Grosso, principalmente, em Cuiabá, território *Boe*. Portanto, a ocorrência do fato aconteceu através de uma atividade de práticas em pescaria com timbó, um conhecimento milenar do povo *Boe*, que é praticado até hoje nas aldeias *Boe Bororo*. E as circunstâncias da inundação aconteceram por causa de uma provocação ou brincadeira de um adulto com uma criança, que tinha pouco conhecimento das variedades de peixe, ao perguntar que tipo de espécie era, ao indicar o peixe no *kago* (armadilha). O homem, ao responder para a criança, dizendo que o peixe era parecido com a vagina da mãe da criança, repetindo constantemente essa informação, deixou o menino magoado com isso. Assim, o menino foi até a aldeia e avisou ao pai sobre o acontecimento e, furioso, o pai vai até o *kago* (armadilha de pegar peixe). Lá encontrou dois *aroe jakomea* (espíritos do mal), flechou os dois, e começou inundar tudo, acabando com todos da aldeia.

Após a inundação, o próprio *Meriri Poro* repovoou o povo dele novamente, através da relação dele com o animal *pobogo*. E assim é o mito da origem do nosso povo *Boe Bororo*.

Passamos, a seguir, para o próximo tópico, em que apresento a você, um pouco da história do meu povo.

1.2 Um pouco da história do meu povo

Nós, povo *Boe Bororo*, éramos considerados nômades pelos não indígenas, porque andávamos de um lugar para outro, à procura de alimentos como, peixes, animais e frutas. Assim, onde havia alimentos, o meu povo parava, principalmente, onde havia peixes, pois o nosso principal alimento até hoje é o peixe, chamado na língua de *karo*.

Os antigos dizem que viemos do estado de Goiás, passamos por Campo Grande, Corumbá, ambas cidades de Mato Grosso do Sul, e Cáceres-MT, até chegar num lugar que deram o nome de *Ikuia pa*, que significa lugar de pescaria com flechada. Esse lugar, atualmente, nós conhecemos como Cuiabá, a capital do Mato Grosso, pois em *Ikuia pa* tinha muita abundância de alimentos como peixes, animais e frutas, ali tinha tudo o que meu povo precisava. Quero destacar aqui, com base em informações do site do Instituto Sociambiental¹-ISA nosso território tradicional atingia a Bolívia, a oeste; o centro sul de Goiás, ao leste; as margens da região dos formadores do Rio Xingu, ao norte; e, ao sul, chegava até as proximidades do Rio Miranda.

Nós nos autodenominamos *Boe*, que significa “gente verdadeira”, já *Bororo* significa pátio da aldeia, onde são realizados todos os nossos rituais. A tradicional disposição circular das nossas casas faz do pátio o centro da aldeia e nosso espaço ritual. Somos um povo indígena constituído de uma complexa organização social e uma riquíssima vida cerimonial.

Retomando a palavra *Bororo*, Bordignon (1986), explica que esse termo foi empregado pelos brancos para identificar nosso povo, mas outros nomes também apareceram ao longo da história como, Coxiponé, Araes, Ikuiapa, Coroados, Porrudos, Aravirá ou Bororo da campanha (referentes aos que habitavam a região próximo a Cáceres), Bororo Cabaçais (os que habitavam a região da bacia do rio Guaporé, Bororo orientais e Bororo ocidentais).

Entre as denominações, destacam-se aquelas vinculadas à ocupação territorial, que os *Boe* costumam usar até hoje, na língua materna, como *Tori Tadauge* (habitantes da pedra) que são os *Boe* da Terra Indígena *Meruri*. *Itura Tadauge* (habitantes da floresta) são os *Boe* da Terra Indígena *Tadarimana*. *Jarudo Ri* (habitantes do peixe mandi) remente aos *Boe* da Terra indígena *Jarudori*. *Boku Tadauge* (habitantes do cerrado) corresponde aos *Boe* da Terra Indígena Tereza Cristina. *Tugo Kuri doge* (os que usam flechas longas) corresponde aos *Boe*

¹ <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Bororo>

da Terra Indígena *Perigara*. *Orari Mogo doge* significa todos os *Boe Bororo* juntos, segundo Bordignon (1986).

De acordo, ainda, com o autor, quando os primeiros *baraedu* (brancos) entraram em contato com meu povo, ao escutarem os cantos dos indígenas perceberam a repetição frequente da palavra forçada pelo ritmo do canto, era pronunciada *Bororo*. Esse fato, então, gerou o nome da etnia até hoje, denominado pelos brancos de *Bororo*.

Hoje nosso povo *Boe Bororo* vive em 5 Terras Indígenas demarcadas, localizadas em 5 municípios do estado de Mato Grosso. A Terra Indígena *Perigara* fica no município de Barão do Melgaço, a Terra Indígena Tereza Cristina, no município de Santo Antônio do Leverger, a Terra Indígena *Tadarimana*, no município de Rondonópolis, a Terra Indígena *Jarudore*, no município de Poxoreo e a Terra Indígena *Meruri*, no município de General Carneiro, todas em Mato Grosso, estado onde o nosso povo *Boe Bororo* mais andou, por isso, estamos em cinco municípios.

Nós, que resistimos há séculos a interferência do não indígena; conservamos em nossas terras e aldeias a prática de muitas tradições culturais de nossos ancestrais, como o *Boe Emaragodu Godu*, o funeral *Bororo* e o *Boe Eiedodu*, ritual de nomeação tradicional, onde é escolhido o nome da pessoa na língua materna.

O outro grande ritual *Boe Emaragodu Godu* acontece quando alguém da aldeia falece. E quando isso acontece, todos se reúnem dentro do *baito* onde o falecido se encontra. O ancião canta os cantos do funeral em cima do falecido, e todos da aldeia ficam lá participando. No outro dia, o falecido é enterrado no meio da aldeia e, a partir daí, começam todos os rituais do funeral, como: danças, cantos e a pescaria. A aldeia toda fica de luto durante esse acontecimento, que pode durar uns três meses, pois vai depender da decomposição do corpo da pessoa morta. O funeral só termina quando são pintados os ossos e se faz todos os cantos finais do funeral.

Em todas as aldeias do Território Tereza Cristina, a língua materna *Boe* é falada fluentemente, entretanto, nos últimos tempos, essa situação tem mudado, pois pude observar que quando as crianças estão conversando entre e elas, falam tudo misturado, ou seja, língua materna com língua portuguesa. Somente os jovens e os mais adultos falam fluentemente na língua materna *Boe*.

Somos um povo guerreiro e já passamos por vários conflitos, como: mortes por doenças e violências dos não indígenas, quase fomos dizimados, mas conseguimos resistir firmes e fortes. Sempre lutamos por nossos territórios e para mantermos a cultura viva e forte.

Nossa população era estimada entre 5 e 10 mil pessoas no início do século passado, porém, nosso povo chegou a primeira década do século XXI com uma população de duas mil pessoas (Bordignon, 1986). Conforme o censo do IBGE (2022)², atualmente somos 1500 pessoas e continuamos existindo e resistindo a todas as interferências diversas, pois somos um povo forte e guerreiro.

De acordo com as histórias dos mais velhos, o primeiro contato dos não indígenas com nosso povo *Boe Bororo* não foi nada amigável, pois o nosso jeito de se comportar causava estranhamento aos não indígenas e vice-versa. Esse estranhamento era, principalmente, porque meu povo não era acostumado a trabalhar na roça, e os *baraedu* queriam que o povo cultivasse roça, prática que não fazia parte de nossos costumes. Os *Boe* eram acostumados procurar seu próprio alimento na natureza como frutos, caça e pesca.

O contato inicial dos *Boe Bororo* com a sociedade ocidental, segundo estudos já realizados, remonta ao século XVII, quando os bandeirantes e jesuitas vieram de Belém rumo à região da bacia do rio Araguaia e seguiram pelos rios Taquari e São Lorenzo, e foi nesse período que tiveram contato com os *Boe Bororo* da Terra Indígena Tereza Cristina.

Com base em informações históricas, em meados do século XVIII, o contato se intensificou com as bandeiras paulistas e com a descoberta de ouro na região de Cuiabá, e isso não foi nada bom, pois com eles vieram as doenças e a violência, pois essa região era a que mais tinha *Boe Bororo*. Não indígenas queriam que os indígenas fossem trabalhar procurando ouro, mas os *Bororo* não eram acostumados com isso. Eles acabavam fugindo do local, porém, eram capturados pelos homens caçadores de índios, que, muitas vezes, violentavam eles ou até matavam os indígenas. Com isso, nossa população *Boe Bororo* foi diminuindo, sem contar as doenças como o sarampo, por exemplo, que acabou matando a maioria do nosso povo.

Bordignon (1986) destaca que os Bororo ocidentais, também denominados Bororo da Campanha e Bororo de Cabaçais sofreram agressões durante o contato com os colonizadores de Cáceres e Vila Bela-MT, ao ponto de desaparecerem.

Segundo o ancião Joaquim Burudui, onde era o centro de Cuiabá, tinha uma aldeia tradicional grande dos *Boe*, mas tiveram que se espalhar cada um para seu lado, e foram fazer suas aldeias. O ancião recorda que era bem pequeno, mas que se lembrava daquele lugar. Os *baraedu* (*homen branco*) brigava demais com os *Boe*, às vezes, eles atiravam nos *Boe* com arma de fogo e os *Boe* atiravam neles com flecha, pois os *Boe* eram muito bom de flechada, conta o ancião. E, assim, com o contato com a sociedade não indígena, quase fomos dizimados

² <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/42277-censo-2022>

por violência ou por doenças, como sarampo que se espalhou entre nosso povo no século passado.

O ancião Joaquim Batista Burudui acredita que maioria dos cuiabanos são indígenas do povo *Boe*, pois na época obrigavam os *Boe* a não falarem mais na língua materna e, também, deixaram de praticar a nossa tradição. Devido a isso, alguns tinham medo de se identificar como *Boe*, porque sofriam violência, ou até mesmo a morte. E, assim, alguns foram se misturando com os não indígenas com medo de sofrer agressões físicas ou até mesmo morrer. E por sua própria segurança tiveram que se misturar com os *baraedu* (não indígenas).

1.3 Nosso território e nossa aldeia

Nesta seção, vou contar a história de como meu povo se estabeleceu neste local, onde está situada a minha aldeia. Como já foi mencionado anteriormente, éramos nômades, andávamos de um lugar para outro, à procura de alimentos, por isso, somos divididos em 5 territórios, em 5 municípios do estado de Mato Grosso, mas aqui vou contar somente sobre a minha aldeia. A aldeia Córrego Grande, da Terra Indígena Tereza Cristina, está localizada no município de Santo Antônio do Leverger-MT.

A Terra Indígena Tereza Cristina foi demarcada pelo Marechal Cândido Rondon com 100.000 mil hectares de terra. Nós, povo *Boe Bororo*, desta aldeia acreditamos que se Marechal Rondon não tivesse feito isso, não teríamos essa terra onde estamos atualmente. E é por isso que lembramos do Rondon como uma pessoa que fez um bem para o povo, além do que, foi considerado como membro do povo *Boe Bororo*, pois para nós ele tinha descendência *Bororo*.

Embora a terra tenha sido demarcada por Rondon, ela foi invadida por fazendeiros. Antigamente, os *Boe Bororo* não tinham muito conhecimento da escrita, não sabiam ler nem escrever, por isso, foi fácil para os latifundiários invadirem este território. Por conta dessa invasão, este território foi reduzido para 33.000 mil hectares de terra, porém, desde 1991, foi aberto um processo para retomar as partes invadidas, mas até a atualidade, nós não tivemos nenhum resultado favorável sobre essa questão. Mesmo com nossos direitos assegurados pela Constituição Federal de 1988, em seu artigo 23, onde declara que os povos indígenas têm amparo legal para reivindicar o direito à demarcação e regulamentação das suas terras. *Nós não desistiremos desta terra, pois somos um povo guerreiro, nós que habitamos esta terra primeiro e ela foi invadida, lutaremos até o fim pelo nosso território*, palavras do senhor Joaquim Burudui.

Nesse território, os *Boe* foram reunidos em duas colônias militares: a colônia Tereza Cristina, no rio São Lourenço, e na confluência do rio Piquiri, com o rio São Lourenço, a colônia Izabel.

Os nomes das colônias são os nomes da imperatriz e da filha dela com o imperador, significa a presença do poder imperial sobre os *Boe*, conforme citação a seguir:

Os índios foram estabelecidos em duas colônias: uma, na confluência do Prata com o S. Lourenço, foi chamada “Teresa-Christina”, do nome da imperatriz; a outra, na foz do Piquiri com o S. Lourenço, foi chamada “Isabel”, do nome da princesa imperial, esposa do conde D’Eu (Steinen, 1915, p.399).

As colônias eram organizadas pelos militares, que tinham a missão de integrar os *Boe* ao sistema econômico nacional, mas essa iniciativa não trouxe bons resultados, pois nosso povo não era habituado aos costumes do homem branco. Os *Boe* eram colocados para fazer trabalhos agrícolas e isso causava estranhamento, pois não tinham costume de fazer grandes roças para o próprio sustento alimentar. Tudo aquilo que precisavam, como fonte de alimento, encontravam na natureza: caça e pesca, pois tinham costume próprio. Foi nesse tempo, que nosso povo foi batizado, sendo atribuído a nós nomes não indígenas, a exemplo do cacique Moguicuri que recebeu o nome de Álvaro, nome do então, presidente da Província (Steinen, 1915).

Anos depois, os militares deixaram as colônias, que passaram a ser administradas pelos salesianos. O sistema de colônia foi mantido pelos missionários salesianos entre os anos de 1895 e 1898. A partir da expulsão desses missionários da colônia Tereza Cristina, o sistema começou a se dividir, desfazendo-se aquela organização de colônia, transformando-se novamente em aldeia. Com isso, nosso povo começou a refazer suas aldeias, conforme a nossa tradição, praticando novamente a cultura e a língua materna, pois na colônia eram proibidos de realizar as práticas culturais e falar na língua materna. Essa colônia tinha intenção de acabar com nossa cultura e integrar o povo ao costume dos não indígenas.

E foi assim que paramos no lugar onde está a minha aldeia até hoje, a aldeia Córrego Grande (*Korogedo Paru*), localizada na Terra Indígena Tereza Cristina, no município de Santo Antônio do Leverger-MT, à margem direita do rio São Lourenço, a 110 km de Rondonópolis-MT. Foi nessa aldeia Córrego Grande que esta pesquisa foi desenvolvida.

Na minha aldeia, as casas são construídas conforme a nossa tradição Boe Bororo. Elas são construídas de palha de indaiá ou babaçu e pau a pique. O broto de babaçu serve para as paredes das casas e também para fazer esteira. A esteira é muito usada durante os cantos, pois quando os *Boe eimejera* (chefe de cultura) canta, ele fica sentado na esteira. Quando acontece

Boe Eiedodu (ritual de nomeação), os enfeites da criança ficam em cima da esteira. Além disso, serve para dormir em cima; os mais velhos gostam de dormir na esteira, por isso, usamos muito no dia a dia de nossa aldeia.

Figura 1: *Baito* (Casa de cultura)



Foto: Benilton Pereira Kogebou, ano 2024

A aldeia tem formato circular, de acordo com a nossa tradição, e se divide em dois grandes clãs: os *Eêerae* ao norte e os *Tugarege* ao sul. Cada clã é subdividido em quatro subclãs, e cada subclã tem sua casa, seu lugar marcado, suas obrigações nas cerimônias. Sobre isso, vejamos o trecho abaixo:

Cada clã é concebido como elemento totalmente único e vital na estrutura social. Cada um tem no círculo da aldeia uma posição precisa que pertence somente a ele, e os membros de um clã não podem ser substituídos pelos de outro. Cada clã está associado a determinado conjunto de espécies naturais, fenômenos meteorológicos e geográficos, elementos culturais e certos espíritos nominados, e nenhum destes itens aparece em qualquer outro clã. O nome do clã é, geralmente, o de um dos elementos que este possui, ao passo que os outros fornecem nomes para as linhagens e os membros individuais do clã. Essas conexões entre unidade social e natural, entre entidades sobrenaturais e culturais, são essenciais para as personalidades sociais dos indivíduos e estabelecem o caráter das relações do clã com outros grupos similares (Crocker, 1976 p.168).

No centro da aldeia fica o *baito*, que é a nossa casa de cultura, onde acontecem todas as nossas práticas culturais, como canto, danças, por isso, ela é muito importante para nossa cultura. Essa organização circular é um jeito de mantermos a cosmologia em uma relação que se dá com o físico, com o humano e com o espiritual, porque aqui está a complexidade dessa organização, que não é apenas a disposição circular, mas os significados dessa disposição, a

presença dos seres espirituais. É nesse local que acontecem todas as cerimônias do meu povo, principalmente, o funeral.

Nós, *Boe Bororo*, da aldeia Córrego Grande, mantemos nossa cultura e tradição. Esta aldeia é considerada o berço da cultura *Boe*, onde falamos fluentemente a nossa língua materna. Vivemos e reafirmamos nossa identidade nas práticas do funeral *Boe* e nas práticas do batizado tradicional que acontece até hoje. Esse costume é repassado de geração a geração, é muito respeitado e valorizado por todos os *Boe*. Atualmente somos 400 pessoas nessa aldeia.

Na aldeia, tem postinho de saúde que é assistido pela equipe multidisciplinar da SESAI, onde vão médico, dentista e enfermeiros não indígenas. Vale destacar que todos os técnicos de enfermagem são *Boe Bororo* da mesma aldeia. Também, temos duas escolas na aldeia, uma do estado e outra do município.

A Escola Estadual Indígena *Korogedo Paru* atende alunos(as) do primeiro ano do ensino fundamental até o ensino médio. Ela funciona nos três períodos: matutino, vespertino e noturno. Já a Escola Municipal Cadete Adugo Kuiare atende somente alunos(as) da educação infantil e funciona somente no período matutino.

Todos os professores e professoras que trabalham nas duas escolas são *Boe* desta aldeia, e a maioria tem formação pela Faculdade Indígena Intercultural-FAINDI, da Unemat de Barra do Bugres-MT.

É importante dizer que o território foi subdividido em várias aldeias: Córrego Grande, considerada a aldeia maior ou aldeia central, pois têm outras aldeias nesse mesmo território, como as aldeias: Galdino, Guanandi, *Wudore*. Do outro lado do rio São Lourenço, tem a aldeia *Piebaga* e *Arareau*.

Somando todas as aldeias desse território, chegamos ao total de 600 pessoas. Este é o território em que vivemos e reafirmamos nossa cultura, por isso, para nós, *Boe*, a terra é sagrada, como se fosse a nossa mãe (*muga*).

O desenho abaixo é uma representação de mulheres *Boe*, que criaram raiz nessa terra, pois dessa terra tiramos nosso alimento como peixe, frutas, entre outros alimentos. À frente delas, tem um papel ou documento, que nos dá direito a esse território. Todas essas mulheres são *muga*.

Figura 2: Čeno Moto (Protetoras do território)



Desenho: Rosiene Cerae Kuwodago, 2025

E é por este motivo que lutaremos pelo nosso território até o fim, pois não queremos a terra para destruir para plantar grandes roças, queremos a terra para proteger a natureza e todos e tudo que nela existe.

A seguir, explicarei a você, como nós, povo *Boe Bororo*, nós organizamos política e socialmente.

1.4 Nossa organização política e sócio-cultural

A organização social *Boe Bororo* funciona, conforme nossa tradição, que é de suma importância para meu povo, por isso, nós não deixamos essa organização acabar, em respeito aos nossos ancestrais.

Nossa aldeia tradicional tem formato circular, dividida pela metade exogâmicas, por dois grandes clãs, os *Ećerae* ao norte e os *Tugarege* ao sul. Cada clã é subdividido em quatro subclãs: dois subclãs dos *Ećerae*, compostos por: *Badojeba*, *Bokodori Ećerae*, *Bakoro Ećerae*

e *Kie*, e dois subclãs *Tugarege: Iwagudu, Aroroe, Paiwoe e Apiborege*. Cada um desses subclãs tem sua casa, seu lugar marcado e suas obrigações nas cerimônias.

No centro da aldeia, fica o *baito* (casa de cultura), e é no pátio da aldeia que acontecem as atividades culturais, em que todos participam, conforme a organização de cada subclã, pois toda nossa vida se dá através dos clãs. Por exemplo, o casamento só pode ser feito com outro lado da aldeia, conforme a organização social de cada clã. pois não são parentes, só pode se casar com alguns subclãs da outra metade.

No meu caso, sou do clã *Tugarege*, do subclã *Iwagudu*, assim, sou casado com a mulher que pertence ao clã *Eêerae* do subclã *Bokodori Eêerae*. Portanto, o casamento nunca pode ser entre os mesmos clãs, e todos da aldeia *Boe Bororo* já sabem disso.

As pinturas faciais também são usadas através de cada subclã, sendo proibido usar a pintura facial do outro subclã, pois cada subclã tem sua pintura facial específica. E por meio da pintura facial, conseguimos identificar de qual subclã a pessoa é.

Os nomes também são escolhidos através de cada subclã, porém, seguimos a linhagem matrilinear, o nome sempre vai ser do subclã da mãe, por isso, os nomes não são escolhidos de qualquer jeito. É preciso reunir todos da família da mãe para escolher o nome para a criança, os nomes nunca são repetidos, raramente encontraremos uma pessoa com o mesmo nome na língua materna. Por este motivo, nós, *Boe Bororo*, temos o dever de saber a qual clã e subclã pertencemos, pois em torno disso é que acontecem toda essa organização. Este ensinamento é repassado para nós desde pequenos, para crescermos sabendo do nosso clã e nossa obrigação na aldeia. É um conhecimento milenar repassado de geração em geração para nunca acabar.

As lideranças atuais, conforme essa nova organização *Boe*, segue essa hierarquia: cacique, vice-cacique, chefes da cultura ou *Boe Eimejera*, professores *Boe*, presidentes das associações. Segundo o ancião Dolor Meri, há alguns anos, antes do contato dos *Boe*, com a sociedade não indígena, no nosso povo não existiam esses chefes, não tinha cacique e nem as outras lideranças citadas. Existiam os *Boe Eimejerage* (os chefes da cultura), pois eles tinham conhecimento de tudo, sobre os cantos, sobre a cultura, sobre a língua.

Cada subclã tinha seu chefe, e eles se reuniam com os jovens do seu subclã para passar seus conhecimentos. Também, havia *Bari* (pajé), pessoa muito respeitada por todos os *Boe*, pois ele já nasceu com esse dom, tudo o que ele fala as pessoas obedecem. Ele tem conhecimento sobre as ervas medicinais que cura, ele sonha com as coisas boas e ruins que pode acontecer na aldeia, ele sempre dá um jeito de não acontecer nada de mal com as pessoas.

Aroe Etowarare (matador de onça), pessoa muito respeitada por todos, pois ele conseguia matar onça com flecha.

Não é qualquer homem que consegue fazer isso, somente os que têm muita coragem, pois correm risco de errar a flechada e serem devorados pela onça, portanto, são considerados como homem guerreiro.

Existiam apenas esses três na hierarquia de líderes, que era possível antigamente, como já foi citado anteriormente, pois naquela época todos viviam conforme a nossa tradição, se alimentava do que a natureza oferecia, como caça e pesca e, também, de frutas. Tinha tudo o que o povo precisava, todos viviam muito bem, mas com o passar dos anos, as coisas foram se modificando, principalmente, após o contato com os não indígenas. Mudou totalmente o jeito de viver dos *Boe Bororo*, em meio à natureza, principalmente, na questão da alimentação.

Eram oferecidos alimentos dos não indígenas aos *Boe Bororo*, com isso, foram se acostumando com esse tipo de alimentação. Em seguida, trouxeram as vestimentas, ou seja, as roupas, ofereceram aos *Boe* as roupas e ensinaram como vestir. E, assim, foram se acostumando com as roupas, deixaram de usar as vestimentas culturais, trouxeram remédios, pois antes do contato, o povo só tomava remédio caseiro para curar alguns ferimentos, tinha remédio caseiro para tudo, porém, deixaram se acostumar com remédio dos *baraedu*.

Por último, foi a língua materna, pois os *Boe Bororo* aprenderam a falar na língua portuguesa, tornando-se bilíngues. Por isso, falamos as duas línguas, língua materna como primeira língua, e o português como segunda língua. O contato com os não indígenas deixou um impacto tão grande, que modificou bastante o modo de conviver na aldeia. Uma das mudanças foi a introdução do cacique em nossa organização social, após o contato com os não indígenas, pois antes não existia. Agora é preciso ter cacique na aldeia, pois é ele que busca a melhoria para nossa comunidade, porque com o contato nos acostumamos com algumas coisas dos brancos

A foto abaixo é do ancião Joaquim Burudui (*in memoriam*), um dos maiores sabedores da cultura que tínhamos na nossa aldeia.

Figura 3: *Boe Eimejera* (chefe de cultura)



Foto: Benilton P. Kogebou, 2024

Agora apresentando com mais detalhes, dizemos que o senhor *Burudui* pertencia ao clã *Tugarege* e ao subclã *Aroroe*. Era ele quem conduzia toda a parte da nossa cultura *Boe*, como cantos, danças, pois ele era *Boe Eimejera* (chefe de cultura). E, também, ensinava para alguns jovens os principais cantos do funeral e do batizado *Bororo*, para que essa cultura milenar continue viva entre nós. Seu Joaquim sempre dizia, *somos Boe, temos de realizar e praticar os nosso canto*. Esse ensinamento sempre foi repassado de geração em geração, por isso, para quem quisesse aprender, ele estava disposto para ensinar.

Burudui estava muito doente, estava com câncer e, por estar com uma idade bem avançada, não conseguiu resistir e veio a óbito. Ele faleceu no dia 10 de novembro 2024, num bonito domingo de sol, porém, um dia muito triste para nós, *Boe Bororo*. Para nós, sua partida para a aldeia celestial representa uma perda imensurável para toda comunidade. Com ele partiu uma parte significativa de nossa história, da cultura e da sabedoria do povo *Boe*. Seu legado foi construído ao longo de uma vida dedicada à preservação e transmissão da tradição, inspirou e continua inspirando gerações. Sua sabedoria compartilhada com generosidade, iluminou caminhos e fortaleceu a identidade do povo *Boe*.

Em relação ao cacique, conforme dito anteriormente, ele foi um liderança introduzida em nosso meio social, após o contato com os não indígenas. Ele tem um papel de maior

relevância, pois é o chefe da aldeia, que comanda tudo, como se fosse o prefeito, e tudo o que acontece na aldeia passa por ele. Também é ele que busca melhorias para nosso povo, como por exemplo, buscar mais medicamentos para o postinho da saúde, pois nos acostumamos com esses medicamentos, melhoria na alimentação, como fazer roça de arroz ou mandioca, para servir de alimentos para nossa comunidade, melhoria na educação, entre outras questões. E por isso ele tem esse papel fundamental de estar sempre buscando melhoria, ele também participa de reuniões fora da aldeia, na prefeitura, na Funai, Sesai, pois são essas instituições que trabalham com os povos indígenas.

A foto abaixo é do cacique Benedito Pereira Bakorokaru, uma das lideranças que compõe a nossa organização social *Boe Bororo*.

Figura 4: Cacique Benedito Pereira Bakorokaru



Foto: Benilton Pereira Kogebou, 2024

Segundo o senhor Benedito Bakorokaru, ser cacique não é só para dizer que é chefe, tem que ser muito inteligente para estar sempre buscando melhoria para seu povo, pois é um cargo que exige muita sabedoria e paciência, porque o cacique conversa com seu povo e, ao mesmo tempo, com os não indígenas. *Ultimamente, por exemplo, estamos passando por uma situação difícil, com as PCHs, Ferrovias, que estão cada vez mais perto do nosso território indígena, coisa que não acontecia antigamente*, explica o cacique Benedito.

O cacique nunca toma nenhuma decisão antes de conversar com sua comunidade, isso é muito importante. Constantemente, ele vai para a cidade participar das reuniões em

instituições, com a finalidade de buscar melhorias para seu povo, mas, muitas vezes, não dá certo e ele fica triste. Mas o cacique não desiste, e luta até conseguir. Muitas vezes, na aldeia, ele precisa lidar com algumas divergências que acontecem no nosso dia a dia. Portanto, *o cacique tem o mesmo papel do prefeito, a única diferença é que na prefeitura tem recurso próprio, já na aldeia tenho que estar sempre em diálogo com essas pessoas*, declara Benedito.

O senhor Benedito nos conta que, desde muito novo, ele foi cacique, foi cacique três vezes dessa aldeia. Ele respeita muito a fala do *Boe Eimejera*, pois ele é um sábio que conhece tudo sobre a cultura. *Pra mim, a nossa cultura é a coisa mais importante, por isso ele estou sempre incentivando os jovens a praticar da nossa cultura*, diz o cacique.

Na aldeia, o cacique é sempre escolhido através de voto secreto, igual os não indígenas fazem para escolher o prefeito da sua cidade. Na comunidade, o povo se reúne em um local e faz assembleia para escolher quem vai ser o cacique e vice-cacique da aldeia. Nessa assembleia, são escolhidas quatro pessoas para concorrer à função de cacique, os candidatos têm alguns minutos para fazer sua campanha, para pedir voto. Em seguida, começa a votação e, ao final, fazem a contagem dos votos para saber quem é o novo cacique. A próxima eleição só acontece quando o mandato do cacique terminar.

O cacique tem quatro anos de mandato para trabalhar com a sua comunidade, após quatro anos, terminando seu mandato, ele tem o direito de se eleger por mais quatro. Se ele conseguir se eleger por mais quatro anos ele continua, caso contrário, ele passa o cargo para outro e, também, tudo o que ele conseguiu durante o seu mandato. Por exemplo, na nossa aldeia tem um carro e um trator da comunidade que ficam sob os cuidados do cacique, terminando seu mandato, ele passa para o outro cacique eleito. Portanto, é dessa forma que é escolhido o cacique, que é autoridade maior da nossa aldeia.

Já o *Boe Eimejera* (chefe de cultura) não é escolhido como faz com o cacique, pois para ser *Boe Eimejera* é preciso entender da cultura, dos cantos, falar bem na língua materna, saber fazer os enfeites tradicionais para serem usados nas danças, conhecer as ervas medicinais que curam as doenças. É por isso que fica mais para os mais velhos da aldeia, para os anciãos, pois eles detêm conhecimentos de tudo, conforme já expliquei antes. Esse conhecimento também pode ser repassado de pai para filho, de geração em geração na mesma família, por isso são poucos *Boe Eimejera*. Somente homens podem ocupar essa função de *Boe Eimejera*.

Atualmente na minha aldeia há apenas três *Boe Eimejera*: Joaquim Batista Burudui, Ismael Atugureu e Jurundir Irureu. Um é senhor de idade, e mais dois que estão aprendendo com ele, pois conforme já foi dito, são da mesma família, pois é repassado de geração em

geração. Essas pessoas têm o respeito de todos da aldeia, pois elas conduzem a nossa cultura, conhecem os cantos, por isso, são muito respeitados, assim como o cacique.

Ainda em nossa organização social, contamos com duas associações, a Associação *Tugo Baigare* que significa grandes guerreiro. Essa Associação representa todos da aldeia Córrego Grande e, também, todas as aldeias pertencentes ao território Tereza Cristina. Os membros dessa Associação são todos indígenas dessa aldeia, o presidente é um homem e tem quatro anos de mandato. A Associação *Areme Kororgedu Paru Kejeuge*, que significa associação das mulheres da aldeia Córrego Grande, e representa apenas as mulheres dessa aldeia. A presidente dessa associação é uma mulher professora, ela tem quatro anos de mandato.

A escolha dos presidentes das associações também é igual a do cacique, reúne-se em assembleia com toda a comunidade, e escolhe alguns nomes de confiança para concorrer a este cargo. O candidato tem alguns minutos para fazer sua campanha, falar de sua proposta e, em seguida, é feita a votação secreta. Depois que todos votam, faz-se a contagem dos votos, perante a comunidade para ver quem venceu. Assim, o mais votado fica como presidente, terá dois anos de mandato, sendo que ele poderá se candidatar por mais dois anos. Se conseguir se eleger, continua, do contrário, ele passa o cargo para outra pessoa.

As reuniões da Associação são organizadas pelo presidente da Associação, conforme o regimento da instituição. Assim que é escolhido o presidente, ele próprio escolhe quem vai fazer parte da Associação com membros. A Associação foi criada recentemente, devido à preocupação que tivemos com as PCHs e rodovias que estão cada vez mais perto da aldeia. E, para receber alguma compensação desses empreendimentos, só é possível por meio da Associação, por isso, tivemos que nos adequar com isso. Os presidentes das associações e cacique trabalham juntos, buscando sempre melhoria para o nosso povo *Boe Bororo*.

Desse modo, conforme os não indígenas foram se aproximando de nós indígenas, tivemos que aprender a dominar estratégias de organização usadas pelos não indígenas, adequar a alguns costumes deles, para nossa própria sobrevivência, antes do contato não tínhamos cacique, agora precisamos ter um cacique para buscar melhoria para nossas comunidades. Recentemente tivemos que criar as associações para nos defender dos grandes empreendimentos, para buscar solucionar esse problema das PCHs, da ferrovia perto de nossas aldeias, pois, quando buscamos nossos direitos, sempre falam que precisamos ter uma associação, pois é através dela que receberíamos alguma compensação por conta dos empreendimentos dos não indígenas. São nossas estratégias de luta diante de uma sociedade que nos explora, que nos oprime, por isso, precisamos superá-la, lutar contra essa opressão. E

“isto implica no reconhecimento crítico, na ‘razão’ desta situação, para que, através de uma ação transformadora que incida sobre ela, se instaure uma outra, que possibilite aquela busca do ser mais” (Freire, 1987, p.18). Portanto, a Associação foi criada por causa da aproximação dos não indígenas com meu povo, algo que nós nunca imaginávamos que ia acontecer com nossa comunidade, no entanto, tivemos que nos adequar com essa realidade

Ainda em se tratando de nossa organização social, temos os(as) professores(as) *Boe* como uma das principais lideranças da aldeia. Atualmente os(as) professores(as) ajudam muito nosso povo, pois eles(as) são considerados(as) os guerreiros(as) da caneta, porque têm conhecimento sobre o povo e, também, sobre os não indígenas. Eles(as) participam de todas as reuniões que acontecem na aldeia ou então fora da aldeia, conseguem fazer documentos em prol de melhoria de nossa comunidade, ajudam o cacique na organização das reuniões, conseguem conversar com os não indígenas durante as reuniões. A maioria dos(as) professores(as) é formada nas universidades, por isso, eles(as) repassam esses conhecimentos para seus/suas alunos(as) na sala de aula, e são muito respeitados(as) por todos da aldeia. O atual cacique da aldeia, o senhor Benedito Bakorokaru, é professor, ele foi um dos primeiros professores dessa aldeia. Atualmente está em seu terceiro mandato como cacique, sendo que a comunidade sempre escolhe um dos professores para ser o cacique da aldeia.

Nesse tópico, escrevi sobre a nossa organização política e social, a seguir, explicarei sobre nossa organização econômica, muito importante e necessária nos tempos atuais.

1.5 A organização econômica em nossa sociedade *Boe Bororo*

A organização econômica em nossa aldeia tem dois aspectos: o primeiro é que a produção é baseada na agricultura tradicional de subsistência e, a partir dela, existem trocas recíprocas de materiais e serviços dentro da aldeia, como extrativismo vegetal, criação de animais, caça, produção de artesanatos. O outro aspecto são os serviços e benefícios públicos de direito de todos os brasileiros, como funcionários da escola, do postinho de saúde, de algumas pessoas que recebem bolsa família do governo federal, e os aposentados.

Nossa aldeia tem a escola e conta com doze professores (as) *Boe*, três merendeiras, três zeladores, uma secretária e um diretor. Esses funcionários são todos da aldeia mesmo. Também na aldeia tem o postinho de saúde, com três técnicos(as) de enfermagem, uma enfermeira, um agente de saúde, e um Agente Indígena de Saneamento-AISAN (pessoa que cuida da água), ressaltando que todos(as) os(as) funcionários(as) são *Boe* desta aldeia.

Na aldeia também têm os pescadores que pescam e vendem os peixes na cidade, ou até mesmo na própria aldeia para os(as) funcionários(as), pois como trabalham todos os dias não têm mais tempo para pescar. Por isso, compram com o pescador e, também, é uma forma de ajudar essa pessoa para ter alguma renda para sustentar a sua família. Além desses, têm aqueles homens que trabalham nas fazendas vizinhas, como forma de garantir o sustento familiar todo mês.

Também temos a roça comunitária na aldeia, da qual participam homens, mulheres, jovens, adolescentes e, às vezes, as crianças também participam, pois faz parte da nossa cultura. Onde tiver mulher *Boe* sempre vai ter crianças e, também, com isso, as crianças aprendem observando como é feita uma roça. Quero destacar que as crianças estão apenas acompanhando as mães, elas não trabalham, ficam brincando e observando, enquanto os adultos ficam trabalhando no cultivo de arroz e milho. Feita a colheita todo ano, é partilhada certinho entre as famílias. Há algumas famílias que têm pequenas roças de mandioca, milho e arroz, esses conseguem vender na aldeia, ou até mesmo na cidade, principalmente, a mandioca. Portanto, cada família encontra um jeito de ter renda para seu sustento, pois nosso alimento é basicamente comprado na cidade, nós não vivemos mais como antigamente, tempos em que os *Boe Bororo* se alimentavam do que a natureza oferecia.

Hoje a maioria das coisas compramos na cidade, temos conta para pagar como a internet, por exemplo, pois na aldeia grande parte das casas tem internet, e todo mês é paga. Ainda temos a conta de energia elétrica que todo mês é paga, então precisamos trabalhar para ter dinheiro, para pagar as nossas contas, assim, como os não indígenas. Então é dessa forma que vivemos na nossa aldeia atualmente.

Agora que você já sabe um pouco sobre como nós, *Boe Bororo*, vivemos economicamente, vou apresentar a você um pouco da nossa cultura.

1.6 A nossa cultura *Boe Bororo*

Meu povo *Boe Bororo* tem duas grandes manifestações culturais: o *Boe Eiedodu* (ritual de nomeação) e *Boe Emaragodu Godu*, nosso funeral, pois celebramos a vida e a morte. Nossos rituais são complexos e carregados de muita tradição e ancestralidade. O *Boe Eiedodu* acontece com a chegada de uma criança, ou seja, mais um componente familiar, ocasião em que vai ser escolhido o nome dessa criança. Todos(as) ficam alegres e, o momento de festa onde todos(as) ficam reunidos(as) para conhecer a criança e saber o nome dela. Este ritual será descrito com mais detalhes nas próximas seções.

Além do *Boe Eiedodu*, há o funeral *Bororo*, como já mencionado anteriormente, o que para nós é sempre um momento de tristeza, pois só acontece com a morte de um ente querido da aldeia. Quando isso acontece, mobiliza todo o pessoal da nossa aldeia, assim como, de outras aldeias *Boe Bororo*, que vêm para participar desse momento de dor e tristeza. A cerimônia mais rica dos *Bororo* é o funeral, pois é nesse momento que praticamos todas as danças e os cantos, afirmamos e reafirmamos nossa identidade como *Boe*, no momento do funeral.

Os ritos fúnebres iniciam-se com a morte, às vezes, com a agonia de uma pessoa e terminam com a sepultura definitiva de seus ossos, devidamente ornamentados no cemitério. Antigamente o cemitério era dentro da lagoa, onde os antigos colocavam os ossos dos mortos, mas agora não é mais assim, pois perdemos essa prática, porque não há pessoas que sabem fazer esse ritual de enterro. Hoje em dia, os ossos dos mortos estão sendo sepultados no cemitério, perto da aldeia.

Boe Emaragodu Godu pode durar de dois a três meses, pois é necessário esperar a decomposição do corpo para que se possa fazer a ornamentação dos ossos. Durante esses três meses, a família do falecido fica de luto, as mulheres do falecido cortam ou raspam o cabelo, usam roupa preta para demonstrar que elas estão de luto. Na aldeia, todos ficam de luto, é proibido ter bagunça, como falar alto ou rir alto, todos da aldeia cumprem esse luto, como forma de respeito ao falecido.

O corpo do(a) falecido(a), no primeiro enterro, é colocado numa cova rasa no *bororo* (pátio da aldeia). Diariamente a cova é regada para acelerar o processo de decomposição. No decorrer desse período, inúmeros rituais são realizados, tais como: danças, caçadas, refeições e representações de espíritos (sobre a representação de espíritos, não posso revelar como é feito, pois é um segredo dos homens, apenas homens podem saber ou ter informação sobre isso, é um ritual proibido às mulheres).

O funeral mobiliza toda a nossa sociedade *Boe Bororo*, moradores da aldeia onde se realiza o ritual e demais pessoas de outras aldeias vêm para participar da cerimônia. Toda a comunidade participa: os mortos heróis dos passados, espíritos e elementos da natureza são evocados pelos seus parentes, mas apenas os homens podem evocar os mortos.

Depois de dois dias, após a morte, são realizadas a pescaria e a caçada. Todos os homens vão pescar ou caçar, para oferecer aos familiares do(a) falecido(a) e, também, para suas mães (*muga*). Em troca, os homens ganham de suas *muga* alimentos como suco, refrigerante, bolo, *aroe kuru*, *aroe kima*, alimentos tradicionais da cultura.

Acho importante explicar que os alimentos ocidentais foram introduzidos em nosso meio, a partir do contato com os não indígenas, por conta disso, os jovens se acostumaram com esse tipo de alimento. Por esse motivo, quando acontecem as práticas culturais, tanto os alimentos tradicionais, quanto os alimentos dos não indígenas estão presentes nos rituais. Após uma semana do falecimento, iniciam-se as danças.

A primeira dança inicia-se com o *mano*, um tipo de cilindro pequeno, feito com o talo de junco de brejo, também, conhecido como caeté. Somente os homens podem confeccionar este cilindro, que é feito no período matutino, dentro do *baito* (casa de cultura). No período da tarde, homens e mulheres começam dançar com o cilindro de caete na nuca.

Na semana seguinte, é realizada a dança do *toro*. O termo *toro* é a designação genérica de tangas, de comprimento variável, feitas com broto de buriti, os folíolos são amarrados um por um ao longo de um cordel de vários metros de comprimento, depois se enrola em volta da cintura do homem, pois somente os homens podem usar *toro*, conforme se mostra na imagem abaixo:

Figura 5: Dança do *toro*



Fonte: Benilton Pereira Kogebou, ano 2024

A dança do *toro* começa no período vespertino, os homens começam dançando com *toro* em volta do finado que está enterrado no meio da aldeia. Em seguida, as mulheres começam a dançar atrás de cada homem de sua respectiva família ou do seu clã.

Após a dança do *toro*, no outro final de semana, é realizada a dança do *kaiwo*, onde todos os homens participam, eles começam a dançar no período vespertino, e as mulheres

também participam desta dança. *Kaiwo* é a última dança realizada, momento importantíssimo para todos da aldeia, pois é a última dança, antes de começar o funeral. Todos da aldeia participam desta dança.

Após três meses de luto ou então após a decomposição do morto, começa o funeral, geralmente, se inicia no final de semana, na sexta-feira, à tarde. É o momento em que o *Boe Eimejera* (chefe de cultura) e as mulheres cantam ao lado do baquité onde os ossos do finado vão ficar guardados, durante a cerimônia do funeral.

O canto termina à noite, e as mulheres vão todas para casa, apenas os homens ficam no *baito* (casa de cultura), pois nessa noite os *aije* (espíritos da água) vão vir na aldeia. As mulheres não podem ver esses espíritos, se não vai acontecer algo de muito ruim com elas, ou até mesmo a morte. Por esse motivo, todas elas ficam escondidas dentro de casa.

No sábado, apenas os homens participam das cerimônias, as mulheres não podem participar, pois os *aije* (espíritos da água) continuam na aldeia. Neste dia, no período matutino, é tirado o osso do finado da cova onde ele estava enterrado. O homem responsável por aquele finado, junto com seus familiares, tira os ossos e coloca dentro do baquité, em seguida, leva baquité para dentro do *baito* (casa de cultura).

No período vespertino, os *aije* (espíritos da água) ficam no pátio da aldeia, pois é o momento da iniciação do rapaz, onde ele sai da adolescência para virar adulto. Para esse momento, o rapaz é preparado para a vida adulta, o rapaz fica o dia inteiro do sábado, dentro do *baito*, onde são repassados todos os ensinamentos da vida de adulto. Quem passa esse ensinamento é o mais velho da aldeia, no caso, é o ancião conhecedor da cultura, a partir disso, o menino conhece o *aije*, e já se torna um adulto. Após isso, ao anoitecer, os *aije* vão embora.

O *Boe Eimejera*, em voz alta, avisa todos que os *aije* já foram embora, e que as mulheres já podem sair da casa. No período noturno, começa o canto dentro do *baito*, onde as mulheres participam cantando junto com o *Boe Eimejera*, porém, as mulheres da família do falecido que estão de luto não participam nessa noite, e o canto vai até amanhecer.

Domingo é o grande dia, pois é o momento final do funeral, momento de despedida do falecido. Logo no período matutino, começam os cantos, é quando as mulheres que estavam de luto vão todas para o *baito* (casa de cultura). Elas colocam o baquité onde estão os ossos do finado, no meio da casa. Elas choram e se cortam com caco de vidro, mostrando sua dor e a sua tristeza ao falecido, logo em seguida, todas as mulheres dessa aldeia começam a fazer igual, choram e se cortam com caco de vidro. Depois disso, as mulheres se sentam cada uma no seu lugar, e as mulheres de luto continuam dentro do *baito*, pois agora chegou a vez dos homens

fazerem a mesma coisa, ou seja, chorar e se cortar com caco de vidro, demonstrando sua tristeza ao falecido. Após, todos continuam dentro do *baito*, pois os *Boe Eimejerage* continua cantando até o anoitecer.

O período vespertino é o momento final do funeral, então os *Boe Eimejerage* (chefes de cultura) começam a cantar o *Roia Kurireu*, que é o canto final do funeral. É nesse momento que os homens começam a pintar cada osso do finado para colocar no baquité grande. Esse momento acontece dentro do *baito*, na frente de todos, porém, fazem uma roda grande com esteira, para as mulheres não entrem, pois é um trabalho somente dos homens.

Figura 6: Baquité grande



Fonte: Benilton Kogebou, 2024

Depois que colocam os ossos dentro do baquité, este é colocado no meio do *baito*, e os parentes do falecido, os que estão de luto, fazem sua última despedida. Todos choram e se cortam com o caco de vidro novamente, depois disso, a família enlutada se senta, esperando o canto terminar, pois o último canto é o *Roia Kurireu*. Assim que o canto termina, os ossos do falecido são levados para casa da família dele, a mulher mais velha daquela família carrega o baquité nas costas até a casa, onde todos da família estão reunidos. Assim, terminam os cantos do funeral.

O baquité, com os ossos do falecido, fica na casa da família dele por três dias, após três dias, no período vespertino, é entoado o último canto que se chama *Jure doge*. No outro dia, logo de manhã, os homens da aldeia levam o baquité para o cemitério e enterram os ossos, com isso, terminam o funeral e o luto da aldeia.

Acredito que não existe povo indígena no mundo que faz um funeral igual ao do meu povo, um funeral que demora três meses, esperando a decomposição do falecido. Durante todo esse tempo, a família fica de luto, e a aldeia toda também. É proibido bagunça na aldeia, como gritaria ou rir alto, também fica proibido ligar som, pois atualmente os jovens têm costume de escutar música no som alto. Também fica proibido jogar futebol, esporte que já faz parte do cotidiano do meu povo, pois todos gostam de jogar. Nesse período de luto, só podemos praticar as danças e os cantos tradicionais do funeral.

Nesse tópico, apresentei a você um pouco de nossa cultura, de nossa organização social, entre outras aspectos de nossa sociedade *Boe*. A seguir, apresento uma prática identitária muito importante para nós, denominado de *Boe Eiedodu*, momento em que acontece a escolha dos nomes das crianças em nossa língua materna, tema de minha pesquisa e de minha prática pedagógica que apresento neste trabalho. Começamos, então, com alguns depoimentos de pessoas conhecedoras desse ritual.

2 BOE EIEDODU - RITUAL DE NOMINAÇÃO ENTRE NÓS, BOE BORORO

Início essa seção, trazendo os depoimentos de algumas lideranças sobre o *Boe Eiedodu*, porque para mim é importante saber mais sobre o tema que estou pesquisando e, também, porque são eles que contribuirão para essa pesquisa. Além do mais, é um trabalho produzido, conforme os nossos costumes, ou seja, sob o nosso olhar *Boe Bororo*. Em seguida, escrevo sobre a nomeação *Boe Bororo*, tema central de desta pesquisa.

2.1 Depoimento do ancião(ã) e de professores(as) sobre a importância e significados dos nomes

Depoimento 1 - Ancião Joaquim Batista Burudui: *Ča marigudu woere boe ero Kurireu jeture, woe awu paeda Korogedo Paru keje,boe eimejerage edu kimore dukeje emagare, dukodire imeadure nuba egore ,nowu boe eidodu kigodu jiboeji, bakaru nure ema, dukodire boe eidodu paga 'paga karegure, boe eidodure tumuga kae, tuje muga kae. Kodire pajé mage pijire pagiedodure. Boe ekidodure tuidaga mage etae, dukodire boe ekiere karo ie tabo,kiege ekie tabo,barogo ie tabo.Marigudu boe etore ewudure dukeje epage kuri kanabo buture dukae, kanabo buture dukeje ere iedo taji je , epagudure bop ero pegawo ji, dukodire ere iedo, mariguduboe epagudure kodi, awu maigoduge rema epagudu kare, bop ero pegawo tonaregeduji dugodire etore ekurire du taboe ere eiedo, mare barae eigoi paigodure barae eroto ekare boe epagududo. Dukodire imi iogai awu are towu bapera pemega mode rugadu ,awu ričodure maigodu boe etore eduwawo nuba boe erore boe ekiedodure, Kaoba kodiba Boe ekiedodure, pagawo awu paro akedodu, jetuwo pagawo, mariguduboe ero tabo akedu kawo , Boe nure pagi, pagawo pagera rawuje paro piji.*

Tradução do depoimento 1: (Faz tempo... aqui era o lugar de grande cultura do nosso povo. Aqui na aldeia Córrego Grande, tinha muitos chefes de cultura naquela época, com eles eu fui escutando e aprendendo sobre a importância do batizado para o nosso povo. Na verdade, é uma longa história, por isso, o nome não é escolhido de qualquer jeito, cada nome tem seu significado, o nome é do clã que a pessoa pertence, ou seja, do clã da mãe, pois seguimos a linhagem matrilinear. Por isso, o nosso nome sempre vai ser do clã da mãe, os nomes podem ser de peixes, pássaros e animais, Faz tempo... quando a criança nascia, a família esperava apenas para o umbigo cair para batizar. Assim que o umbigo caía já fazia o batizado, porque os antigos tinham muito medo do espírito do mal fazer algo de ruim com as criança, os antigos tinham muito medo de algo de ruim acontecer com seus filhos. Agora esses que são mais novos

não têm medo de algo de ruim acontecer com seus filhos, fazem o batizado quando os seus filhos estão grande, mas isso acontece por causa dos não indígenas, a cultura deles está influenciando muito os jovens de hoje. Por isso, pra mim é importante esse trabalho que você está fazendo, para que as crianças que estão crescendo saiba como é o batizado em *Bororo*, para eles saber como é feito o batizado e eles consiga entender sobre a importância do batizado para nosso povo, pois é um ensinamento milenar que é repassado de geração em geração. Nos somos os *Boe Bororo*, nós não podemos nunca deixar a nossa cultura acabar).

Depoimento 2 - Anciã Ana Merekreudo: *Awu amaragodae pemegare rugadu, amago nure nuba boe erore boe ekiedodu keje, kaboba kodiba boe ekiedodu kigodu, awu maigoduge kugure eduwa jokodu kare kodiba boe tore eidodu kigodu, eduwawo pu ie boeji, eduwawo, kaboboe piji ba taregodure. Ioduware awu inodu rogu boeji, muga apo, muga mugu raire nowu ioga Burudui apo, dukodi nogwaredure imi nowu meri keje, mare itaiwo kigodure, nuba ero kigodure, boe tore eiedodure dukeje, imedu iere, aredu iere, aredu maragodure jiboere, imedu maragodure joboere, dukodi ainore ure.*

Tradução do depoimento 2: (Este trabalho que você está fazendo é muito importante, você está pesquisando sobre os significados dos nomes e, também, como é o batizado Bororo, para depois deixar registrado. Isso é muito bom, porque o nome em Bororo é nossa identidade, porque através do nome conseguimos identificar qual clã a pessoa pertence. Esses jovens de hoje ainda não têm entendimento sobre a importância do nome, não sabe os significados dos nomes, estando escrito eles lendo vai facilitar mais para eles entender. Eu sei sobre essas coisa da nossa cultura, porque minha mãe era casado com chefe de cultura Burudui, então, eu era muito nova naquela época, mas eu sempre olhava e observava quando faziam o batizado. Por isso, eu sei que os homens têm seu nome e as mulheres o nome delas, durante o batizado as mulheres têm seus trabalhos e os homens também, cada um com seus deveres e afazeres).

Depoimento 3 - Professor Evaristo Kiga: *Imi bapera epa nure imi, aki jamedu, dukodi pamago awu are towu bapera ji, awu amaragodae pemegare rugadu, boe eije jibojeji, awu atugodu muguwo woe bapera keje pamarago duwo tabo awu pabera epagebo, etaidumode tuiduwawo kaboba kodiba tugiere ainono etaiwo mode nowu baperaji, mugure nono. Jamedu awu joduwareuge boe eimejerage kugure etagedu nure, emaga jokodu kare, dukodi pawo padurudo pawo awu bapera boe atugodo ebo, jetuwo pagabo, paduwawo ji, paromokare ainono, awu joduwareuge kugure etagedu mode, paduwa mokare paro bogai, dukodi awu amaragodae pemegare rugadu.*

Tradução do depoimento 3: (Eu sou professor e também tenho um pouco do conhecimento da nossa cultura, por isso, posso falar com toda clareza que o seu trabalho, o tema do seu trabalho sobre os significados dos nomes é de sua importância para nós, ainda mais que está sendo feito com os alunos, com nome deles e vai ficar registrado em um glossário, deveria deixar algumas copia na nossa escola, pois vai servir de material pedagógico para trabalhar com os nossos alunos futuramente. Também temos que aproveitar os nossos conhecedores da cultura que são bem pouco, estão acabando, pois eles são os nossos livros. Por isso, cada vez que um conhecedor de cultura falece é um livro da cultura que está acabando, por isso, que nos devemos aproveitar, fazer pesquisa e deixar registrado para que as gerações futuras tenha acesso esta atividade, por isso, para min seu trabalho é importantíssimo para todos nos *Boe Bororo*).

Depoimento 4 - Professora Cleyde Kuwogoitoudo: *Ainono rugadu awu amaragodure jiu bapera pemegare rugadu, bapera epado nure imi marigudu rugagu, itawo kigodu awu boe tore, emugu kigodure bapera keje dukeje, emago kigodu kare pui tuguie boe ewadaru tabo, emagore pui tugie barae ewadaru tabo, dukodire awu amaragodure jiu bapera , pemegare rugadu etaiwo mode ji tuiduwawo, tugie kodiboeji. Muguwo woe awu bapera jae keje pagi bapera epage etaiwo tuji jamedu, pamaragoduwo tabo ebo ,eduwawo kaoba kodiba tugiere ainono, eduwawo kaboba piji ba taregodure, eduwawo nuba ime ekiere, areme ekiere, nowu boe tore eidodu keje, areme amaragodaere, ime amaragodaere, eduwawo nowu inodu rogu boe ji, akedu kawo, pagawo pagera rawuje nowu inodu piji, paro rogu piji, jetuwo pagabo.*

Tradução do depoimento 4 – (Quando vi seu trabalho, achei o tema importantíssimo para nossas crianças, para os jovens que são as futuras gerações do nosso povo. Eu sou professora há muitos anos, então, quando estou em sala de aula, observo muito as crianças, observei que eles chama um aos outros somente com o nome do não indígena, não chama outro com nome da língua materna, e isso é preocupante, porque estão crescendo com isso, por isso, o seu trabalho é importantíssimo para todos nós. Para ficar registrado no glossário o nome dos alunos, e deixar um impresso aqui na escola, para quando eles quiserem saber mais sobre o significado do seu nome, é só procurar no glossário e, também, para eles saber qual clã pertence, pois os nomes são escolhido conforme seu clã. Tem nome que é somente de homem, e tem nome somente de mulher, pois seguimos a linhagem matrilinear, então, o seu trabalho vai nos ajudar muito na sala de aula, pois vai servir de material pedagógico para todos os alunos, porque nós não podemos deixar a nossa cultura milenar acabar, por isso, temos que trabalhar isso na sala de aula com os alunos).

Depoimento 5 - Cacique e professor Benedito Pereira Junior Bakorokaru: *Amarogodure jiu bapera pemegare rugadu, nowu bapera keje boe etore ekie mugu mode, eduwawo tigie kodiboeji, imi boe emijerera nure imi, bapera epa nure imi, imorora magudu kigodu nowu inoduji, boe etore etaidukare tumago pui boe ewadaru tabo , marigudu boe etore kare ainono, emago mode pui tugie boe ewadaru tabo. Amarogodae pemegare , Boe nure aki , are towuje nono paro rogu magadure rugadu, towujedure woe paeda keje rugadu, jamedu pagi bapera epage pamarogoduwo tabo boe etore ebo, eduwa pemegawo tugie kodiboeji, akedu kawo rijodu modewuge eduwo ji eduwawo ji .*

Tradução do depoimento 5: (Seu trabalho está muito bom, pois é um glossário onde vai ficar registrado o nome dos alunos da nossa escola, os alunos vão saber significado do seu próprio nome, é um trabalho inédito. Eu, como professor, até hoje não vi um trabalho igual o seu. Pois eu, como cacique e professor, fico preocupado com essas crianças, não chama mais outro pelo nome da língua materna, e isso é preocupante, pois as crianças são nossas futuras geração. Nós, como professores, temos que despertar o interesse deles em chamar outro pelo nome *Boe*, pois antigamente, quando eu era criança, nós chamava os outros somente nome da língua materna, coisa que não está acontecendo com as crianças de hoje. Este trabalho está muito bom, porque está sendo produzido por você, um pesquisador indígena *Boe*, vai ser conforme o nosso conhecimento, porque eu já li alguns trabalho produzidos por não indígenas, em algum deles não está do jeito que nós fazemos ou praticamos. Eles colocam do jeito que entenderam, não conforme realmente é, por isso, seu trabalho vai ser muito bom, pois esse conhecimento sobre os nomes vai ser repassado de geração em geração, por isso, tem que ser bem feito, conforme o nosso conhecimento).

Antes de passar para a próxima seção, quero dizer que o depoimento das lideranças me deu autonomia em trabalhar este tema com os alunos e alunas da minha escola, pois eu vi que realmente precisava muito trabalhar essa questão cultural no contexto escolar. Essa prática de chamar o outro pelo nome *Boe* faz parte da nossa identidade, porém, vem perdendo força entre as crianças e os jovens. Por esse motivo e, enquanto professor *Boe*, vejo que tenho esse papel importante em mostrar ou ensinar para os alunos(as) a importância de chamar outro pelo nome. São esses jovens e crianças que darão continuidade a essa prática cultural, por isso, não podemos deixar cair no esquecimento. O depoimento dos lideranças me deu coragem em seguir em frente com esta pesquisa até concluir, pois na fala deles eu pude compreender que precisava deixar os nomes na língua materna registrados.

Conforme as colaborações oral e avaliativa sobre a importância da pesquisa e da própria nomeação, foi possível observar que é necessário fazer registros, assim como, produzir um espaço de resistência política para a continuidade dos processos tradicionais de nomeação *Boe-Bororo*.

2.2 Sobre o ritual de nomeação *Boe Bororo*

O *Boe Eiedodu* é o momento em que a criança recebe o nome que tem significado: pode ser de uma ave, de peixe ou de animal. Tem nome somente de homem, e nome somente de mulher. Destaco aqui que a criança não recebe um lugar clânico, pois desde que está na barriga da mãe, ela já tem seu clã, pois seguimos a linhagem matrilinear, ela apenas recebe o nome, por isso, são feitos todos os cantos da nomeação.

Quando a criança *Bororo* nasce, é levada pela família do pai até a casa da avó paterna, onde a criança é pintada e ungida com remédio para que cresça firme e forte. Os pais não podem ter relação sexual, por um determinado tempo, ou seja, até a criança ficar forte, porque o remédio não terá forças para proteger o corpo da criança. Depois é entregue à mãe, que fica cuidando da criança em casa.

Figura 7: Criança enfeitada para o *Boe Eiedodu*



Fonte: Benilton Pereira Kogebou, 2022

Quando a criança vai receber o nome em *Boe Bororo*, cabe ao pai e a avó materna comunicarem o ancião *Boe Eimejera* (chefe da cultura). A mãe avisa os tios e, juntos, começam escolher o nome para a criança, sendo que o nome dado a ela pertence à mãe.

O enfeite que a criança usa durante o batizado é o enfeite que pertence ao subclã do pai, por exemplo, na imagem anterior da minha filha, ela está usando meu enfeite durante a nomeação dela. Através do enfeite, conseguimos identificar quem é o pai dela ou então qual subclã é do pai da criança.

O *Boe Eiedodu* é um dos rituais mais importantes para o meu povo, pois é quando vai ser escolhido o nome de uma pessoa que faz parte desta comunidade, é sempre muito esperado por todos da aldeia, pois conforme a nossa cultura, todos vão se reunir no pátio da aldeia. O ritual sempre se inicia com a chegada de uma criança, ou seja, um novo membro da nossa comunidade. Por este motivo, todos participam, pois é o momento em que vai ser escolhido um nome para esta criança. A família da criança que vai ser nominada é que organiza tudo, principalmente, o dia do ritual. A avó materna avisa todos os seus familiares que no dia tal irá acontecer o *Boe Eiedodu* da criança e ela avisa também os *Boe Eimejera* (Os chefes de cultura), pois são eles que vão cantar no ritual, porque eles são os conhecedores da cultura.

Depois que a avó materna avisar os *Boe Eimejara* sobre o ritual, todos os homens vão se reunir no pátio da aldeia. O avô ou então o tio mais velho da família da mãe da criança que vai ser nominada vai comunicar a todos em voz alta, bem no pátio cultural, para todos da aldeia ficarem sabendo que no outro dia vai acontecer o ritual *Boe Eiedodu*. Quando todos ficam sabendo, nesta mesma noite, cantam o *Roiao*, pois no outro dia o ritual continua.

No dia seguinte, no período matutino, os pais da criança, junto com seus familiares homens vão se reunir no *baito*, para fazerem o *kiogaro* (um tipo de tiara que a criança vai usar durante o ritual, pois este enfeite só pode ser feito pelos homens da família paterna, dentro do *baito*. Enquanto isso, as mulheres da família paterna estarão fazendo outro enfeite que só pode ser confeccionado por mulheres, o *kiogo bu* (enfeite colocado na nuca da criança), pois neste dia, os homens têm seus afazeres, assim como as mulheres têm os delas.

Elas também preparam os alimentos que vão ser servidos à noite, durante o canto como: chicha de arroz, bolo, suco, refrigerante, cigarro, café e mate. E assim que o *kiogaro* estiver pronto, o pai da criança leva para casa para todos da família ver o enfeite. Neste mesmo dia, no período vespertino, os avôs maternos e paternos começam pintar a criança com urucum e enfeita com todos os enfeites do *Boe Eiedodu*.

Ao terminarem de arrumar a criança, as avós a entregam para a mãe, que vai à casa dos seus familiares homens para convidá-los para o ritual. Ela os avisa em qual casa vai ser o canto do ritual e todos os parentes vão até esta casa, onde vai acontecer o *Boe Eiedodu*, pois é neste local que vão escolher quem vai ser o *iedaga* (padrinho) da criança. Quem escolhe o padrinho são os pais da criança, junto com o ancião da cultura.

O padrinho é sempre algum homem da família da mulher e, a partir do momento que escolhe quem vai ser o padrinho, começa um outro trabalho mais importante, que é a escolha do nome para esta criança, os nomes não podem ser iguais dos outros da familiares do seu clã.

Figura 8: Padrinho apresentando seu afilhado



Fonte: Benilton Pereira Kogebou, 2024

Aqui, para exemplificar, vou citar alguns nomes da língua materna dos dois grandes clãs e seus subclãs: *Aije Atugo* significa pintura de um espírito mal, pertence ao subclã *Aroroe*, do clã *Tugarege*. *Kogebou* significa peixe dourado e pertence ao subclã *Iwagudu* do clã *Tugarege*. *Kuruguga* significa gavião real e pertence ao subclã *Apiborege* do clã *Tugarege*. *Bokodori* significa tatu canastra e pertence ao subclã *Bokodori Čerae* do clã *Ečerae*. *Meri Ekureudo* significa sol e pertence ao subclã *Badojeba* do clã *Ečerae*. *Pariko* significa cocar e pertence ao subclã *Bakoro Čerae* do clã *Ečerae*. Por este motivo, é muito importante que as famílias do clã

da mãe fiquem reunidas, pois o nome é sempre do clã da mãe, pois como já dito, anteriormente, somos de cultura matrilinear.

Quero ressaltar aqui, a nossa forte relação com a natureza, sobretudo, com os animais, o que está diretamente ligado a nossa organização social. Sobre essa relação dos grupos sociais com os animais, trago aqui as palavras de Cesár Amin Rondon, registradas no artigo “A relação do povo indígena Bororo com os animais e a influência em suas práticas culturais e sociais”, publicado em 2018, em coautoria com Marcelo Franco Leão:

Os Bororo possuem sua organização social relacionada com a divisão dos animais. Cada sub clã tem animais com as suas propriedades, que receberam nomes específicos, sendo que muitos deles não são conhecidos em língua portuguesa, mas somente na língua materna. Os nomes dos animais e a maneira de organização social com a atribuição de propriedades foram repassados de geração em geração, conhecimentos esses que são preservados pelos indígenas pertence ao sub clã Baadojebage (clã dos chefes), um importante grupo dentro da Comunidade Bororo (Rondon & Leão, 2018, p.138).

Assim que o nome da criança é escolhido, o avô paterno pega a criança no colo, pois vai começar o canto *Boe Eimejera*. Começam a cantar na casa e vão até o pátio da aldeia, e o avô materno acompanha junto com sua família. As mulheres vão carregando e revezando com a criança no colo, até o pátio da aldeia. Elas vão à frente e todos vão atrás cantando, dão a volta no pátio central da aldeia, apresentando a criança para todos, e vão até no meio do pátio, em frente do *baito* onde vai ser realizado o *Boe Eiedodu*.

O pai da criança vai até o padrinho, pega na mão dele e o leva até no meio do pátio e entrega o *Ika* (uma espécie de flauta) para ele, em seguida coloca o cocar na cabeça dele. O padrinho vai até a criança e a levanta para cima, apresentando e mostrando para todos que aquela criança está recebendo o nome. O padrinho tem um papel muito importante na vida desta criança, pois ele vai ajudar educar a criança na nossa educação *Boe*.

No período noturno, todos se reúnem no *baito* para cantar. O ancião fica no centro do *baito*, cantando em cima do enfeite do ritual, e as mulheres ficam em volta cantando. Os anciãos que são os conhecedores do canto vão se revezando até o amanhecer, pois este canto vai até o amanhecer. Nesta noite, a família serve a tão esperada chicha de arroz, café, mate, fumo, bolo, refrigerante, entre outros alimentos, para todos que estão participando do ritual dentro *baito*. Todos ficam animados até o amanhecer. Assim que amanhece, todos se reúnem no pátio central da aldeia, em frente do *baito*, onde o ancião começa a cantar o *Bakoro Ika*.

Enquanto isso, a avó paterna, junto com seus parentes mulheres, começam a colocar a penugem e enfeites do ritual na criança, e todos ficam observando, é um momento muito bonito.

Ao terminar de enfeitar a criança, ela é entregue para a avó materna; em seguida, o pai da criança vai até o padrinho e pega na mão dele e o leva até o pátio onde está a criança. O padrinho ergue a criança para cima, apresentando-a como afilhada, dizendo o nome dela para toda a comunidade.

Figura 9: Avós com seus netos



Fonte: Benilton Pereira Kogebou, 2024

Conforme a nossa cultura, o nome sempre vai ser da mãe, pois seguimos a linhagem matrilinear, por isso, a mulher tem um papel muito importante na sociedade *Boe*. A mulher tem esse papel importante, porque é ela que decide as coisas na casa. Na atualidade, quando uma mulher estiver em uma reunião importantíssima, onde são tomadas decisões, a opinião dela ou a fala dela decide tudo. Outro exemplo é quando um casal constroi uma casa juntos, pois caso haja separação entre eles, a casa fica para a mulher com tudo que estiver dentro. O homem sai da casa apenas com suas roupas.

Segundo o ancião Joaquim Batista Burudui (*in memorian*), antigamente não tinha mês ou idade certa para dar nome *Bororo* à criança, os pais da criança esperavam somente o umbigo da criança cair. Seu Joaquim explica que se a criança não receber logo o nome, pode acontecer algo de muito ruim com ela, pode adoecer ou então *bope* ou *aroe* pode levar a criança embora. Por este motivo, é muito importante nominar a criança o mais rápido.

Hoje em dia, esta prática vem mudando muito, pois os pais, muitas vezes, faz o ritual *boe* da criança já com idade dela bem avançada, dentre 1 a 5 anos. Raramente vemos criança

de um ou três meses sendo nominada, pois tudo isso é por causa da influência dos brancos que falam que a criança é muito pequena. De acordo com o ancião, os jovens de hoje estão perdendo o medo de *bope* fazer algo de ruim com os seus filhos e, atualmente, quando a criança nasce, os pais já vão direto no ancião para ele escolher o nome que vai ficar no registro. Seu Joaquim diz que não gosta quando os pais fazem isso, mas ele sempre escolhe o nome para ajudá-los, caso contrário, a criança pode ficar sem nome no registro. Ele disse todas as crianças têm de receber o nome, seguindo a nossa tradição, pois mesmo que já foi escolhido o nome, algo de muito ruim vai acontecer.

Outra coisa que vem mudando muito são os alimentos que são servidos à noite, pois antigamente só servia chicha de arroz e fumo, agora é servido muita coisa dos brancos como café, suco, bolo, refrigerante. Isso tudo está acontecendo por causa dos brancos e, também, porque os jovens de hoje só gostam de comer os alimentos dos brancos, diz o senhor Joaquim Burudui.

Os nomes em *Boe Bororo* não são escolhidos de qualquer jeito, cada um têm seu significado, de um animal, de pássaro ou de uma árvore, de acordo com seus respectivos clãs, porque o povo *Boe* tem um respeito muito grande pela natureza, como dito anteriormente.

Antigamente, quando uma pessoa ia para outra aldeia, onde não era conhecida, a partir do nome em *Boe Bororo* dele, alguém poderia reconhecer o seu clã. Mas agora, os jovens não chamam mais os outros por seu nome em *Boe*. Todos chamam o outro somente com o nome que foi escolhido pelos brancos, por isso, é muito importante para nós, *Boe Bororo*, saber o significado do nosso nome tradicional, explica seu Joaquim.

E, além de saber o significado, é preciso, também, retomar essa prática cultural entre nós, com o uso efetivo dos nomes na língua *Boe*, mas não como segundo nome e, sim, como primeiro nome em nossos registros e uso cotidiano, a exemplo do meu próprio nome, que passaria a Kogebou Benilton Pereira.

Nessa seção, escrevi sobre uma das práticas identitárias mais importantes para nós, o ritual de nomeação, *Boe Eiedodu* e, também, tema dessa pesquisa. A seguir, escrevo sobre nossa escola, instituição que faz parte de nossa educação escolar *Boe Bororo* e que chegou até nós pelas mãos dos *baraedu*, pois é nesse contexto que também desenvolvo a minha pesquisa. Para nós, a escola é um espaço fundamental para o fortalecimento de nossa identidade *Boe*, pois lá ensinamos parte de nossa cultura, principalmente, a escrita em nossa língua materna. É na escola que as crianças aprendem a escrever na língua materna *Boe*, a partir do seus

conhecimentos internalizados sobre a língua. Elas adquirem a língua materna em casa com os pais, pois desde que a criança começa a falar, os pais ensinam na língua materna.

A escola ajuda aprimorar o que a criança aprendeu em casa, e na escola as crianças aprendem sobre a escrita e leitura na língua materna, além de outros conhecimentos sobre a língua.

3 A ESCOLA *BOE BORORO*

Nesta seção trago uma breve trajetória a educação escolar *Boe Bororo*, sobre a chegada da escola em nossa aldeia, nosso calendário escolar, bem como, o papel importante que esta instituição exerce atualmente em nossa sociedade.

3.1 História da escola da aldeia Córrego Grande

Conforme contam os mais velhos, a Escola da aldeia Córrego Grande começou no Posto do SPI (Serviço de Proteção ao Índio), anos depois que terminou a SPI, passando ser da FUNAI. Os professores foram pessoas não indígenas e que não paravam na aldeia, a escola teve vários professores: Nelci, Anita, Maria Lucia e Dona Herta. As professoras eram contratadas e mantidas pela FUNAI, os professores usavam palmatória e davam reguada nos estudantes e também só davam aulas na língua portuguesa.

O tempo foi passando e não teve mais professores, pois a FUNAI não contratou mais professores para dar aula na aldeia, não contratou mais professoras porque elas não conseguia para na aldeia ou seja não conseguia se adaptar com o jeito e a organização dos indígenas, porque a escola para os *Boe Bororo* naquela época não tinha muita importância, pois naquela época o que importava para eles era a cultura, praticar a cultura, falar na língua materna, manter a cultura viva. E a escola daquela época fazia contrario do que o povo *Boe* era acostumado, imagina tirar uma criança do convívio familiar para ir a escola estudar aprender coisa de outros povos ou seja coisa dos *Baraedu*(não indígena) isso causava estranheza nos *Boe Bororo*, ainda se errasse levava ate castigo, como palmatória, reguada ou ate mesmo ficar por horas de joelho no milho, ou ate mesmo era trancado em um quarto escuro, por horas ficavam sem tomar agua, sem alimentação, todos esses castigos dependia do que o aluno fazia ou seja o que ele fez de errado no entendimento das professoras.

A escola foi abandonada por vários anos, o prédio foi derrubado na época da administração do senhor Orlando Graça Leite, administrador da FUNAI daquela epoca, assim relatam os mais velhos. Conforme conta o senhor Dolor Meri, era muito ruim, pois ele, assim como os outros estudantes, não entendia nada na língua portuguesa e as professoras mandavam falar na língua portuguesa, e quando não conseguiam, levavam palmatórias ou ficavam trancado no quarto escuro como castigo. Vemos aí uma imposição do saber, por meio do castigo, da violência com fins de dominar, subjugar, silenciar nossa língua materna para nos explorar. Aprender a língua portuguesa significava a nós, colonizados, “aprender parcialmente a cultura

dos dominadores em tudo que fosse útil para a reprodução da dominação” (Quijano, 2005, p.121). É um tipo de violência, entre tantas outras que nós, povos indígenas, fomos submetidos, que vem desde o processo de colonização, o que Quijano (2005) denomina como “colonialidade do poder”.

Todos os dias sempre tinha um aluno de castigo, pois para nós não era importante aprender coisas dos *baraedu* (não indígenas), principalmente, a língua deles, para nós o mais importante era a língua materna *Boe Bororo*. *As professoras nós obrigavam a falar na língua portuguesa, coisa que nós não conseguia falar na língua português, durante a aula só podia se comunicar uns com outros somente na língua portuguesa, se a professora ouvisse alguém falando na língua materna era castigo na hora, por isso durante a aula todos ficavam em silêncio, pra evitar o castigo*, fala o ancião Dolor Meri. Com isso as crianças daquela época tinha medo de frequentar a escola, pois era considerado um lugar ruim, um lugar que dava castigo para as crianças.

Em 1980, segundo o senhor Dolor Meri, a escola surgiu por vontade da própria comunidade, ao ver que tinha muita criança crescendo sem estudar e, também, por causa do padre (ele não lembra o nome do padre) que conversava com o cacique da época, o senhor Jose Kadagare. O padre dizia a ele que era importante as crianças aprenderem ler e escrever, com isso, o próprio cacique conversou com a comunidade e todos aceitaram e ajudaram a construir a escola na aldeia. A partir daí, surgiu a Escola Kadete Adugo Kuiare na nossa aldeia e esta funciona até hoje. Construída pelos próprios *Boe*, conforme a nossa tradição, foi feita e coberta de palhas de indaiá e pau a pique. A primeira professora que veio lecionar em nossa escola e que também permaneceu na aldeia foi a irmã Maria Ossemer, da Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas. Na época, ela conseguiu alfabetizar todas as crianças da aldeia, foi esta professora que idealizou essa escola na aldeia, que foi construída conforme a tradição do nosso povo. Essa professora respeitou nossa cultura, a língua materna, ela fazia de tudo para aprender a falar na língua materna, com a finalidade de se comunicar com os alunos, por isso, ela convivia muito com as mulheres para que elas a ensinassem a falar na língua *Boe*.

A professora Maria Ossemer praticava a cultura *Boe*, como os cantos e as danças, ela participava de tudo que acontecia na aldeia. Esta professora foi bem aceita pela comunidade dessa aldeia, tanto que ela foi batizada conforme a nossa tradição, recebendo o nome de *Čibaibo*. Ao receber o nome, ela foi considerada uma *Boe Bororo*, pertencendo ao clã *Ečerae*, subclã *Bokodori Čerae*.

Durante as aulas, ela usava o método do castigo, como reguada ou então uma varinha, mas esse castigo não era igual ao que era praticado pelas professoras do Serviço de Proteção ao Índio-SPI, pois na aula não era proibido falar na língua materna, ao contrário, ela queria que os alunos falassem mesmo na língua *Boe*. Então ela tentava aprender para se comunicar com eles, o castigo era para aqueles alunos teimosos, que não paravam quietos no lugar, aqueles que ficavam perturbando os outros colegas, que não faziam as atividades que a professora pedia para fazer.

Quando um dos alunos cometia essas coisas, ela não o liberava com os outros colegas. O aluno ficava esperando até os pais buscarem ele na escola, e quando os pais chegavam, a professora contava o que ele tinha aprontado. Assim, ele levava mais bronca dos pais, pois a irmã tinha o apoio dos pais para aplicar esses castigos, ela era considerada sábia, aquela que veio para ensinar os alunos a ler e a escrever, pois os *Boe* estavam começando entender a importância de estudar. Porém, temos aí um exemplo de educação opressora (Freire, 1987), em que a professora manda, lançando mão da violência, por meio do castigo, e os alunos obedecem. Essa professora desempenhou os seus trabalhos na educação com a nossa comunidade até o ano 2000, mas devido a problemas de saúde e, também como ela trabalhava muitos anos na Educação como professora, ela conseguiu se aposentar pela idade e serviço, por este motivo ela foi embora da nossa aldeia. Na época, quem contratou a professora foi a FUNAI, e todas as documentações da escola eram enviadas para este órgão, em Cuiabá.

Somente em 1992, a escola passou a ser Escola Municipal de Santo Antônio de Leverger e, partir do momento que a escola passa a ser municipal, o nome passou a ser Escola Municipal Kadete Adugo Kuiare. Ela funcionava nos dois períodos, matutino e vespertino, com as turmas do prezinho até a quarta série, como se dizia naquela época, atualmente é ensino fundamental 1. A escola funcionava somente nesse período, porque naquela época não tinha energia elétrica na aldeia. Quando o aluno completava seus estudos, ou seja, chegava até a quarta série, ele parava de estudar, ou então, para dar continuidade aos seus estudos, ia estudar na cidade. Para estudar na cidade, a família do aluno entrava em contato com a FUNAI, que escolhia em qual escola o aluno indígena iria estudar, geralmente, era nas escolas agrícolas. No entanto, o aluno não conseguia estudar até o final do ano, sempre voltava antes do ano terminar, pois não conseguia se adaptar à cidade, por isso, sempre voltava para aldeia.

Conforme o depoimento do cacique e professor Benedito Pereira Bakorokaro, ele foi um dos que estudou na cidade, em uma escola que ficava em Dourados, Mato Grosso do Sul. Ele foi estudar fora, porque sua mãe queria que o filho desse continuidade aos estudos, mas ele

não conseguia se adaptar com aquele lugar, era tudo estranho para ele , pessoas que não conhecia, sentia falta de falar na língua materna, de praticar a cultura como as danças, sentia muita saudades de sua família, pois era a primeira vez que ficava longe deles. Também não conseguia se comunicar com a família, pois naquela época, não tinha telefone na aldeia, então, ele ficou até as férias de julho, depois retornou para aldeia e não voltou mais para a escola da cidade.

Nessa época, a cada ano que passava, aumentava o número de alunos, sendo necessária a divisão por turmas, com isso, foi preciso contratar um professor *Boe Bororo*. Esse professor foi um dos primeiros que a professora Maria Ossemer alfabetizou. Ele estudou até a quarta série, e foi ela mesma que o escolheu, o senhor Bruno Tavie, o primeiro professor *Boe* dessa escola ou desta aldeia. Ainda, no mesmo ano, foi preciso escolher outro professor, então, ela escolheu o professor Evaristo Kiga, por isso, os dois são os primeiros professores desta aldeia, os dois a ajudavam alfabetizar as crianças.

No ano de 1999, foi realizada uma reunião com as lideranças *Boe* da Aldeia Córrego Grande e a prefeitura de Santo Antônio de Leverger, representante da FUNAI de Rondonópolis, onde foi discutida a necessidade de construir uma escola de alvenaria na aldeia para atender melhor a nossa comunidade. Na ocasião, foi firmada uma parceria entre a FUNAI e a prefeitura de Santo Antônio de Leverger. A FUNAI concedeu o material de construção, a prefeitura pagou a mão de obra e a comunidade cedeu o espaço físico para a nova escola. E assim foi construída a nova escola, onde está funcionando até hoje. Essa necessidade de se construir a nova escola, se deu por conta do aumento da quantidade de alunos, pois havia muitos alunos que tinham parado de estudar na quarta série, e precisava dar continuidade aos estudos, na própria aldeia, para não ter necessidade de estudar na cidade.

A nova escola funcionava nos três períodos: matutino, vespertino e noturno, com a turma do primeiro ano do ensino fundamental até o nono ano, quando o aluno chegava no nono ano, ele parava de estudar, pois a escola não ofertava o ensino médio ainda.

Em 2006, conforme o desejo da comunidade, a escola passou a ser do estado, com o nome escolhido pela comunidade, então, passou a ser Escola Estadual Indígena Korogedo Paru, pois era a vontade da comunidade que a escola funcionasse desde o ensino fundamental até o ensino médio. Vale destacar que a escola tem seu próprio currículo que é específico e diferenciado, buscando sempre valorizar e respeitar a nossa cultura *Boe Bororo*. Assim, partir do momento que a escola passou a ser estadual, começou a ofertar o ensino médio na aldeia, um desejo do

povo *Boe Bororo*, pois queria muito ter o ensino médio na aldeia, para que os alunos não estudassem na cidade.

Os oito primeiros professores *Boe* escolhidos pela comunidade conseguiram cursar magistério pelo projeto Tucum, formação de professores indígenas. Ao terminarem o curso, eles conseguiram dar continuidade aos estudos e ingressaram, pela primeira vez, na Faculdade Indígena, conhecida antigamente como Terceiro Grau Indígena e, atualmente, todos nós conhecemos como (FAINDI) Faculdade Indígena Intercultural, ofertada pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), no município de Barra do Bugres - MT. Foi uma conquista muito grande para o meu povo ter professores formados.

3.2 Situação atual da escola

Figura 10: Escola Estadual Indígena Korogedo Paru



Fonte: Benilton Kogebou, 2024

Professores e professoras que trabalham atualmente na Escola Estadual Indígena Korogedo Paru são indígenas *Boe* da nossa aldeia, a maioria dos professores é formada em algumas áreas específicas, portanto, estão todos preparados para lecionar, e os que ainda não têm formação já estão na FAINDI. Atualmente somos 15 professores(as), 10 são formados(as) pela FAINDI e 5 estão em formação, em nível de graduação. Nós, professores desta escola, temos um grande respeito e admiração por esta faculdade, pois se não fosse ela, hoje teríamos poucos professores(as) formados(as) na nossa escola. A FAINDI é uma faculdade que respeita a nossa cultura e nos ensina como trabalhar com os nossos alunos na nossa aldeia. Nesse sentido, nosso calendário específico é uma resistência pedagógica constante e um grande

desafio, pois as escolas são de manutenção dos poderes públicos governamentais e, com certas normas.

A nossa escola oferta o ensino bilíngue, e temos nossa língua materna como primeira língua ensinada na escola, principalmente, na fase da alfabetização. Na alfabetização, as disciplinas são ministradas primeiro em língua materna, depois em português; já no ensino fundamental II e no Ensino médio, as disciplinas são ministradas conforme o que vêm da SEDUC, por exemplo: Matemática, Língua Portuguesa, Educação Física, Artes, entre outras disciplinas. Também temos a disciplina de língua materna, em que são trabalhadas as questões da cultura, principalmente, da língua materna. Nós, professores, professoras e comunidade, preservamos muito a nossa língua *Boe*, nossos cantos, uma das principais tradições nossa, que é o *Boe Eiedodu* e o *Boe Emaragodu Godu*.

O Referencial Curricular Nacional para professores Indígenas orienta que a escola indígena deve ser de uma educação específica, diferenciada e de qualidade para as populações indígenas, como podemos observar no trecho a seguir:

Espera-se, assim, que este documento possa servir de base para que cada escola indígena construa o seu próprio referencial de análise e avaliação do que nela está sendo feito e, ao mesmo tempo, elabore um planejamento adequado para o que nela se quer realizar. Nesse sentido, o Referencial aqui apresentado tem função formativa e não normativa. Ele pretende, como já foi dito, fazer refletir sobre o desenvolvimento curricular e as experiências pedagógicas existentes ou que poderão emergir no interior das escolas indígenas (Brasil, 1998, p. 13).

A cultura *Boe Bororo* está na comunidade e, também, na escola, assim, ela procura ter um currículo diferenciado, e um dos conhecimentos presentes nela é o *Boe Eiedodu*, pois é muito importante falar sobre o nome na língua e seus significados, bem como, sobre os artesanatos usados no ritual. Também temos um calendário específico, conforme figura abaixo, e nele existe um período em que deixamos um tempo planejado para as situações imprevistas.

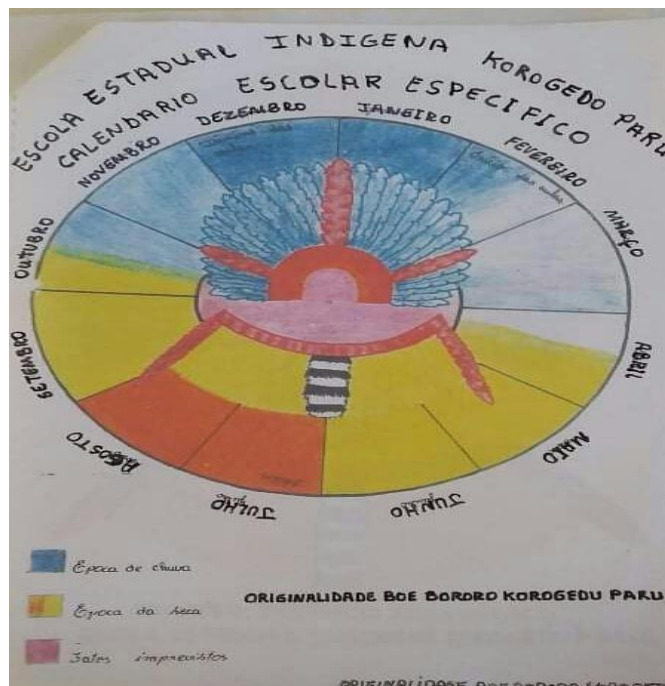
O calendário específico da Escola Estadual Indígena Korogedo Paru foi produzido pelos professores e professoras junto com a comunidade, portanto, todos da aldeia participaram da produção.

No calendário está o tudo que acontece durante ano na aldeia, época das coisas, por isso o calendário foi dividido por cores, e cada cor representa algo. Começamos com a cor azul escuro, época em que mais chove na aldeia, já a cor azul mais claro indica que a chuva está diminuindo. O amarelo é a época do calor, período mais quente do ano, época que começamos limpar a roça para poder fazer o plantio. Também usamos a cor amarelo para indicar os fatos

previstos, ou seja, algo planejado da cultura, como o *Boe Eiedodu* (quando fazemos essa prática a escola para tudo nesse dia, não tem aula, porque todos participam desse momento, pois as crianças *Boe* aprendem observando os mais velhos).

A cor vermelho representa fatos imprevistos como o funeral *Boe*, algo que não é planejado, pois acontece quando alguém da aldeia falece. Quando isso acontece, a escola para as atividades para que alunos(as) e professores(as) participem desse momento. Portanto, para nós, o calendário é extremamente importante e está registrado no PPP da escola.

Figura 11: Calendário Escolar Específico



Fonte: Arquivo do PPP da escola, ano 2005

O *Boe Eiedodu*, já apresentado na seção anterior, quando acontece, é planejado pelos familiares da criança que vai receber o nome tradicional, assim, alguém da família vem até a escola para avisar aos professores e estudantes sobre o ritual. Neste dia tão especial, de alegria e de festa para nós, povo *Boe*, a escola para tudo o que está fazendo para participar deste evento tão importante, pois é o momento de apresentação do nome de uma ou de várias crianças para nossa comunidade, então, todos participam.

Outra prática cultural significativa para nós, como já disse antes, é o *Boe Emaragodu Godu*, funeral *Boe*, também, abordado anteriormente, na seção 1, considerado um momento de tristeza, porque acontece sempre com a morte de um ente querido da aldeia. O funeral mobiliza todo o pessoal da nossa aldeia e, também, de todas as aldeias *Boe*, que sempre vêm

para participar deste momento importante para nosso povo. Neste dia, a escola para tudo o que está fazendo para participar do funeral. Por este motivo, a nossa escola tem um calendário específico e diferenciado, construído por nós, professores, junto com a comunidade, como citei acima.

O ritual de nomeação, por exemplo, é algo planejado, já o funeral é algo imprevisto, ninguém sabe quando alguém vai morrer, ou seja, a maioria dos nossos cantos tradicionais acontece sem serem planejados. E tudo está assegurado no calendário, fato previsto e imprevisto, assegurado no PPP da escola.

Nós, professores(as) e estudantes, participamos de todas as atividades culturais do nosso povo, pois conforme a nossa Educação *Boe*, as crianças aprendem com os mais velhos, observando e imitando tudo, pois o melhor caminho para conhecer a vida e conhecer a natureza dos seres vivos é ouvindo os mais velhos e observando a natureza ao seu redor.

Hoje entendemos a importância da escola na nossa aldeia, pois ela é uma ferramenta fundamental para nossa sobrevivência, pois se não fosse a escola e, também, a professora Irmã Maria Ossemer, que permaneceu na aldeia para alfabetizar as crianças daquela época. Eu não sei o que seria de nós, pois na escola aprendemos a ler e a escrever, aprendemos dialogar com os não indígenas, sobre os nossos direitos, principalmente, sobre o nosso Território, que praticamente foi invadido pelos grandes latifundiários. Assim, conseguimos nos defender dos não indígenas.

A nossa escola está sendo muito importante na valorização e fortalecimento da nossa cultura, pois todos os professores são *Boe Bororo*, ou seja, conhecedores da sua própria cultura, por isso, passamos o máximo desse conhecimento para os alunos. Quero ressaltar que essa prática de fortalecimento não é somente da escola, é de toda comunidade da aldeia, pois os mais velhos sabem da importância da valorização da cultura, porque quando acontece algum ritual os mais velhos chamam as crianças para participar. Para nós, a escola é um dos elementos que está ajudando a contribuir para a valorização e fortalecimento da cultura, afinal de contas, as crianças frequentam a escola todos os dias. Por isso, é uma instituição importante na valorização e fortalecimento de nossa cultura *Boe*.

Assim, ensinamos sobre a importância da nossa cultura, praticar as danças e os cantos. E, também, o mais importante: falar na nossa língua materna que é o conhecimento milenar do nosso povo, e não podemos deixar morrer. Nesse sentido, a escola está sendo muito importante, pois ajuda no aperfeiçoamento da leitura e da escrita e no fortalecimento, valorização e, muitas

vezes, na retomada de nossos saberes ancestrais, e ainda, na produção de materiais específicos de apoio didático.

Após trazer para você, sobre o *Boe Eiedodu*, tema desse trabalho, passarei a relatar no próximo capítulo, minha prática pedagógica em sala de aula, desenvolvida com a turma da educação infantil, turmas do 1º ao 5º ano (fundamental I), e com a turma do 6º ano (fundamental II, na Escola Estadual Indígena Korogedo Paru, aldeia Córrego Grande. Antes, porém, descrevo os caminhos da pesquisa, ou seja, minha metodologia de pesquisa e ensino, envolvendo a escrita da dissertação, a prática pedagógica, enfim, todo o processo que resultou na elaboração do produto educacional.

4 A PRÁTICA PEDAGÓGICA EM SALA DE AULA

Como o Mestrado é em ensino e o objetivo do trabalho é construir práticas pedagógicas, a partir da compreensão cultural da nomeação *Boe Bororo*, esta seção se destina a apresentar, em detalhes, o trabalho pedagógico em colaboração com os estudantes e a elaboração do produto educacional.

Passamos, agora, a minha prática pedagógica em sala de aula.

4.1 Da prática pedagógica ao produto educacional

Antes de iniciar, descrevendo minha prática pedagógica, trago aqui as palavras de Paulo Freire, palavras estas que dialogam com tanta boniteza, com aquilo que, nós, povos indígenas, há tanto, desejamos e lutamos, ou seja, que nossos saberes tradicionais sejam base para nossa educação escolar, se a queremos específica e diferenciada. Assim, concordo com Paulo Freire quando ele diz que “não há prática pedagógica que não parta da concretude cultural e histórica do grupo com quem se trabalha. Esse é o princípio fundamental dessa pedagogia, serve lá também. É absolutamente autêntico lá” (Freire, 1982, p. 24).

No começo de março, dia 12, numa terça-feira, período vespertino, antes de iniciar minha prática pedagógica com os alunos e alunas na sala de aula, primeiramente, apresentei meu trabalho para os meus colegas professores e professoras, para algumas lideranças da aldeia, e para os nossos anciãos, pois eles nos ajudariam a produzir este glossário, junto comigo e com os estudantes. Todos que ali estavam presentes gostaram muito do tema do meu trabalho, e todos se comprometeram em ajudar no que fosse preciso ou o que fosse do alcance deles.

No outro dia, numa quarta-feira, reuni com os alunos(as) por turma, onde apresentei meu trabalho, falando sobre a importância e o significado dos nomes para nós, *Boe Bororo*. Expliquei para todos eles como iríamos desenvolver o trabalho, pois eles também iriam participar, pesquisando sobre o seu nome e seu clã. Nesse momento da conversa, pude observar que a maioria não sabia o significado do seu nome, por isso, ficaram interessados em aprender sobre o assunto. Falei que faríamos um glossário com o nome e significado de cada um deles, e todos se comprometeram em ajudar. Destaco que nesse dia não fiz nenhuma atividade com as turmas, foi apenas a apresentação do tema da pesquisa.

4.2 Turma da educação infantil

Comecei minha primeira prática pedagógica, com o tema da minha pesquisa, com os alunos e alunas da educação infantil, mas como são crianças ou alunos e alunas muito pequenos, não entendem muito, então não forcei muito para que eles ajudassem. São 9 da educação infantil, idade de 3 a 5 anos, pois somente nessa idade é permitido às crianças frequentar a educação infantil. Dialoguei com eles, pedindo que chamassem os colegas pelo nome na nossa língua materna, contando com a ajuda dos três professores que trabalham com essa turma. Eles me ajudaram, pesquisando sobre o significado do nome de cada aluno(a). Para isso, fomos até a casa dos pais dessas crianças para conversar com eles sobre o significados do nome das crianças. Perguntamos a eles se no registro estava correto, conforme o nome escolhido por eles, pois em alguns momentos, percebemos que no registro era escrito do jeito que os brancos entendiam. Em nossa língua materna, têm nomes que são escritos conforme pronunciamos, até porque a escrita não representa a fala, do mesmo modo, que a fala não representa a escrita. Por esse motivo, fomos até os pais para confirmar se realmente era aquele o nome escolhido.

Ao encerrarmos essa parte, voltamos para sala de aula e escrevemos o significados de cada nome no quadro. A partir da atividade desenvolvida em sala de aula, com o tema do meu trabalho, o nome na língua materna *Boe* e seus significados, produzimos uma lista com os nomes dos(as) alunos(as). Para essa atividade, contei com ajuda dos professores(as) e, assim, íamos reunindo todas as informações ou significados, e fomos dando início à produção do glossário.

Tabela 1: Nome dos alunos das turmas de educação infantil

NOME	SIGNIFICADO	CLÃ	SUB- CLÃ	SEXO
Togodaga	Flechador	Eêerae	Bokodori Eêerae	Masculino
Parabara Kurireu	Marreco Grande	Eêerae	Bokodori Eêerae	Masculino
Iwodu Mugureudo	Dança em Bororo	Tugarege	Iwagudu Kujagureu	Feminino
Magurureudo	Menina que Passeia	Eêerae	Bokodori Eêerae	Feminino
Meritogiu	Brilho do Sol	Eêerae	Badojeba	Masculino
Bakarae Kiga	Colar de pena de arara vermelha	Eêerae	Badojeba	Masculino
Barubo Ekureudo	Brechele de pena de arara amarela	Eêerae	Bokodori Eêerae	Feminino
Enogujeba	Broto de Babaçu	Eêerae	Bakoror Eêerae	Masculino
Eke Nowareudo	Castanha	Eêerae	Bokodori Eêerae	Feminino

Tabela elaborada elaborada por Benilton Pereira Kogebou, 2024

4.3 Turmas do fundamental I

A seguir, vou descrever como foi a metodologia de trabalhar este tema com turmas do fundamental I, do 1º ao 5º ano, com alunos(as) da alfabetização, que para mim foi um desafio e tanto, pois estas crianças estão em fase de aprendizagem e aquisição da escrita.

4.3.1 Turma do 1º ano

A turma do 1º ano é formada por alunos(as) que estão sendo alfabetizados(as), por isso, ainda não têm domínio da leitura e nem da escrita. No entanto, conseguem entender muito bem na língua materna, por isso, foi importante ensinar e fazê-los(as) compreender a importância do nome na língua materna *Boe*, pois são crianças que estão crescendo e precisam saber sobre isso.

Ao iniciar a aula, fiz a lista de chamada, pronunciando o nome completo de cada um(a). Em seguida, chamei cada um pelo seu nome *Boe*, mas ao chamá-los(as) pelo nome na língua materna, observei que havia dois alunos na sala que não sabiam seu próprio nome *Boe*, pois demorava muito para responder. Em seguida, escrevi no quadro o nome de cada aluno(a), explicando sobre os significados de cada nome e também a qual subclã pertenciam. Todos ficaram prestando atenção na explicação, então, perguntei se tinham gostado de saber o significado do nome, e todos responderam sim. Uma aluna disse que tinha gostado muito de saber o significado do meu nome, explicando que significava arara vermelha. Perguntei a ela se sabia a qual clã e subclã pertencia, mas respondeu que não sabia, então, expliquei que o nome dela pertencia ao clã *Tugarege* e subclã *Aroroe*. Após essa interação com meus alunos e alunas, entreguei um desenho com nome deles na língua materna para pintarem.

Com essa turma, eu mesmo fiz a pesquisa dos nomes com o ancião Joaquim Batista Burudui, pois ele conhecia o significado de todos os nomes. Por ser alunos(as) que ainda não tem domínio de leitura e escrita, achei melhor levar a pesquisa pronta e explicar para eles o significado dos nomes. Também ressalto que não fiz nenhuma atividade com essa turma, apenas expliquei sobre a importância de chamar o outro pelo nome em *Bororo*. Em seguida falei o nome na língua materna das crianças e seus significados, e a qual clã e subclã o nome pertencia. Eu fiz apenas essa breve explicação para os alunos.

A seguir, apresento a tabela com os nomes dos(as) alunos(as) na língua materna e seus significados, de acordo com o clã e ao subclã que pertence cada um(a).

Tabela 2: Nome dos alunos do 1º ano

NOME	SIGNIFICADO	CLÃ	SUBCLÃ	SEXO
Kide Mugu	Lugar dos periquitos	Tugarege	Iwagudu Êcoreu	Masculino
Batare Ekureudo	Enfeite amarelo	Eêerae	Bokodori Eêerae	Feminino
Butugo Akiri	Flecha enfeitado	Eêerae	Bokodori Eêerae	Masculino
Tawie(Tavie)	Passaro gaivota	Tugarege	Apiborege	Feminino
Akarubo Kuri	Pedra grande	Tugarege	Aroroe	Masculino
Kide Êeba	Caçador de periquito	Eêerae	Bakoro Eêerae	Masculino
Nabure Taga	Pena de arara vermelho	Tugarege	Aroroe	Feminino
Pariko Ekureu	Cocar amarelo	Eêerae	Bakoro Eêerae	Masculino
Ipare Erudu	Rapaz guerreiro	Tugarege	Aroroe	Masculino
Meri Ekureudo	Sol amarelo	Eêerae	Badojeba	Feminino
Tori Tadau	Das pedras	Eêerae	Kie	Masculino
Ekureudo	Amarelo	Eêerae	Bokodori Eêerae	Feminino

Tabela elaborada elaborada por Benilton Pereira Kogebou, 2024

4.3.2 Turma do 2º ano

Ao iniciar a aula, pedi para cada aluno(a) falar seu nome na língua materna. Alguns conseguiram falar e outros falaram outros nomes, como nome dos seus pais, seus irmãos nome que eles estavam acostumados a ouvir no dia a dia. “Então, agora cada um vai falar seu nome na língua materna”. Todos responderam corretamente seu nome, após isso, fiz a lista de chamada, pronunciando o nome completo deles. Perguntei novamente: “Agora vocês sabem o nome em *Boe Bororo* de vocês?” Todos responderam sim. Fiz a lista de presença novamente, chamando eles somente com o nome da língua materna, e todos foram respondendo corretamente.

Expliquei que nossa aula seria sobre os nomes em *Boe Bororo*, pois é importante saber sobre os significados de cada nome e todos eles ficaram prestando atenção na minha explicação. Eles ficaram muitos ansiosos e curiosos para saber o significado dos seus próprios nomes, pois falei do meu nome para eles, que *Kogebou* significa peixe dourado, pertence ao clã *Tugarege* e subclã *Iwagudu doge*. Disse que os nomes têm vários significados pode ser peixe, animais, aves, tudo que envolve a natureza. Logo um aluno falou: *Meu nome é Kiegere, minha mãe falou que significa pássaros*. Respondi sim, significa pássaros. Ele continuou falando para mim e para os coleguinhas que o nome do irmão era *Kujibo*. Também falou do nome da mãe que era *Meri*. Falei para ele que era um nome muito bonito e que significava sol. Continuei conversando com eles, “agora que cada um sabe seu nome, só falta para nós saber o significado, por isso,

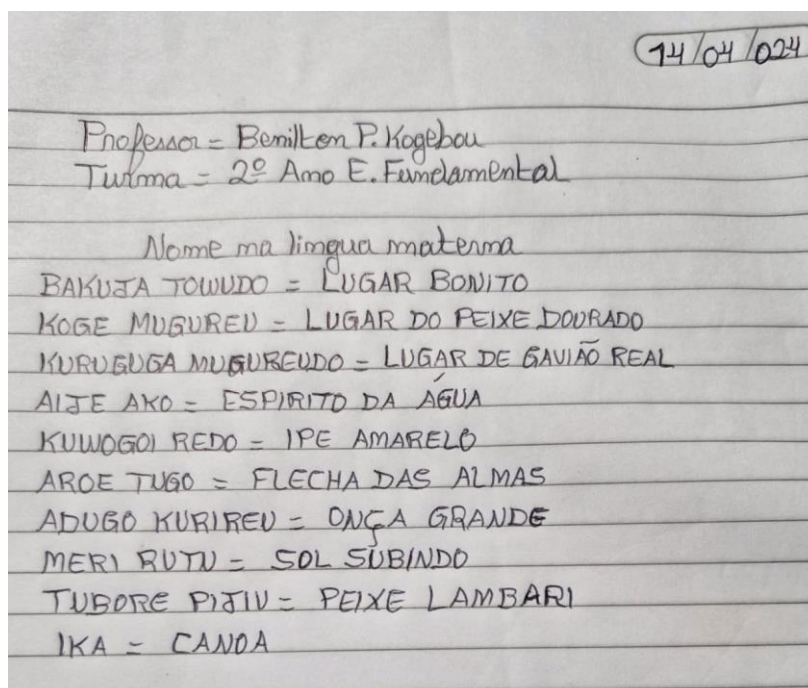
nós vamos na casa de cada um de vocês, para pesquisar com os pais”. Todos ficaram contentes, e partimos para a casa de cada um.

Depois que pesquisamos todos os nomes, voltamos para a escola, pois já estava quase terminando o horário da aula. Na sala de aula, perguntei se tinham gostado de pesquisar sobre seus nomes. Todos responderam sim, uma aluna disse: *Agora eu sei o significado do meu nome*. Quero ressaltar que, como esses alunos e alunas estão na fase da alfabetização e, ainda, não têm domínio da escrita na língua materna, eu mesmo registrei no caderno, as informações obtidas durante a pesquisa de campo.

Eu fui à casa de cada aluno(a) para perguntar o significado do nome deles, alguns pais até estranharam no primeiro momento, por eu querer saber o significado do nome dos alunos e alunas. Então, expliquei que era para minha pesquisa do mestrado e, também, que iria ensinar nas aulas de língua materna o significado dos nomes. Após isso, os pais falavam sobre o significado do nome dos seus filhos(as) e eu anotava no meu caderno para levar para sala de aula. Houve um pai que me parabenizou pelo meu trabalho, dizendo que era muito importante ensinar as crianças sobre o significado dos nomes, em *Boe Bororo*.

Abaixo, trago um recorte da anotação que fiz em meu caderno de campo:

Figura 12: Recorte da anotação dos nomes



Fonte: Benilton Kogebou, 2024

No outro dia, na mesma turma, continuamos com o mesmo tema sobre os nomes na língua materna, onde perguntei para cada aluno(a) se lembravam do nome em *Bororo*. Todos responderam sim. Em seguida, organizei a turma em grupo por subclã, e entreguei um desenho pronto, com o significado do nome deles para pintar.

Ao terminarem, pedi para cada grupo ir na frente da sala, apresentar seu nome para seus colegas. Perguntei para o grupo: *Seus nomes são iguais ao do outro ou não?* Eles responderam que não, então, expliquei para eles que mesmo sendo do mesmo subclã, o nome nunca seria igual ao outro, pois os nomes raramente são repetidos. Queria que entendessem sobre os clãs e os nomes, pois mesmo os nomes não sendo iguais, eles sempre serão parentes.

Em seguida, fiz uma encenação com eles e expliquei sobre a divisão dos clãs e subclãs, porque não haviam entendido direito a explicação dos pais. Depois fiz o desenho no quadro e pedi para desenharem e pintar no caderno.

Tabela 3: Nome dos alunos da turma 2º ano

NOME	SIGNIFICADO	CLÃ	SUB - CLÃ	SEXO
Bakuja Towudo	Lugar bonito	Tugarege	Aroroe	Feminino
Koge Mugureu	Lugar do peixe dourado	Tugarege	Iwagudu	Masculino
Kuruguga Mugureudo	Lugar de gavião real	Tugarege	Apiborege	Feminino
Aije Ako	Espirito da água	Tugarege	Aroroe	Masculino
Kuwogoi Redo	Ipe amarelo	Eêerae	Badojeba	Feminino
Kiga	Chifre	Eêerae	Badojeba	Feminino
Aroe Tugo	Flecha das almas	Eêerae	Bokodori Eêerae	Masculino
Adugo Kurireu	Onça grande	Eêerae	Bakoro Eêerae	Masculino
Meri Rutu	Sol subindo	Tugarege	Iwagudu Coreu	Masculino
Tubore Pijiu	Peixe lambari	Tugarege	Iwagudu Kujagureu	Masculino
Ika Togiudo	Canoa	Eêerae	Bokodori Eêerae	Feminino

Tabela elaborada por Benilton Pereira Kogebou, 2024

4.3.3 Turma do 3º ano

Ao iniciar a aula, com essa turma, cumprimentei os alunos e as alunas na língua materna, dizendo *pemega nuba tare*, e todos responderam *êegi êepemegare*. Em seguida, fiz a lista de chamada pelo nome completo de cada um, depois pedi para falarem o nome na língua materna. Cada um foi falando seu nome, após isso, perguntei sobre o significado do nome deles, porém, a maioria não sabia. Conversei com eles, explicando que era importante saberem o significado do seus nomes e também chamar uns aos outros pelo nome da língua materna. Um aluno disse que a avó dele o chama pelo nome na língua materna e, também, ela o ensinou o significado

do nome. Porém, ele não se lembrava mais como era. Um outro aluno disse que a mãe dele só chama o pai dela pelo nome materno.

Expliquei para eles que antigamente as pessoas chamavam uns aos outros pelo nome na língua materna *Boe*. Disse que o nome em português apareceu entre nós após o contato com os não indígenas, que colocavam e escolhiam o nome para nós. E, por conta disso, agora sempre vem o nome dos não indígenas primeiro. Expliquei que todos nós deveríamos chamar uns aos outros somente com o nome na língua *Boe*, porque isso é nossa identidade. Através do nosso nome na língua materna, conseguimos identificar a qual clã e subclã pertencemos.

Após as explicações, escrevi no quadro o nome deles no quadro e pedi para cada um copiar somente seu nome no caderno. Após copiarem, expliquei para eles que iríamos até a casa do ancião para pesquisar o significado dos seus nomes. *Eu sempre quis saber o significado do meu nome e hoje vou saber*, disse um aluno. Assim, saímos da sala de aula e fomos até a casa do ancião, que já estava nos esperando, pois eu já tinha combinado com ele que iria levar a turma para fazer a pesquisa. Falei a ele que eram alunos(as) do 3º ano do ensino fundamental, que queriam perguntar sobre os significados dos seus nomes e também a qual clã e subclã pertenciam. Ele ficou contente, dizendo que era importante as crianças saberem sobre a nomeação *Boe Bororo*, pois estavam crescendo e precisavam saber o significado dos seus próprios nomes. *Ainore ure boe eiedodu paga karegure, boe eiedodure tuje muga kae, boe etuje iere padure boe ewugeje*. (Os nomes não são escolhidos de qualquer jeito, pois sempre vai ser do clã da mãe, porque seguimos a linhagem matrilinear). Após a explicação do ancião, cada aluno(a) foi perguntando sobre o significado do seu nome e, enquanto o ancião falava, eles anotavam em seus cadernos. Assim que terminaram, voltamos para a escola.

Na sala de aula, uma aluna disse que gostou muito da explicação do ancião, e agora ela sabia a qual clã e subclã seu nome pertencia. Expliquei novamente sobre a escolha dos nomes, conforme o ancião disse, ou seja, que sempre será do clã e subclã da mãe.

Seque abaixo a tabela com os nomes *Boe Bororo* dos alunos e das alunas do 3º ano do ensino fundamental I.

Tabela 4: Nome dos alunos da turma 3º ano

NOME	SIGNIFICADO	CLÃ	SUB- CLÃ	SEXO
Bororo	Patio da aldeia	Eêrae	Badojeba	Masculino
Meritoro	Sol brilhando	Eêrae	Badojeba	Masculino
Uwaboreudo	Coração grande	Eêrae	Badojeba	Feminino
Jarudo	Peixe mandi	Tugarege	Iwagudu Kujagureu	Feminino
Ki Bakororo	Lugar das antas	Eêrae	Kie	Masculino
Araru Ekureudo	Peixe peraputanga	Tugarege	Iwagudu Kujagureu	Feminino

Tamigi	Passaro anhumã	Tugarege	Aroroe	Masculino
Kuido	Arara amarela	Tugarege	Paiwoe	Masculino
Nabure Rugu	Arara vermelho	Tugarege	Aroroe	Masculino
Aroe Reia	Lugar das almas	Eêrae	Badojeba	Feminino

Tabela elaborada elaborada por Benilton Pereira Kogebou, 2024

4.3.4 Turma do 4º ano

Nesta turma, iniciei a aula fazendo a lista de chamada pelo nome completo. Em seguida, perguntei se conheciam o nome na língua materna e todos responderam sim. Todos falaram corretamente seus nomes, sem dificuldade nenhuma, demonstrando conhecimento sobre o assunto.

Depois expliquei que o tema da aula seria sobre o nome na língua materna e todos ficaram prestando atenção na explicação. Expliquei que era importante saber o significado dos nomes e, principalmente, a qual clã e subclã cada nome pertencia, pois somos um povo dividido em dois grandes clãs: *Tugarege* e *Eêrae* e seus respectivos subclãs. Falei que os nomes são escolhidos através desses subclãs, e que sempre vai ser do subclã da mãe.

Em seguida, realizei uma atividade em grupo, organizando a turma, de acordo com cada clã e, assim, mostrei para eles a importância de saber o qual clã a qual pertencemos, pois quem é do mesmo clã é considerado como uma família. Entre nós, *Boe Bororo*, o laço familiar entre os clãs continua forte. Depois dividi o quadro em duas partes, numa copiei somente o nome dos *Tugarege*, na outra, copiei somente o nome dos *Eêrae*. Depois, pedi que escrevessem os nomes, conforme o clã que pertenciam. Expliquei para eles que iríamos até a casa do ancião pesquisar sobre o significado dos nomes.

Durante minhas explicações, observei que eles já sabiam a qual clã seus nomes pertenciam, um deles falou que já sabia o significado do nome, dizendo que a mãe havia ensinado. Após isso, expliquei sobre a conversa que teríamos com o ancião ao chegarmos na casa dele. Orientei que, primeiro somente os do clã *Tugarege* iriam perguntar sobre o significado dos seus nomes, depois seria a vez dos que pertenciam ao clã *Ecerae*. Todos deveriam fazer as anotações no caderno.

Fomos até a casa do ancião, que já estava nos esperando. Feliz com a nossa presença, nos convidou para nos sentarmos nos bancos. *Eu já estava esperando vocês, mas vocês demoraram um pouco para chegar, quase fui lá no rio com meu neto pescar.* Agradei e disse a ele que estava explicando à turma como seria a atividade, por isso, a demora. Logo alunos e alunas começaram a perguntar sobre o significado do nome, conforme expliquei na sala.

Primeiro, os do clã *Tugarege*, que iam fazendo as perguntas e anotavam no caderno. Depois os do clã *Eêerae* perguntaram sobre o significado do seus nomes, anotando, também, no caderno. Ao terminarmos a atividade, voltamos para sala de aula, reforçando sobre a importância do nome na língua materna, como identidade *Boe Bororo*.

Esta foi a turma que observei que entendia sobre a língua materna e, também, sobre o nome o tema da aula, pois já sabiam sobre seus clãs e subclãs. Foi importante trabalhar este tema com eles, pois apenas fortaleci o que eles já sabiam. Quero ressaltar aqui que desenvolvi nenhuma atividades com a turma após a entrevista. Ao chegar à sala de aula, expliquei novamente sobre a importância dos nomes, reforçando a explicação do ancião e, também, porque o nosso horário de aula já tinha terminado, pois a pesquisa com o ancião foi feita durante o horário das aulas.

Abaixo, em forma de tabela, estão os nomes dos alunos do 4º ano, de acordo com o clã e ao subclã a que pertencem.

Tabela 5: Nome dos alunos da turma do 4º ano

NOME	SIGNIFICADO	CLÃ	SUB – CLÃ	SEXO
Koe Pradu	Colar de tucum	Eêerae	Bokodori Eêerae	Masculino
Motojeba	Terra	Tugarege	Aroroe	Masculino
Êibae Togiú	Pena de arara canga	Eêerae	Bokodori Eêerae	Masculino
Araredugo	Pintura do piraputanga	Tugarege	Iwagudu	Masculino
Urugureudo	Vermelho	Eêerae	Bokodori Eêerae	Feminino
Arogiareudo	Mulher guerreira	Eêerae	Bokodori Eêerae	Feminino
Baku Enaureudo	Bandeja grande	Eêerae	Kie	Feminino
Baku Riri	Bandeja redondo	Tugarege	Iwagudu Êoreu	Feminino
Pobe Kareudo	Peixe pacu	Eêerae	Badojeba	Feminino
Araru Bororo	Lugar de peixe peraputanga	Tugarege	Iwagudu Kujagureu	Feminino

Tabela elaborada elaborada por Benilton Pereira Kogebou, 2024

4.3.5 Turma do 5º ano

Ao iniciar a aula, nesta turma, falei que iríamos trabalhar com a nominação na língua materna, explicando que cada um iria pesquisar o significado do seu nome. *Por exemplo, meu nome é Kogebou, que significa peixe dourado, pertenço ao clã Tugarege e ao subclã Iwagudu doge. Os nomes sempre serão do clã da mãe, pois seguimos a linhagem matrilinear. É importante vocês saberem sobre isso, pois os nomes são escolhidos através dos clãs e subclãs a que pertencem.* Expliquei que as pessoas do mesmo clã são parentes, por isso, não devem namorar e nem se casar entre si, só podem se casar com pessoas do outro lado do clã. Orientei

sobre isso, porque já estão entrando na adolescência e precisam saber dessas informações. Uma aluna disse que a mãe já havia ensinado a ela sobre a divisão dos clãs e subclãs: *eu sou do clã Eêerae e subclã Badojeba, minha mãe disse para não namorar com pessoas do subclã Badojeba.*

Em seguida, fiz o desenho de nossa organização social no quadro, explicando como é a divisão dos clãs. Pedi para os alunos desenhar no caderno a organização social da aldeia, conforme estava no quadro, e pintar somente a casa a que pertencia seu subclã.

Durante a atividade, reforcei sobre a importância dos nossos nomes na cultura *Boe Bororo*, pois isso faz parte da nossa identidade, portanto, não podemos deixar esse costume milenar do nosso povo acabar. Escrevi no quadro o nome de todos na língua materna e pedi para cada um copiar somente o seu nome. Perguntei sobre o significado de cada um, porém, todos reponderam que não sabiam, então, orientei como atividade de casa que perguntassem aos pais e aos avós o significado do nome e trouxessem na aula seguinte.

No outro dia, no início da aula, retomamos a atividade, discutindo sobre os significados dos nomes que haviam pesquisado em casa com seus familiares. Um aluno explicou que o nome dele era *Aere Kudu* e significava pássaro Urutau, aquele que canta à noite. Que seu nome pertencia ao clã *Tugarege* e ao subclã *Iwagudu*, conforme ensinou o avô materno. Percebi que maioria fez a pesquisa com seus avós maternos, apenas dois alunos fizeram com os avós paternos.

Logo depois, expliquei sobre a importância da pesquisa com os pais e avós, lembrando que o nome sempre vai ser da mãe. Também fomos a casa do nosso ancião para confirmar o nome de cada um, pois ele sabe os significados dos nomes, por isso, era importante perguntamos para ele.

Fomos até a casa do ancião, que já estava nos esperando, como sempre com um sorriso no rosto, todo feliz em nos ensinar. Primeiro, esclareci a ele que os alunos e alunas estudavam o 5º ano e queriam perguntar sobre o significado dos seus nomes. *Eles já perguntaram para seus pais e avós, mas mesmo assim, achei melhor perguntarem para o senhor, pois conhece todos os nomes.* Ele respondeu que era sempre um prazer ensinar para as crianças, *pois eles são os futuros da nossa aldeia, são eles que vão dar continuidade na nossa cultura, nós não podemos nunca deixar a nossa cultura acabar*, reforçou o ancião. Cada aluno(a) perguntou sobre o significado do seu nome, anotando no caderno, e assim que todos terminaram de fazer a pesquisa, retornamos para sala de aula.

Na sala de aula, todos disseram que gostaram muito de conversar com o ancião sobre o significado dos seus nomes, e que foi importante confirmar o que haviam pesquisado com a família em casa, pois o ancião é um grande conhecedor desse assunto.

Tabela 6: Nome dos alunos da turma do 5º ano

NOME	SIGNIFICADO	CLÃ	SUB - CLÃ	SEXO
Koge	Peixe dourado	Eêerae	Bokodori Ecerae	Masculino
Koge Kujagureu	Peixe dourado vermelho	Eêerae	Badojeba	Masculino
Kuruguga	Gavião real	Tugarege	Apiborege	Masculino
Naburetarô	Pena de arara vermelho	Tugarege	Aroroe	Feminino
Araru Mejerago	Chefe dos piraputangas	Tugarege	Iwagudu Kujagureu	Feminino
Adugo Aredú	Onça femea	Eêerae	Bakoror Eêerae	Feminino
Ipore Etuje	Mãe do rapaz	Tugarege	Paiwoe	Feminino
Tuopado	Aldeia grande	Tugarege	Apiborege	Feminino
Baru Kujagu	Céu vermelho	Eêerae	Kie	Masculino
Kare Eêeba	Pescador	Tugarege	Iwagudu Kujagureu	Masculino

Tabela elaborada elaborada por Benilton Pereira Kogebou, 2024

4.3.6 Turma do 6º ano do fundamental II

A prática pedagógica, com o 6º ano do ensino fundamental, abaixo, foi desenvolvida ainda no mês de março de 2024.

Figura 13: Alunos de 6º ano do fundamental II



Fonte: Benilton Pereira Kogebou, 2024

Ao iniciar a aula, expliquei para os estudantes que o tema da aula seria sobre a importância do nome na língua materna e seus significados, pois todos nos *Boe Bororo* temos nosso próprio nome na língua *Boe*, conforme o clã e subclã a qual cada um pertence. Todos ficaram prestando atenção na explicação sobre a aula, em seguida, fiz a lista de presença, chamando cada aluno(a) pelo nome na língua materna. Perguntei para cada um se sabia o significado do nome na língua materna, mas a maioria deles respondeu que não. Perguntei de novo: “Vocês sabem a qual clã vocês pertencem?” Alguns responderam que sim, porém, a maioria não sabia.

Após, expliquei como seria o desenvolvimento da aula, que cada um(a) iria pesquisa sobre o significado do seu nome e a qual clã pertencia. Saber a qual clã pertence é muito importante, porque através do clã é que recebemos o nome na língua materna. Expliquei que pesquisariamos junto o nome de cada um(a), então, fomos até a casa deles para perguntar para os pais ou então para seus avós, para descobrirmos o significado de cada nome. “Não esqueça de levar o caderno, pois cada um vai anotar sobre seu nome e aqui na sala explicar para os colegas”, pedi a eles.

Assim saímos da sala de aula e fomos na casa do primeiro aluno e, ao chegar lá, expliquei para a mãe dele sobre a nossa atividade, que era sobre os nomes na língua materna. Ela achou importante trabalhar este tema na escola, pois são crianças ainda, então não podemos deixar esse costume acabar.

Em seguida, o aluno perguntou para ela sobre o significado do seu nome que é *Bowadojeba*. Ela explicou que *Bowadojeba* significa coisa de *baito*, algo que os homens faz dentro do *baito* quando começa o funeral. Ela disse que não daria muita explicação, porque somente os homens sabem disso. “Eu sei explicar para vocês agora, porque perguntei para meu *iedaga* (padrinho) e ele me falou”, disse a mãe do aluno.

O aluno perguntou novamente para sua mãe a qual clã o nome dele pertencia. Ela respondeu que pertencia ao clã *Tugarege* e ao subclã *Aroroe*. E, assim, ela terminou de explicar para nós sobre o nome, então, agradei ela pelas explicações, pois antes dela falar do significado, ela contou um pouco da história dos seus nomes e da sua irmã.

De lá, nós fomos para a casa de outro aluno para pesquisar sobre o significado do nome dele. Chegando na casa dele, fomos recebido pelo pai, então, expliquei para ele sobre a nossa atividade, e que cada aluno estava pesquisando sobre o significado do seu nome na língua materna. Ele falou que era importante mesmo fazer essa atividade com os alunos para saberem

sobre seu nome tradicional, pois eles estavam crescendo e seriam nossa futura geração. O aluno se chama *Tawie*, e perguntou para seu pai sobre o significado do seu nome. O pai contou que este nome tem dois significados: o primeiro é o pássaro gaivota e o outro seu irmão caçula. Ele falou que era importante aprender que tem algumas palavras da nossa língua materna que têm dois significados, igual o nome *Tawie*, que tem dois significados.

Após a explicação que ele fez, o aluno perguntou novamente a qual clã pertencia nome *Tawie*, então, ele explicou que *Tawie* pertencia ao clã *Tugarege* e ao subclã *Apiborege*. O pai explicou que foi ele mesmo que colocou este nome no filho, pois ele também tem o direito de escolher nome para seu filho. Em seguida, ele explicou que, conforme a nossa cultura, o nome sempre é escolhido do nome da mãe, pois seguimos a linhagem matrilinear. O pai relatou que foi ele mesmo que colocou este nome no filho, pois ele também tem o direito de escolher nome para seu filho. (isso é uma mudança na cultura? Mulheres não vão nos espaços dos homens

No caso dele, foi ele mesmo que optou em colocar seu nome no filho. Agradei a ele por ter nos explicado sobre os significados dos nomes, pois ele falou também os significados de outros nomes também. A explicação dele foi importantíssima, pois ele entende bem da língua materna. A pessoa que entrevistamos foi o professor Bruno *Tavie*, meu colega do mestrado. Envolver os alunos nesse processo de pesquisa é muito importante para o ensino, e através da pesquisa, podemos guardar muito de nossos conhecimentos. É como diz Paulo Freire, “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino” (Freire, 2013, p.16).

Após a casa do *Tavie*,⁴ fomos na casa de outra aluna para pesquisar sobre nome dela. Ao chegarmos lá, encontramos com o avô dela e perguntamos sobre o significado do nome *Wudore*. Ele disse que *Wudore* significa um colar de usar nas pernas, quando tem *aroe*. Falou, também, que fica triste quando lembra desse colar, pois ele ficou no esquecimento, ninguém usa mais. Perguntei por que ninguém usava mais o colar e ele respondeu que o colar não é feito por qualquer pessoa, que as pessoas especialistas que faziam o colar já tinham falecido e não ensinaram para ninguém como se faz este artefato. *Era um colar raro, e somente os Apiborege usavam*. Segundo a avós da aluna, o nome *Wudore* pertence ao clã *Eçerae* e ao subclã *Badojeba*. Assim agradei a ele pela explicação que fez para nós e fomos para a casa dos outros alunos para saber o significado de cada nome.

⁴ A grafia do nome *Tavie* na língua materna é *Tawie*. *Tavie* foi grafado com V, no registro do cartório.

Figura 14: Alunos do 6º ano pesquisando sobre significado do nome

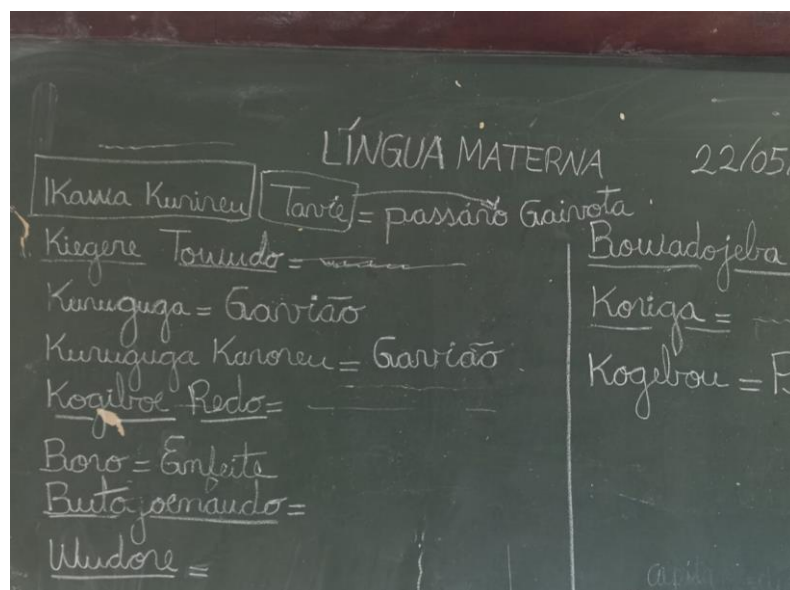


Fonte: Benilton Pereira Kogebou, 2024

Estávamos com uma turma de 11 alunos (as) para pesquisar os nomes, assim, ao terminar de fazer a pesquisa na casa de cada aluno(a), voltamos para a escola, pois o nosso horário de aula já estava terminando. Na sala de aula, perguntei se tinham gostado de fazer a pesquisa, e todos responderam sim. Agora todos já sabem o significado dos seus nomes. Assim, encerrei a aula, explicando que retornaríamos com esse assunto no dia seguinte.

No outro dia, continuei com a mesma atividade, sobre a importância dos nomes e seus significados na língua materna, escrevendo no quadro, como podemos observar abaixo:

Figura 15: Nomes em Bororo no quadro

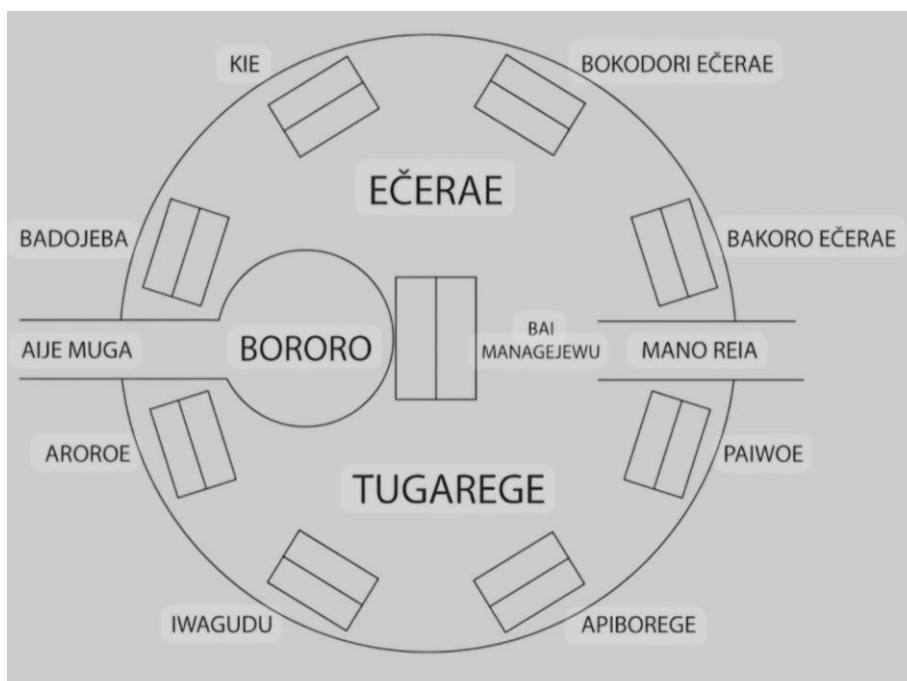


Fonte: Benilton Pereira Kogebou, 2024

Perguntei para cada um (a), que foi falando o significado do seu nome, conforme aprenderam na pesquisa. Falei para os alunos como foi importante fazer esta pesquisa, pois aprendemos sobre o significado dos nomes e, também, aprendemos um pouco sobre a história dos clãs, pois quando os mais velhos contam eles contam de forma mais detalhada, sem pressa, então, foi importante escutá-los.

Fiz um desenho no quadro, que apresento abaixo mostrando como é a organização social do nosso povo *Boe Bororo*. Fui explicando que somos divididos em dois grandes clãs: *Tugarege* e *Ečerae*. Cada clã é subdividido em quatro subclãs, e todos têm seus deveres e afazeres dentro da cultura. E, também, os nomes de cada subclã têm seus próprios nomes, os nomes é sempre de uma ave, um mamífero, ou então, um peixe. Os nomes sempre têm ligação com algo da natureza, por isso, respeitamos muito a natureza. Expliquei que o nome sempre vai ser do clã da mãe, pois seguimos a linhagem matrilinear. Exemplifiquei com meu nome *Kogebou*, que significa peixe dourado. Disse a eles que pertencia ao clã *Tugarege* e ao subclã *Iwagudu doge*, que é o clã da minha mãe, por isso, era importante saber os significados dos nomes na língua materna.

Figura 16: Organização social do povo *Boe Bororo*

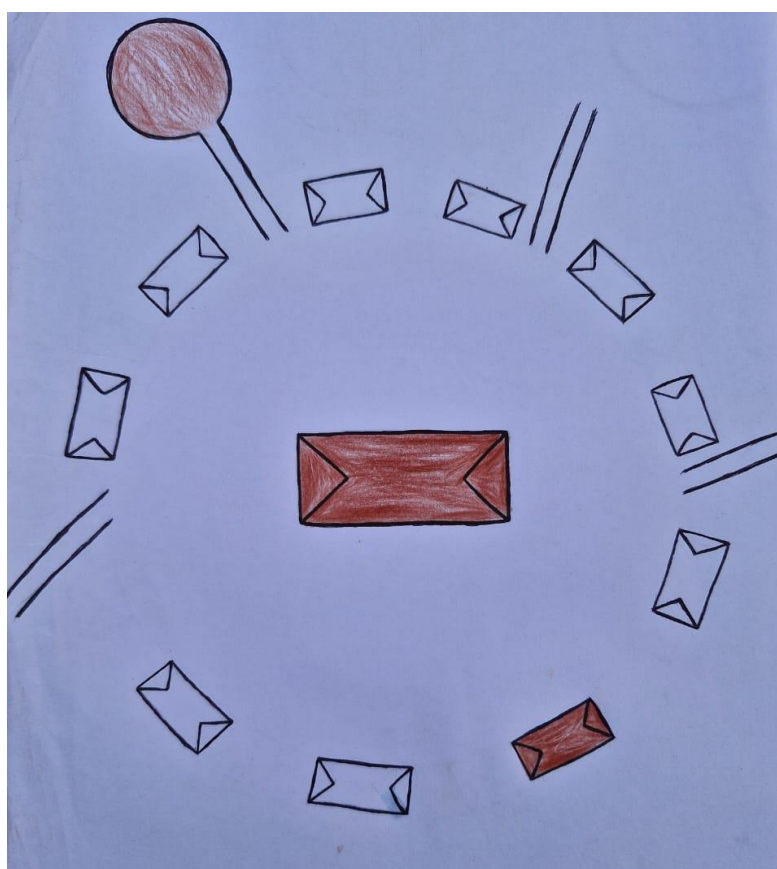


Fonte: Desenho adaptado da internet por Benilton Pereira Kogebou, 2024

A partir da explicação da organização social do nosso povo, explorando o desenho acima, escrevi todas essas informações em forma de texto na língua materna no quadro para os alunos copiarem no caderno e todos copiaram. Perguntei se tinham entendido sobre a importância de saber os significados dos nomes e todos responderam que sim.

Em seguida, pedi aos alunos e alunas para copiar o texto do quadro e fazer um desenho da organização tradicional de nossa aldeia, conforme foi explicado. Uma questão que me chamou a atenção foi o fato de uma das alunas desenhar a organização da aldeia, considerando o contexto atual, inserido no desenho as mudanças ocorridas ao longo do tempo.

Figura 17: Desenho da organização da aldeia feito por uma aluna



Fonte: Benilton Pereira Kogebou, 2024

Ao compararmos um desenho com o outro, podemos perceber que a aluna o fez, conforme ela observou a aldeia atualmente, pois houve algumas mudanças nos últimos tempos. Aumentou mais o número de casas, pois na aldeia tradicional têm apenas quatro casas em cada lado, porém, isso não afeta em nada na cultura.

No desenho, a aluna pintou somente os lugares principais para ela, no meio da aldeia o *baito* (casa de cultura), o *aije muga* (lugar dos espíritos que vêm do rio) e, também, a casa do subclã a que ela pertence, o *Bokodori Eêrae*. Foi importante a aluna fazer isso, mostrando como a aldeia é atualmente, pois ela foi a única que não fez, conforme desenhei no quadro. Assim termino o meu relato sobre esta atividade.

Tabela 7: Nome dos alunos da turma do 6º ano

NOME	SIGNIFICADO	CLÃ	SUB-CLÃ	SEXO
Boroêreudo	Enfeite de pena de araras	Eêrae	Badojeba	Feminino
Omugureudo	Lugar de flores	Eêrae	Badojeba	Feminino
Marido Coreudo	Cilindro preto	Tugarege	Iwagudu Coreu	Feminino
Bakuguma	Gavião requinta	Tugarege	Aroroe	Feminino
Parabara	Marreco	Eêrae	Bokodori Eêrae	Feminino
Batagaje	Passaro biguá	Tugarege	Aroroe	Feminino
Aere Kudu	Passaro urutau	Tugarege	Iwagudu Kujagureu	Masculino
Torowa	Gavião claro	Tugarege	Apiborege	Masculino
Karao Buregi	Passaro jaçamin	Tugarege	Iwagudu Kujagureu	Masculino
Piroje Etuje	Passaro andorinha	Tugarege	Iwagudu Coreu	Feminino

Tabela elaborada elaborada por Benilton Pereira Kogebou, 2024

4.4 A prática pedagógica sob o meu olhar *Boe Bororo*

O último momento, após o glossário ficar quase pronto, reuni com professores(as), alunos(as) e anciãos(ã), ou seja, todos aqueles que contribuíram para o desenvolvimento desse trabalho, para compartilhar com eles o glossário produzido. Todos gostaram do resultado, pois não foi só um trabalho meu, todos contribuíram na elaboração do produto educacional, que ficou de acordo com a nossa especificidade.

Conforme a fala da professora Cleide Kuwogoitoudo, é um trabalho que foi desenvolvido por todos os professores *Boe*, juntamente com nossos alunos. *Muitas vezes, tem pesquisador não indígena que faz sua pesquisa com nosso povo e ele nem sequer apresenta o resultado do trabalho para nós. Só ficamos sabendo depois que é publicado e, muitas das vezes, não fica conforme nos praticamos ou falamos da nossa cultura, por isso, este trabalho ficou muito bom*, diz a professora Cleide. Então, com esta fala, finalizamos o nosso glossário.

Essa prática pedagógica, envolvendo os nomes e seus significados na nossa língua materna, para mim foi importantíssima, pois estou pesquisando sobre o meu povo principalmente, sobre os nomes em *Bororo*, que na nossa sociedade *Boe* é a nossa principal identidade. É através dela que conseguimos nos identificar uns com os outros. Por isso, digo

com toda clareza, que aprendi muito através desse trabalho, pois a cada pesquisa que eu fazia com os anciãos, descobria algo novo sobre meu povo *Boe*. Meu povo que é rico culturalmente, com a língua materna ainda forte, as danças, os enfeites tradicionais, o batizado e o funeral em *Bororo*. Eu, como professor e pesquisador indígena *Boe Bororo*, gostei muito desse trabalho.

Este trabalho para mim foi muito importante e também foi muito desafiador pesquisar os significados dos nomes, tive que conversar ou pesquisar muito com os nossos anciãos e anciãs, que contribuíram muito para que esse trabalho ficasse, conforme o nosso costume. Em momento algum, deixaram de me ajudar. A partir desse trabalho pedagógico, em diálogo com nossa educação *Boe*, esse conhecimento ancestral ficará registrado.

Todos os significados dos nomes vão ficar registrados, num Glossário, onde quem quiser saber sobre este tema, poderá pesquisar. Conforme disse o ancião Joaquim Burudui, *estamos velhos, daqui uns dia nós vão embora com os Aroe (espíritos do bem) para outra aldeia, por isso, é importante deixar registrado para nunca ficar no esquecimento*. Trago aqui registrada essa fala do seu Joaquim, o ancião que contribuiu muito com seus conhecimentos para este trabalho.

Mas, também, registro aqui que o seu Joaquim Burudui não poderá ver fisicamente o resultado desse trabalho, porque num dia de domingo e de muito sol, os *Aroe* vieram buscá-lo para morar na aldeia celestial. Para nós, *Boe Bororo*, seu Joaquim sempre estará vivo em nossas memórias, porque na nossa cultura, quem morre vai embora para outra aldeia. Seu Joaquim ancestralizou e acreditamos que um dia, todos nós nos o encontraremos nessa aldeia celestial.

O resultado desse trabalho foi muito bom, pois pude observar que consegui mostrar a importância da nomenclatura na língua materna *Boe*, pois quando estou em sala de aula lecionando, ouço as crianças chamarem o outro pelo nome em *Bororo*, sem que sejam cobrados. Fico feliz, porque quando comecei a desenvolver esta pesquisa, observei que os(as) alunos(as) não chamavam o outro pelo nome da língua materna. Eles não faziam a ideia de como era o significado do seu próprio nome, e isso me preocupou, pois nós, como professores(as) indígenas, temos o papel de falar da importância da nossa cultura com os nossos(as) alunos(as). E com esta pesquisa, fui trabalhando com eles, mostrando o significados dos nomes e o quanto isso é importante como forma de fortalecer a nossa identidade *Boe*.

Acredito que depois de pronto, esse trabalho vai servir como material pedagógico para todas as escolas *Boe Bororo* pois, como já foi citado, não tem outro trabalho desenvolvido como este em lugar nenhum. Por esse motivo, vai ajudar muito os próximos que virão a fazer

sua pesquisa, ou então fazer alguma atividade em sala de aula, envolvendo os nomes na língua materna.

Nós temos poucos materiais pedagógicos como este, pois a maioria dos materiais vem da cidade, conforme o costume dos não indígenas. De um modo geral, ainda há pouco material produzido por nós e sobre nós, povos indígenas, por isso, nós mesmos devemos produzir os nossos materiais para trabalhar sobre o nosso povo em sala de aula. Então espero que esse trabalho seja bastante utilizado em todas as nossas escolas *Boe Bororo*, como material pedagógico, pois com o significado dos nomes é possível desenvolver várias atividades.

Neste tópico, descrevi sobre a minha prática pedagógica em sala de aula, a seguir, descrevo como foi produzido o nosso produto educacional sobre os nomes próprios de pessoas em *Boe Bororo*.

4.5 Nosso produto educacional

Primeiramente, quero destacar, mais uma vez, que este trabalho teve como objetivo mostrar para as crianças e os jovens *Boe Bororo* sobre importância de valorizar o nome em *Boe*, e também compreender sobre seus significados, pois é um costume milenar que precisa ser repassado de geração em geração. Quero explicar que repassar e transmitir não são a mesma coisa desenvolvida por uma educação bancária, pois são termos que fazem parte de uma educação *Boe*, porque repassar é um mecanismo comunicativo da oralidade, dos ensinamentos culturais que são específicos do povo *Boe*. Repassar é contar ao outro não apenas o que é o nome, mas que esses nomes estão associados aos clãs e que eles têm significados.

É importante dizer que tem sido difícil a continuidade de chamar outros *Boe* pelo nome *Boe*, pois historicamente tiraram nossos nomes, há intervenções midiáticas constantes, há uma falta de valorização da língua *Boe* no contexto nacional, inclusive, de desconhecimento dentro do próprio estado de Mato Grosso, assim, todas as intervenções sociais e culturais que sofremos nos impacta e produz mudanças.

Enquanto política linguística e cultural, no contexto do mestrado produzimos um glossário com os nomes dos alunos, durante minha prática pedagógica com a turma da Educação Infantil, turmas do 1º ao 5º ano do fundamental I, e a turma do 6º ano do fundamental II da Escola Estadual Indígena Korogedo Paru, aldeia Córrego Grande.

Toda a ação didático-pedagógica resultou num glossário, com os nomes dos alunos e alunas na língua *Boe*. Durante esse percurso, pesquisamos 90 nomes na língua materna, cada um com seu significado próprio. Para a produção do glossário, organizamos os(as) alunos(as)

por turma, para um melhor desenvolvimento do trabalho, pois, além do contexto escolar, fizemos pesquisa sobre o tema na casa das famílias desses estudantes. Quero destacar que o envolvimento da comunidade nesse processo foi fundamental, porque não é só no contexto da escola que acontece o aprendizado. O Referencial Curricular Nacional para as escolas Indígenas também orienta sobre a participação da comunidade nos processos de ensino e aprendizagem dos nossos estudantes, como podemos ler abaixo:

Os momentos e atividades de ensino-aprendizagem combinam espaços e momentos formais e informais, com concepções próprias sobre o que deve ser aprendido, como, quando e por quem. A escola não deve ser vista como o único lugar de aprendizado. Também a comunidade possui sua sabedoria para ser comunicada, transmitida e distribuída por seus membros; são valores e mecanismos da educação tradicional dos povos indígenas (Brasil, 1998, p. 23).

Portanto, o glossário produzido traz, também, muito da participação dos pais. Quanto à estrutura desse material, ele traz o nome em *Boe Bororo*, seguido do seu significado, o clã e subclã a que pertence.

É importante destacar que os nomes da Tabela 7 que compõe o glossário, foram coletados por mim, porém, não desenvolvi nenhuma prática pedagógica com o 7º ano, pois não atuo como professor nessa turma. E, também, aproveitei para ampliar a quantidade de nomes do glossário. O glossário, na versão completa, virá, em anexo, nesta dissertação.

Tabela 8: Nome dos alunos da turma do 7º ano

NOME	SIGNIFICADO	CLÃ	SUBCLÃ	SEXO
Tawie	Pássaro gaivota	Tugarege	Apiborege	Masculino
Ikawa Kurireu	Topete de gavião real	Tugarege	Apiborege	Masculino
Kuruguga Ikareudo	Pena de gavião real	Tugarege	Apiborege	Feminino
Kujibo Redo	Rio Cóxipo	Tugarege	Iwagudu Coreu	Feminino
Kiegere Towudo	Lugar dos pássaros	Tugarege	Aroroe	Feminino
Kide Ekureudo	Periquito	Tugarege	Iwagudu Coreu	Feminino
Wudore	Colar de unha de animais	Eçerae	Badojeba	Feminino
Butugoenaudo	Passaro bem-te-vi	Eçerae	Bokodori Eçerae	Feminino
Bokodori	Tatu canastra	Eçerae	Bokodori Eçerae	Masculino
Bataro	Pássaro João Pinto	Eçerae	Bokodori Eçerae	Masculino
Enari	Pica-pau	Eçerae	Badojeba	Masculino
Çibae Redo	Arara canga	Eçerae	Bokodori Eçerae	Feminino
Kudoro	Arara azul	Tugarege	Aroroe	Masculino
Bapo	Chocalho	Tugarege	Paiwoe	Masculino

Tabela elaborada por Benilton Pereira Kogebou, 2024

As tabelas apresentadas acima resultam da pesquisa, mas não estão terminadas, pois a cada nomeação surgem novos nomes que estão associados aos clãs a que cada pessoa pertence. A pesquisa e organização das tabelas foi fundamental para perceber que é importante que a família continue relatando e dialogando sobre a nominação na língua materna em suas casas, pois retomar essa prática cultural é um ato político e de resistência

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa para mim foi muito importante como pesquisador indígena do povo Boe Bororo, pois eu tava pesquisando sobre meu próprio povo, aprendi muito com isso, sobre o significado dos nomes da língua materna e esse ensinamento que aprendi com nosso ancião levarei por resto da vida. Ensinarei na minha escola tudo que aprendi nessa pesquisa, pois eu como professor *Boe* me vejo na obrigação de ensinar sobre a cultura do meu povo para os meus alunos, pois não podemos deixar a nossa cultura milenar enfraquecer temos que continuar repassando de geração em geração, como vem acontecendo até agora.

Eu, enquanto professor *Boe*, ou seja, um pesquisador indígena, me sinto realizado com minha pesquisa, pois era algo que queria muito fazer, pesquisar sobre o ritual de nomeação em *Boe Bororo*. Eu sentia que essa prática vinha perdendo força entre as crianças e os jovens, porém, com esta pesquisa, acredito que entenderam sobre a importância de chamar uns ao outros pelo nome na língua materna. E me sinto mais realizado ainda, porque consegui produzir o glossário com os significados dos nomes dos alunos e das alunas. Todo o ensinamento que aprendi com o ancião sobre a cultura do meu povo, vou levar comigo pelo resto da minha vida e, quando for preciso, estarei repassando esse conhecimento na sala de aula. Esta pesquisa me deu a oportunidade de aprender ainda mais sobre o meu povo, pois meu povo é rico culturalmente, uma cultura que vem sendo repassada de geração em geração, pois é necessária para a nossa sobrevivência, enquanto povo *Boe Bororo*.

E ouvindo cada depoimento sobre o meu trabalho, fiquei com mais vontade de fazer e finalizá-lo, pois todos eles o elogiavam. Isso me dava mais coragem de seguir com um único objetivo, terminar e dizer para todos eles que conseguimos, aqui está o nosso trabalho. Digo nosso trabalho, porque foi produzido por todos nós, professores, alunos e anciãos dessa aldeia. Foi muito difícil e desafiador o percurso da pesquisa, mas em momento algum pensei em desistir, pois acredito muito que nós, pesquisadores indígenas, temos muito que contribuir para o nosso povo, mostrando a importância da nossa cultura para as sociedades envolvidas, e que somos capazes de fazer uma grande pesquisa sobre nosso povo, conforme o nosso jeito de ser indígena.

Sobre o tema da minha pesquisa, acredito que poucos escreveram sobre isso, ou seja, é um trabalho que vai servir para os outros pesquisadores *Boe* que virão futuramente, ou até mesmo para as sociedades não indígenas que queiram pesquisar sobre o meu povo.

O resultado desse trabalho foi importante, porque durante uma das minhas aulas, pude observar que os alunos do 6º ano não sabia o significado do seu próprio nome na língua materna e não tinha interesse em chamar o colega pelo nome na língua materna. Quando fazia a chamada em sala de aula pelo nome na língua materna, os alunos e alunas demoravam muito para responder. Para mim, isso era preocupante, pois o nome faz parte da nossa identidade como *Boe Bororo*, pois através dele conseguimos identificar o clã a que a pessoa pertence. Por este motivo escolhi este tema para trabalhar na escola, pois acredito que, a partir do momento que eles compreenderem sobre o significado do seu nome, terão interesse em chamar os colegas pelo nome em nossa língua *Boe*, conforme deve ser a tradição.

Os significados dos nomes vêm dos peixes, dos animais e das aves, os nomes envolvem tudo o que faz parte da natureza, por isso, respeitamos muito a natureza. Esse ritual de nomeação faz parte da nossa identidade como *Boe Bororo*, pois através do nosso nome, conseguimos identificar a qual clã a pessoa pertence, e os nomes não são repetidos, cada pessoa tem seu próprio nome, que é bastante cosmológico e, também, nomeia lugares. Pude observar que depois da pesquisa, os alunos tiveram um avanço. Quando pergunto como é o nome deles na língua materna, eles respondem certinho, bem como, a qual clã e subclã pertencem. Assim considero que os objetivos propostos para a minha prática pedagógica, a partir do tema escolhido, contribuiu para o processo de ensino e aprendizagem, bem como, para a valorização e fortalecimento dessa prática cultural tão importante para o meu povo, pois é parte de nossa identidade *Boe*.

E nesse caminho didático-pedagógico, considero a nossa escola como uma forte aliada para a vitalização e, muitas vezes, para a retomada de saberes que já não estão sendo mais praticados, a exemplo de nossa própria língua que, aos poucos, está sendo tomada pela língua portuguesa. Portanto, considero a escola como um espaço importante para nos ajudar a retomar e registrar nossos conhecimentos e ensinar nossa língua materna, porém, respeitando-se nossa pedagogia própria.

A escola da minha aldeia oferta o ensino bilíngue, onde ensinamos primeiro na nossa língua materna, depois na língua portuguesa, respeitando-se o PPP, pois nossa escola tem currículo próprio, onde está escrito que a escola tem que funcionar do nosso jeito, embora, muitas vezes encontramos algumas dificuldades com a DRE, que ainda

não entende como funciona a nossa escola, o jeito que nós trabalhamos, principalmente, na parte dos materiais pedagógicos, que eles mandam para nós. Muitas vezes, exigem que nós, professores e professoras, trabalhemos somente os conteúdos daquele livro, esquecendo que temos um ensino específico, de acordo com a nossa cultura e cosmologia *Boe Bororo*.

E é respeitando esse ensino específico que produzimos os temas que vamos trabalhar com os alunos, principalmente, no componente de língua materna, em que planejamos nossas aulas, conforme o nosso jeito de falar e viver na nossa aldeia. Para nós, povo *Boe*, o ensino não fica somente na sala de aula, o ensino vai muito além da sala de aula, pois os alunos aprendem, também, observando e ouvindo os mais velhos conversar, por isso, sempre levamos os alunos até a casa do nosso ancião para ele contar sobre as nossas histórias e as nossas narrativas.

Os alunos gostam muito desse ensino, em diálogo com os nossa educação tradicional, pois é o momento em que eles ouvem o ancião, e quando voltamos para sala de aula, discutimos e refletimos sobre esses conhecimentos. Assim, compreendo que esse fazer pedagógico do nosso jeito, pensado e planejado por nós, professores e professoras, respeita a nossa pedagogia *Boe Bororo*, contribuindo para uma educação específica e diferenciada, um direito nosso, que está assegurado na Constituição Federal de 1988.

Quero dizer, ainda, que esse trabalho não se encerra por aqui, pois pretendo continuar trabalhando esse tema e outras questões culturais na escola e na comunidade, porque isso faz parte da nossa identidade, e é isso que nos faz *Boe Bororo*.

Assim, sob esse olhar decolonial, que desenvolvi todo o meu trabalho pedagógico, dialogando com nossos saberes, que considero a base para a nossa educação escolarizada.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÈ, Marli Eliza D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. 9. Ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.

BORDIGNON, Mário. **Os Bororos na História do Centro Oeste Brasileiro 1716/1986**. Campo Grande: Missão Salesiana de Mato Grosso/ CIMI- MT, 1986.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil** 1998. Brasília, 1997.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para as escolas indígenas**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CROCKER, J. Christopher. Reciprocidade e hierarquia entre os Borôro. In: Schaden, Egon (org.). **Leituras de etnologia brasileira**. São Paulo: Ed. Nacional.

FERREIRA, Waldinéia Antunes de Alcântara. **Metodologia de Pesquisa Educacional: pedagogia intercultural**. |Cuiabá: VT Print Gráfica, 2020.

FREIRE, Paulo. **Um diálogo com Paulo Freire sobre educação indígena**. In: Assembleia do Conselho Indigenista Missionário. Anais [...]. Cuiabá: Cimi, 1982. p. 115-151.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO-PPP da Escola Estadual Indígena Korogedu Paru. T. I. Tereza Cristina-MT, Consultores Nativos, 2022.

QUIJANO, Aníbal. “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina”. LANDER, Edgardo (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas**. CLACSO, Buenos Aires, Argentina. 2005

RONDON, C. A.; LEÃO, M. F. A relação do povo indígena Bororo com os animais e a influência em suas práticas culturais e sociais. **Tellus**, [S. l.], v. 18, n. 36, p. p. 123–152, 2018. DOI: 10.20435/tellus.v18i36.507. Disponível em: <https://www.tellus.ucdb.br/tellus/article/view/507>. Acesso em: 30 mar. 2025.

STEINEN, Karl von den. 1915. Entre os Borôros. (Tradução do cap. XVII da obra *Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens*, por Basílio de Magalhães). **Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro**, Tomo LXXVIII, Parte II, p. 391-490. Disponível em: http://biblio.etnolinguistica.org/steinen_1915_bororos Acesso: 26/03/2025

7 CONHECEDORES DA CULTURA *BOE BORORO*

BURUDUI, Joaquim Batista.(Fonte Oral) **Conhecedor da cultura Boe Bororo.** Território Tereza Cristina, aldeia Córrego Grande. Santo Antônio do Leverger-MT, 2024.

MERI. Dolor. (Fonte Oral) **Significados dos nomes na língua materna.** Território Indígena Tereza Cristina, aldeia Córrego Grande. Santo Antônio do Leverger-MT, 202

KUWOGOITOU DO, Cleyde.(Fonte Oral) **Importância dos nomes na língua materna e organização social Boe Bororo.** Território Indígena Tereza Cristina, aldeia Córrego Grande. Santo Antônio do Leverger-MT, 2024.

BAKOROKARU, Pereira Benedito. (Fonte Oral) **Professor e Cacique.** Território Indígena Tereza Cristina, aldeia Córrego Grande. Santo Antônio do Leverger-MT, 2024.

Anexo

BAPERA BOE EIE ROGU TABO BOE EWADARU TABO

(Glossário dos nomes na língua materna *Boe Bororo*)

BENILTON PEREIRA KOGEBOU



Barra do Bugres-MT
2025

Foto da capa: Benilton Pereira Kogebou



TAGAIWODO AWU BAPERAJI

Awu bapera keje padumode nuda boe ero kigodure boe eiedodu keje, du kodi boere nuba boe erore, nuba egore, atugowo awu bapera keje boe etore eduwo ji , etaiwowo to euduawo kodiba boe eiedodu kigodure, boe eiedodu paga karegure, mariguduwo boe ero reno, dukodire ere pu joduwado nuba boe egore, nuba boe erore ,nowu inodu akedu kawo, boe ekeduwo nowu turo rogu boeji akedu kawo.

Itaiwo tabo boe etorei toro bapera keje, iodure nuba ere, nuba egore pui, nowu itaiwo tabo iodure nuba egore pui , etaidu kare tumagowo pui tugie boe ewadaru tabo. Dukodire ire awu bapera towuje, egore glossário aino ji , paduwo awu bapera keje nowu boe ero marigudu rogu paduwo keje, jamedu maku duwo awu bapera epage erugadu boe ewogai, emaragoduwo tabo, boe etore ebo, boe etore eduwawo kodiba tugiere ainono boe ewadaru tabo.

Awu glossário towu jedure boe ewadaru tabo, barae ewadaru tabo, towujedure nuba boere tuwoboe emuga kae, nuba boe ekiere tuwoboe eie tabo, dukodi boe ekiedodu paga karegure kodi boere. Towuje dure nuba boe ero kigodure, nuba paro kigodure nowu boe etore eie dodu keje, towu je dure , joduwareuge ebo mariguduwege ebo,pao pega , paje pega ebo , emagere eduware nowu inodu ji kodi, duko dire ioduwa godure ebo, awu ino bapera towuje dure du tabo, dukodire iodure boe ero kurireu reno, awu boe etore bapera epage eduwawo nowu inoduji, kodiba tugiere ainono boe etore nure emage kodi, ekodu mai kimore kodi erijo duwo tuioduwa tabo.

Dukodire awu bapera keje padu mode boe erugadu boe eduwawo, boe eie dodu paga paga karegure, boe etuwo , boe etuwo pega boe etiedaga emagere eduwa mode nuba boe eie mode. uwoboe ekie kae, Boe eie mode tuje eie tabo, pagodure paje uwoboe eie rekodaji, êegi boe ainore êere: Tugarege Eêerae, nowuge etaere boe eie dodu kigodure.



Kodire awu bapera towuje dure boe eie jiboe muguwo keje, awu glossário keje , awu boe etore riô dure maigo duwuge etaiwowo awu bapera ji, eduwawo boe eie jiboe ji padu mode awu bapera keje.

Imi inai pemegare rugadu iwo awu bapera atugodu, paduwo awu bapera keje, pagi mejerage pao pega kugere nure emage ia meri keje etu mode pabiji, ewi mode âa nuba paro mode paduwa kare nono eduwa reore, du kodire nowuia boe eimejera bire dukeje ure tuioduware jiboe rugadu boe reko pudabo, dukodire imi bapera epa boe nure imi, dukodire ire awu bapera atugodu iwo boe eie jiboe bu awu bapera keje, boe ewiagodu kawo awu paro rogu boe piji , pagawo pagera rawuje nowu inodu piji.

Pemega !



APRESENTAÇÃO

Este material tem como objetivo mostrar para as crianças e os jovens *Boe Bororo* sobre a importância de valorizar o nome em nossa língua materna e, também, compreender sobre seus significados, pois é um costume milenar que vem sendo repassado de geração em geração, e que precisa permanecer entre nós.

Conforme a minha observação, pude compreender que os jovens, que são o futuro do nosso povo, estão perdendo o costume de chamar os outros pelo nome em *Boe Bororo*. Por este motivo, produzi este glossário para registrar esse conhecimento ancestral e, também, para servir de material de apoio didático-pedagógico em nossas escolas.

O glossário é bilíngue *Boe-Português* e foi organizado de acordo com o clã e subclã aos quais pertencem cada nome. Ele foi produzido conforme os nossos costumes, através do conhecimento dos anciãos da aldeia, em que pude compreender como é importante repassar para os nossos alunos esses ensinamentos, principalmente, sobre os significados dos nomes na língua materna, e que usaremos pelo resto da vida.

É importante ressaltar que esses nomes não são escolhidos de qualquer jeito, e sim escolhidos pelos pais, avós e padrinhos da criança que irá receber o nome. O nome sempre vai ser do clã e subclã da mãe, porque seguimos a linhagem matrilinear, somos um povo dividido em dois grandes clãs: *Tugarege* e *Eêerae* e cada clã tem seus subclãs, e os nomes são escolhidos de acordo com cada clã e subclã.

Por isso, é importante deixar registrado os nomes nesse glossário para que as futuras gerações tenham acesso a esse material, para saber o significado de alguns nomes na nossa cultura.

Para mim, foi importante deixar registrado, pois os nossos anciãos estão partindo, a maioria deles já foi morar na aldeia celestial, e a cada



ancião que parte desse lugar para morar na aldeia celestial é um livro que se fecha e um mestre da cultura que se vai, levando todos seus conhecimentos. E, enquanto professor indígena do nosso povo *Boe Bororo*, vou deixar esses nomes registrados nesse glossário.

Pemega!

Kogebou



CLÃ TUGAREGE

Awu boe ejera Tugaregere ejera reo. Iere Tugo atugo Kujagu.Ure nono tugo atugo reore kodire iere ainono.

Tugarege ainore boe egore , emagere boe kuriregere emage, ainore ure nowu Boe eda kurireu keje Tugarege edure nowu Sul jagoai. Awu Tugarege ainore ere ikera pudogidure pobe, ainore ere lwagudu, Aroroe, Paiwoe, Apiborege, nowu epadure pumekejedu rogu boe, ekiere nowu tumuga kae, ejerare nowu tumuga kae, enoroere nowu tumuga kae, emaragodaere nowu tumuga kae. Ainore boe erore.



Subclã Iwagudu



Aere Kudu: pássaro urutau

Araredugo: pintura do piraputanga

Araru Bororo: lugar de peixe piraputanga

Araru Ekureudo: peixe piraputanga

Araru Mejerago: chefe dos piraputangas

Baku Riri: bandeja redondo

Iwodu Mugureudo: dança em Bororo

Jarudo: peixe mandi

Karao Buregi: pássaro jaçamin

Kare Ečeba: pescador

Kide Ekureudo: periquito

Kide Mugu: lugar dos periquitos

Koge Mugureu: lugar do peixe dourado

Kujibo Redo: rio Coxipó

Marido Čoreudo: cilindro preto

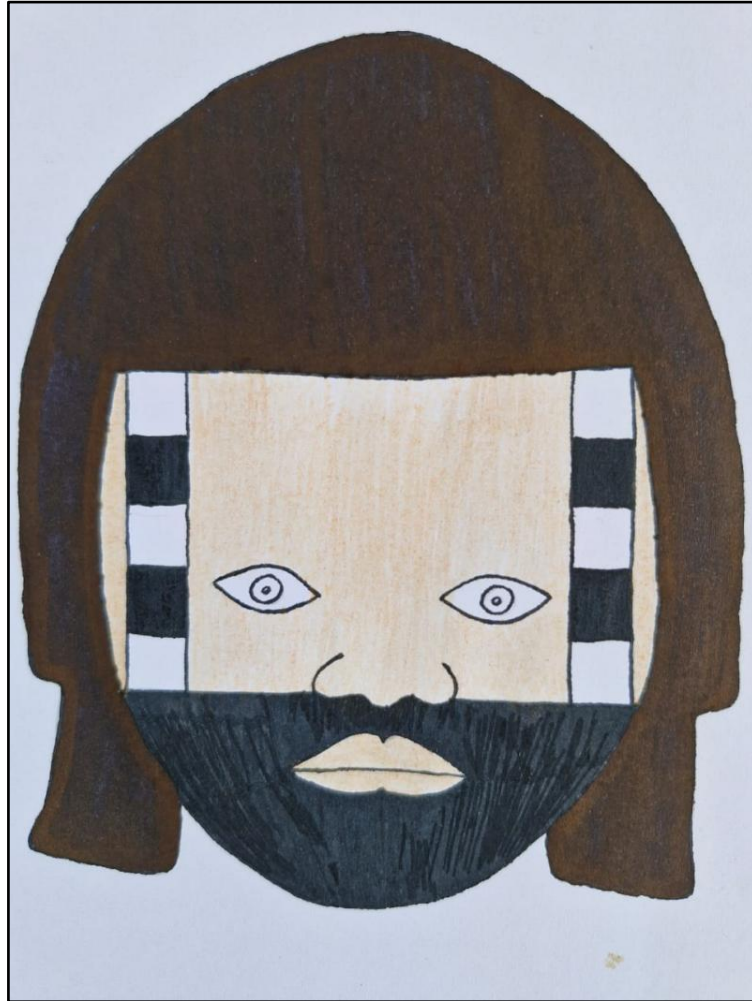
Meri Rutu: sol subindo

Piroje Etuje: pássaro andorinha

Tubore Pijiu: Peixe lambari



Subclã Apiborege



Ikawa Kurireu: Topete de gavião real

Kuruguga: Gavião real

Kuruguga Ikareudo: Pena de gavião real

Kuruguga Mugureudo: Lugar de gavião real

Tawie: Pássaro gaivota

Torowa: Gavião claro

Tuopado: Aldeia grande

Subclã Aroroe



Aije Ako: espírito da água

Akarubo Kuri: pedra grande

Bakuguma: gavião requinta

Bakuja Towudo: lugar bonito

Batagaje: pássaro biguá

Ipare Erudu: rapaz guerreiro

Kiegere Towudo: lugar dos pássaros

Kudoro: arara azul

Motojeba: terra

Nabure Rugu: arara vermelha

Nabure Taga: pena de arara vermelha

Naburetaró: pena de arara vermelha

Tamigi: pássaro anhumá



Subclã Paiwoe



Bapo: Chocalho

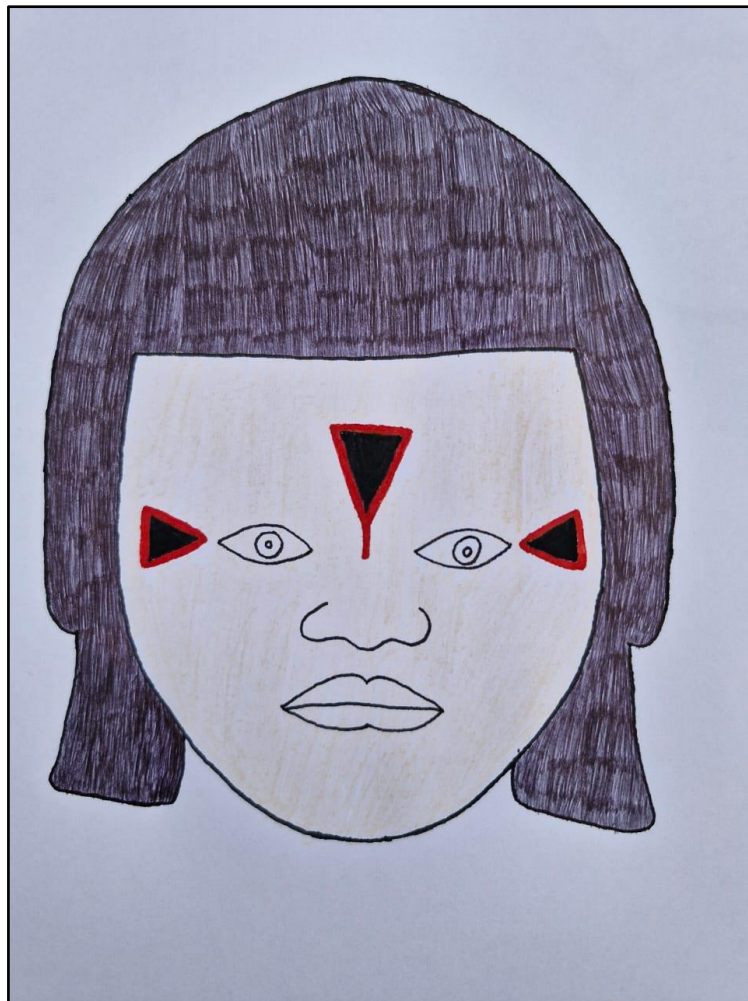
Ipare Etuje: Mãe do rapaz

Kuido: Arara amarela

CLĂ EČERAE

Awu boe ejera Ečerae ejera reno. Iere Koge Bure ,ure nono koge bure atugo reore kodire iere ainono.

Ečerae ainore boe egore, emagere boe kurireugere emage, ainore ure nowu boe eda kurireu keje Ečerae edure nowu Norte jagoai. Awu Ečerae ainore ere ikera pudogidure pobe, ainore ere Badojeba, Bakoro Ečerae, Bokodori Ečerae, Kie, nowu epadure pumekejedu rogu boe, ekiere nowu tumuga kae, ejerare nowu tumuga kae, enoroere nowu tumuga kae, emaragodaere nowu tumuga kae. Ainore boe erore.



Subclã Badojeba



Aroe Reia: lugar das almas

Bakarae Kiga: colar feito com pena de arara vermelha

Bororo: pátio da aldeia

Boročereudo: Enfeite de pena de araras

Enari: pica-pau

Kiga: Chifre

Koge Kujagureu: Peixe dourado vermelho

Kuwogoi Redo: Ipê amarelo

Meritogiu: brilho do sol

Meritorio: sol brilhando

Meri Ekureudo: sol amarelo

Omugureudo: lugar de flores

Pobe Kareudo: peixe pacu

Uwaboreudo: coração grande

Wudore: colar de unha de animais



Subclă Bakoro



Adugo Aredu: onça fêmea

Adugo Kurireu: onça grande

Enogujeba: broto de babaçu

Kide Čeba: caçador de periquito

Pariko Ekureu: cocar amarelo

Subclã Kie



Baku Enaureudo: bandeja grande

Baru Kujagu: céu vermelho

Ki Bakororo: lugar das antas

Tori Tadau: lugar das pedras

Subclã Bokodori



Aroe Tugo: flecha das almas

Arogiareudo: mulher guerreira

Barubo Ekureudo: bracelete feito com pena de arara amarelo

Batare Ekureudo: enfeite amarelo

Bataro: pássaro João Pinto

Bokodori: tatu canastra

Butugo Akiri: flecha enfeitado

Butugoenaudo: pássaro bem-te-vi

Čibae Redo: arara canga

Čibae Togiu: pena de arara canga

Eke Nowareudo: castanho

Ekureudo: amarelo

Ika Togiudo: canoa

Koe Pradu: colar de tucum

Koge: peixe dourado

Magurureudo: menina que passeia

Parabara: marreco

Parabara Kurireu: marreco grande

Togodaga: flechado

Urugureudo: vermelho



Sobre o autor



Imi ikiere Benilton Pereira Kogebou. Imi Boe Bororo nure imi, imugure boe eda Korogedo Paru keje. Aino bapera epa nure imi, imaragodure marigudu 13 anos, imaragodure Escola Estadual Indígena Korogedo Paru keje, marigudu coordenador pedagógico ure imi nono bapera keje, 2016 a 2017, maigodu aino bapera epa nure imi, jamedu orientador Saberes Indígenas kejeu nure imi, jamedu bapera epare imi auxiliar toro Faculdade Indígena Intercultural – FAINDI/UNEMAT. Ire formado em Pedagogia Intercultural, maigodu aino imugure mestrando nure imi Programa de Pós-Graduação em Contexto indígena Intercultural – PPGECEI, turma 2023.